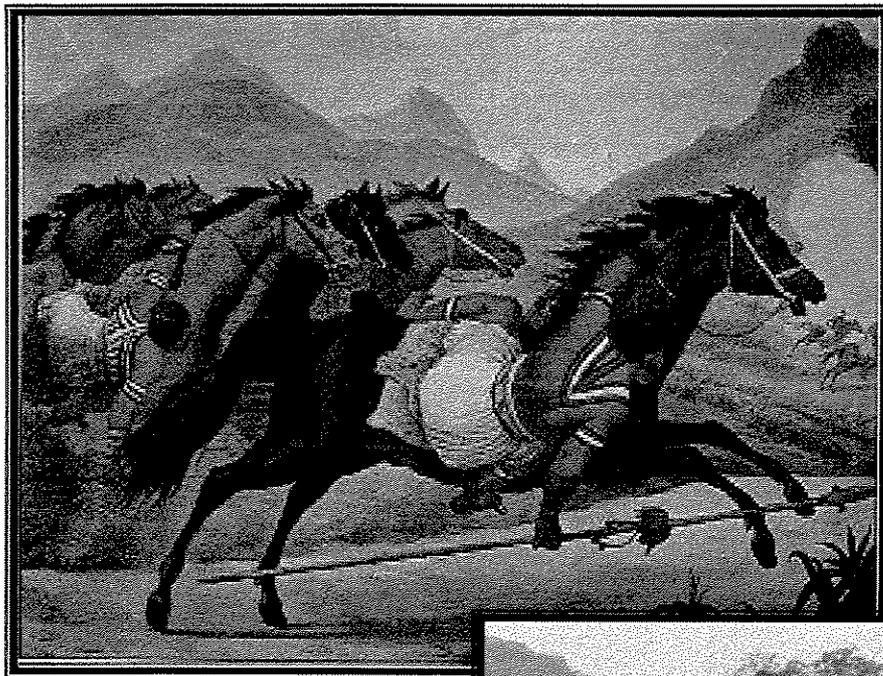


MESTRADO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

MEMÓRIAS DO GUERREIRO, SONHOS DE ATLETA:
Jogos Tradicionais e Esporte entre Jovens Kadiwéu



Tela: Debret/1834 - 'Carga de Cavalaria Guaicuru'
Foto: Vinha/1998 - 'Equipe de Futebol Kadiwéu'

MARINA VINHA
1999

Mestrado
Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física

MEMÓRIAS DO GUERREIRO, SONHOS DE ATLETA:
Jogos Tradicionais e Esporte entre Jovens Kadiwéu

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Educação Física, sob orientação da Profa. Dra Maria Beatriz Rocha Ferreira.

**MEMÓRIAS DO GUERREIRO, SONHOS DE ATLETA:
JOGOS TRADICIONAIS E ESPORTE ENTRE JOVENS KADIWÉU**

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado defendida por Marina Vinha e aprovada pela Comissão Julgadora em 23 de Agosto de 1999.

Data: 23/Agosto/1999

Assinatura: Marina Vinha

900000284

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA-FEF
UNICAMP**

V759m	<p>Vinha, Marina</p> <p>Memórias do guerreiro, sonhos de atleta: jogos tradicionais e esporte entre jovens kadiwéu / Marina Vinha. -- Campinas, SP : [s.n.], 1999.</p> <p>Orientador: Maria Beatriz Rocha Ferreira</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.</p> <p>1. Índios da América do Sul-Brasil. 2. Índios da América do Sul-Vida e costumes sociais. 3. Jogos. 4. Esportes. 5. Antropologia. 6. Análise de discurso. I. Ferreira, Maria Beatriz Rocha. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.</p>
-------	---

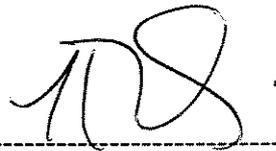
MESTRADO

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física
Campinas – 1999**

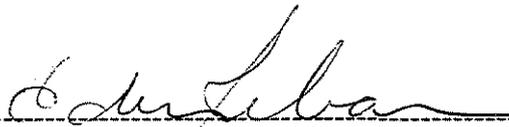
COMISSÃO JULGADORA:



Prof.a Dra. Maria Beatriz Rocha Ferreira
(Orientadora)



Prof.a Dra. Eni Pulcinelli Orlandi



Prof. Dr. Ademir Gebara

AGRADECIMENTOS

À UCDB/Universidade Católica Dom Bosco, de Mato Grosso do Sul, pela concessão de bolsas de estudo, sem a qual o projeto de mestrado teria sido inviabilizado.

Ao FAEP e à FEF/Pós-Graduação, ambos da UNICAMP, pelo suporte financeiro e cedência de instrumentos para realização da pesquisa de campo.

Externo meus agradecimentos à Administração da FUNAI/ Campo Grande, na pessoa do Sr. Joel de Oliveira e de Lísio Lili, pela autorização de ingresso na Reserva Indígena Kadiwéu. Ao Chefe de Posto de Bodoquena Oliver Brasil Moreira de Oliveira, meus agradecimentos especiais por sua companhia e atenção.

Agradeço aos Kadiwéu pelas constantes acolhidas na Aldeia Bodoquena, nas pessoas do Seu Liberdito Rocha, cacique geral; ao Daniel Matchua, responsável pelas questões da cultura e esporte; ao casal Cleuza e Eusébio Alcântara que várias vezes me hospedaram em sua casa e quando não, sempre me cobriram de carinho e atenção.

À Prof.^a Dra. Maria Beatriz Rocha Ferreira, orientadora e amiga, por me orientar além dos espaços acadêmicos. Ao Prof. Dr. Ademir Gebara, pela atenção e incentivo à participação em grupos de estudos. Agradeço às Equipes Administrativa e Docente da Faculdade de Educação Física/UNICAMP.

Foi um longo caminho percorrido até aqui, com muitas pessoas em minha companhia. Por isso citar nomes é um risco, mas não posso deixar de mencionar as que estiveram mais próximas de mim, para que este trabalho se realizasse.

Aos colegas do mestrado e do grupo de estudos de antropologia bio-cultural: Juliana Martustelli, Eliana Lúcia Ferreira, Mirja J. Weller, Maria Victória Camacho Duran e Diná Faria, pelas longas reuniões de estudo, apoio e carinho.

Para Kátia Calegari, com quem voltar para casa passou a significar uma imensa satisfação.

Ao meus pais, Waldemar Vinha e Elvira Mantovan Vinha, sempre incentivadores e confiantes em minhas realizações. À irmã Sueli Vinha Melo e aos sobrinhos Heloíse Vinha Melo e Ricardo Vinha Melo. Ao José Vanderlei Ângelo, Sales Melo e aos primos Sana, por torcerem por mim.

Aos amigos de Mato Grosso do Sul:

À Jacinta e Francine dos Santos, pela hospedagem, apoio e afeto. À Isabella Souza Santos, cuja infância me alegrou. À amiga Tarsila Barros de Souza, pelos conselhos e energias positivas. Ao Ênio de Souza Freitas, sempre presente em meu pensamento.

Às amigas: Ana Maria Gomes, Célia Molina, Maria Rita Azambuja, Vitória Brancher Formighieri, pelo carinho, atenção constantes e incentivos. À Terezinha Pereira Braz, com quem dei os primeiros passos para retomada dos estudos acadêmicos e à Marina Evaristo Wencelau, pelo apoio e pelas longas conversas sobre os Guarani, os Terena e os Kadiwéu.

Às grandes amigas que fiz na Faculdade de Educação e no Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, em especial à Prof.^a Dra. Eni Pulcinelli Orlandi.

Quanto mais conhecia outros lugares, mais me certificava do meu 'pertencimento' ao campo de conhecimento da Educação Física e Esporte.

1. SUMÁRIO

RESUMO ABSTRACT

APRESENTAÇÃO	1
a) Introdução	1
b) Organização do Trabalho	3
1. MÉTODO	5
1.1 Teorias e Procedimentos	5
1.2 Fontes Oraís	6
a) Informantes	8
b) Especificidade	9
c) Categorias para Análise	10
d) Identificação dos Informantes	10
1.3 Fontes Etnológicas e Historiográficas sobre os Kadiwéu	12
a) Missionária e Militar	13
1.4 Fontes – Brincadeiras e Esporte	14
1.5 Análise dos Dados	15
2. OS MBAYÁ-GUAICURU E OS KADIWÉU	17
2.1 Aspectos Histórico-Sociocultural	17
a) ‘Habitat’ e ‘Locus Cultural’	18
b) Organização Social e Resistência	22
c) Localização, Sedentarização e Dados Populacionais	26
d) Festas	29
e) Formação do Guerreiro	30
f) Condição Física do Guerreiro	32
2.2 Dias Atuais	36
3. BRINCADEIRAS E ESPORTE	40
3.1. Considerações Sobre Brincadeiras Tradicionais	40
3.2 Considerações Sobre Esporte	53
3.3 ‘na:laGo’ e ‘bo:laGa’ – Brincadeiras e Esporte entre os Kadiwéu	57
3.4 Memórias: Bibliográfica e Oral	61
4. EFEITOS DE SENTIDO	66
4.1 O Kadiwéu Falando de Esporte	66
4.2 Organização Esportiva	70
4.3 Vestígios do Passado Guerreiro	75
4.4 Controle das Emoções	79
4.5 Duas Memórias	81
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
BIBLIOGRAFIA	89

ANEXOS

97

“Corpus” para Análise
“Entrevistas no Original”

2. SUMÁRIO DE TABELAS E FIGURAS

2.1 TABELAS

I. 1	27
I. 2	28
I. 3	43

2.2 FIGURAS

I. 1	39
I. 2	49
I. 3	50
I. 4	51
I. 5	52

RESUMO

Diante da riqueza da cultura Kadiwéu, delimitamos como objeto deste trabalho o estudo das brincadeiras tradicionais e o esporte entre os jovens. Especificamente, esta pesquisa pretende contribuir para uma melhor compreensão da fase de transição em que se encontram os índios Kadiwéu, cujo momento é de re-significação e de-significação (termos de acordo com Orlandi,1996).

Esse estudo é fundamentado em teorias da área de Educação Física, de Antropologia e Linguagem /Análise de Discurso. A cultura corporal está fundamentada em autores que elaboraram análises e reflexões sobre brincadeiras tradicionais e esporte, buscando respostas para os seguintes questionamentos: quais brincadeiras, esportes e formas de organização estão sendo praticados entre os Kadiwéu da Aldeia Bodoquena? Quais esportes foram desenvolvidos a partir da relação de contato com a sociedade envolvente?

O trabalho foi desenvolvido através de procedimentos etnográficos, com inserção da pesquisadora no cotidiano do grupo por períodos intercalados, combinados com a comunidade. As fontes de pesquisa adotadas foram bibliográficas e testemunhais. O estudo foi realizado com dois tipos de textos: escrito e relato.

A Antropologia, em seu estilo de abordagem com ênfase na ‘observação participante’ orientada por princípios científicos, possibilitou que, na pesquisa de campo, cujo objetivo foi o discurso oral, fossem coletados dados significativos para serem analisados sob a ótica da Análise de Discurso/AD. Minha leitura, meu modo de escutar, foram sustentados pelo ‘dispositivo analítico de interpretação’ com o fim de estabelecer uma mediação, para que o que fosse dito a ‘linguagem me autorizasse’.

Hoje, as relações de contato, que são sinuosas, simbólicas, deixam os Kadiwéu, por vezes, com sua memória mitológica sem condições e sem espaço de interpretação, tendo que aceitar a outra cultura da maneira que vem.

ABSTRACT

The goal of this research is the study of games and sports among the Kadiwéu youth. Specially this research intends to contribute in better understanding of the transition phase in that meet Indians Kadiwéu, whose movement is of re-significance and of-significance.

That study is based in theories of the area of Physical Education, of Anthropology and Language/Analysis of Discourse. The corporal culture is based in authors that elaborated analyses and reflections on traditional games and sport, looking for answers for the following questions: which games, sports and organization forms have been practiced among the Aldeia Bodoquena's Kadiwéu? Which sports were developed from the contact relationship with the urban society?

The work was developed through procedures ethnographies, with the insertions of the researcher in the daily life of the group for different periods. The research sources were bibliographical and oral informations. The study was accomplished with two types of texts: written and report.

The anthropological method was the participative observations and interview. The informations was analysed under the optics of the Analysis of Discourse. My reading, my way of listening, they were sustained by the 'analytic device of interpretation' in order to establish a mediation.

The contact relationships, are sinuous, symbolic, which leave the Kadiwéu groups, per times, with its mythological memory without conditions and without interpretation space, they tends to accept the other culture in the way that comes.

For these considerations, in this study, my option was the one of placing my knowledge to service of the group, to understand and to attribute to the scientific research the political paper of coming back to the practice, making a movement to the opposite, that is to say, elaborating questions to help the better understanding the games and the sport to the Kadiwéu group.

APRESENTAÇÃO

a) Introdução

Este estudo teve início quando atuava como coordenadora no NUEEI/Núcleo de Educação Escolar Indígena da Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul, de 1991 a 1996. Nesse período, foi elaborado um projeto de capacitação continuada¹ para ser realizado “in loco” com os professores que atuavam nas escolas da área indígena Kadiwéu. Para sua viabilização, foram mantidos contatos com a comunidade com frequência trimestral, na aldeia Bodoquena e nas outras três aldeias que compõem a Reserva. Os resultados foram expostos numa publicação² simples, de autoria de sete professores índios e dois não-índios que atuavam nas Aldeias Bodoquena e Campina. Esses contatos continuados aumentaram meu interesse em realizar estudos com o grupo.

Em 1996 veio o desafio de cursar o mestrado - fato que corroborou com a realização desse trabalho – e as observações informais por mim realizadas, somadas à inquietude que me acompanhava quanto à cultura corporal dos Kadiwéu³, propiciaram a elaboração dessa pesquisa.

Diante da riqueza dessa cultura, delimitamos como objeto deste trabalho o estudo das brincadeiras tradicionais e o esporte entre jovens Kadiwéu. Especificamente, irá contribuir mais no sentido de problematizar o objeto de estudo, do que dar respostas, tendo em vista a fase de transição em que se encontram os índios Kadiwéu, cujo momento é de

¹ Tipo de capacitação repetida sequencialmente.

² “Relatos e Fatos Kadiwéu”, autores: Ademir Matchua, Cleuza Alcântara, Eva Fernandes Bernardo, Gelson Correia Gabriel, Gideão Gabriel Reginaldo, Hilário da Silva, Maximino de Farias, Nilza Moraes da Silva e Ruth Katja Klassen – professores das Aldeias Bodoquena e Campina/Secretaria de Estado de Educação/NUEEI/MS/96.

re-significação⁴ e de-significação⁵. O presente trabalho pretende contribuir também para a elaboração de projetos educacionais de órgãos oficiais, comunidade, lideranças e professores.

As informações foram obtidas através de referencial teórico e relatos orais, sobre as brincadeiras e os vestígios da memória da índole guerreira dos índios Kadiwéu, presentes na prática esportiva. O estudo foi realizado tendo por sustentação um tripé de conhecimentos das seguintes áreas: Educação Física (fundamentos históricos, sociais e biológicos aplicados à Educação Física), Antropologia e Análise de Discurso (Linguística).

A Antropologia, em seu estilo de abordagem com ênfase na ‘observação participante’ orientada por princípios científicos, possibilitou que, na pesquisa de campo, cujo objetivo foi o discurso oral, fossem coletados dados significativos para serem analisados sob a ótica da Análise de Discurso/AD.

Os dados coletados, estabelecidos em recortes para composição do ‘corpus’ para análise, ficaram neutralizados das possíveis vulnerabilidades originadas da intersubjetividade entre pesquisador e sujeitos pesquisados, principalmente entre grupos indígenas, por que, ‘a priori’, o que se privilegiou foram os ‘sentidos⁶’ originados dos ‘diferentes enunciadore⁷’ - idosos, lideranças (adultos) e jovens, que proporcionaram ‘falas’ advindas de seus lugares e posições no grupo.

³ No decorrer deste trabalho o termo Kadiwéu será utilizado no singular.

⁴ São construídos outros sentidos pelo sujeito histórico, no confronto do simbólico com o político (Orlandi, 1999).

⁵ Quando ocorrem perdas do sentido histórico e ideológico. O processo de ‘de-significação’ é um processo de ‘esvaziamento de sentido’ - dos sentidos concretos que podem levar a novos sentidos para os sujeitos e a história (Orlandi, 1999).

⁶ Para a AD não existe um sentido ‘a priori’, mas um sentido que é construído, produzido no processo da interlocção, por isso deve ser referido ao contexto histórico-social, aos interlocutores do discurso (Brandão, 1991)

b) Organização do Trabalho

O presente trabalho foi organizado em cinco capítulos. A intenção de iniciar com o ‘Método’ foi de passar informações ao leitor sobre os caminhos trilhados para realização da pesquisa, principalmente por dois motivos: [i] a utilização da ‘memória’ e de ‘relatos orais’ como fontes de significado e [ii] a utilização da teoria da Análise do Discurso/AD na área da Educação Física, situada na perspectiva da análise de linguagem, caracterizada na escola de linha francesa, a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux e desenvolvidos no Brasil por Eni Pulcinelli Orlandi /UNICAMP. A análise desenvolvida no presente trabalho é uma das pioneiras na área da Educação Física, Esportes e Lazer.

No capítulo II, ‘Os Mbayá-Guaicuru e Kadiwéu’, são apresentados aspectos históricos, socioculturais e geográficos de forma abrangente, com recortes para as questões das festas, formação e condicionamento físico do guerreiro, fechando com informações dos dias de hoje e apontando para a prática do esporte na Aldeia Bodoquena.

O capítulo III, ‘Brincadeiras e Esporte’, o enfoque se dá sobre o Grande Chaco e o Pantanal Sul Mato-grossense enquanto “locus” de cultura corporal coerente com aquele meio ambiente, com o objetivo de colocar o leitor mais próximo da realidade dos habitantes do Pantanal. Aponta embasamentos teóricos, que estabelecem características específicas para compreensão conceitual sobre ‘jogos e brincadeiras tradicionais’, ‘esporte’ e ‘capacidades motoras’, tanto no campo da Educação Física como entre os Kadiwéu, com seus significados de “festas, brincadeiras e esporte”, tendo como pano de fundo fontes orais e bibliográficas.

⁷ *Enunciador* é a pessoa cujo ponto de vista é apresentado. É a perspectiva que o locutor constrói e de cujo ponto de vista narra, quer identificando-se ou distanciando-se dele (Brandão, 1991:90).

‘Os Sentidos do Discurso’⁸ estão no Capítulo IV. Nele são apresentados os discursos, que vão ora se entrecortando, ora se costurando entre duas memórias: a indígena/Kadiwéu e a da Educação Física e Esportes, mostrando situações de ‘contradição’⁹ e de ‘heterogeneidade’¹⁰, fazendo sentidos.

Nas ‘Considerações Finais’, os vestígios do passado, os ‘significados, re-significados e de-significados’, apresentados no decorrer do estudo, apontam no sentido de discutir as memórias do guerreiro e os sonhos do atleta Kadiwéu.

Os discursos citados ou analisados no decorrer do trabalho são encontrados na íntegra no ‘corpus’ para análise, em anexo. Os relatos orais, provenientes da pesquisa de campo, com as falas do entrevistador e do entrevistado na íntegra também estão em anexo.

O percurso da pesquisa como um todo, reafirmando, teve a oralidade discursiva dos informantes sustentada pelo método da AD, a qual, abstendo-se da idéia de ‘verdade total’ sobre aquilo que está sendo dito, traz à tona o modo como aquilo está significando nos bastidores da linguagem.

Minha leitura, meu modo de escutar, foram sustentados pelo ‘dispositivo analítico de interpretação’¹¹ com o fim de estabelecer uma mediação, para que o que fosse dito a ‘linguagem me autorizasse’. Pelo método de análise de linguagem, foi possível perceber que ali havia algo a ser ‘puxado’, de dentro da própria linguagem, para ajudar na compreensão. Portanto, a leitura deste trabalho deve levar em consideração tais referências.

⁸ Discurso entendido como “efeitos de sentidos entre locutores” (Orlandi, 1998).

⁹ Tem a ver com a idéia de formações discursivas, isto é, as formações que são reflexões no discurso das formações ideológicas, gerando compressões aparentes (Orlandi, 1996).

¹⁰ Trabalha com o sujeito, como ele está se colocando ou não naquilo que está dizendo. Mostra como o sujeito está constituído pela sua relação com a alteridade (Orlandi, 1996).

¹¹ *Dispositivo Analítico de Interpretação* – é construído pelo analista a cada análise frente à questão posta, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise (Orlandi, 1999:27).

1 - MÉTODO

1.1 Teorias e Procedimentos

Esse estudo é fundamentado em teorias da área de Educação Física, de Antropologia e Linguagem/Análise de Discurso. A cultura corporal está fundamentada em autores que elaboraram análises e reflexões sobre brincadeiras tradicionais e esporte, buscando respostas para os seguintes questionamentos: quais brincadeiras, esportes e formas de organização estão sendo praticados entre os Kadiwéu da Aldeia Bodoquena? Quais esportes foram desenvolvidos a partir da relação de contato com a sociedade envolvente?

O trabalho foi desenvolvido através de procedimentos etnográficos, com inserção da pesquisadora no cotidiano do grupo por períodos intercalados, combinados com a comunidade. As fontes de pesquisa adotadas foram bibliográficas e testemunhais. O estudo foi realizado com dois tipos de textos: escrito e relato. As técnicas utilizadas no trabalho de campo foram: entrevistas, conversas, observações e, quando permitido, fotografias e filmagens. Os materiais utilizados foram gravador, diário de campo, filmadora e câmara fotográfica.

A postura de observadora participante foi revestida de cuidados teórico-práticos e compreendida como espaço de relações da pesquisadora em campo, com vistas a checar informações, observando as atividades do presente, no dia-a-dia e nas festas (Minayo, 1992). Esses cuidados foram traduzidos na forma de comportamentos frente às conveniências da comunidade, a saber:

- agendar períodos de permanência na área;
- expor o trabalho às lideranças e comunidade;

- definir uma ou mais pessoas com domínio nas línguas Kadiwéu e Português para acompanhar os trabalhos de tradução e atender outras necessidades que surgissem no decorrer do processo de pesquisa;

- estabelecer acordos quanto a um 'retorno' que contribua com os interesses da comunidade.

1.2 Fontes Oraís

Desde o início, tínhamos conhecimento de que a realização de entrevistas com critérios 'normais', ou seja, de uma pessoa para outra, em ambiente privativo, sem interferência de terceiros, enfim, numa condição de branco 'civilizado', seria quase impossível de ser realizada. Na prática, estas considerações elaboradas por Meihy (1991) foram confirmadas.

Há algum tempo, desde 1991 (ver: Apresentação), os Kadiwéu associam minha presença às questões da escola e da educação e, desde o início dessa pesquisa (1997), sabem do interesse sobre festas, brincadeiras e esporte. As informações são rapidamente repassadas na Aldeia, quando uma pessoa permanece na mesma. As entrevistas, quando aconteciam nas residências, geralmente formava uma roda para 'conversar', a qual era composta por várias pessoas. Havia a interferência da esposa complementando a fala do marido e vice-versa, crianças brincando e todo movimento de animais, aves e outros.

Para coleta de dados orais, seguiu-se a linha metodológica elaborada por Meihy (1991), segundo estudos de história oral, com especificidades para grupos indígenas, caracterizados, entre outros fatores, como sendo pessoas de poucas palavras. Devido a essa característica, o autor prefere fugir das fórmulas em que o perguntador elabora o texto e o índio repete suas últimas palavras, como um 'diálogo seco'. Nessa perspectiva, várias

entrevistas foram realizadas como ‘conversas’, em que a pesquisadora mantinha mentalmente a estruturação das perguntas (ver: Especificidade), diante das ‘rodas’ e, por várias vezes, a participação foi coletiva. Dois intérpretes auxiliaram na tradução dos depoimentos gravados em língua Kadiwéu, sendo uma das entrevistas realizada com tradução simultânea.

A escolha dos sujeitos (ver: Informantes) foi embasada nos temas de interesse da pesquisa: brincadeiras e esporte, tendo como ‘pano de fundo’ elementos histórico-socioculturais da memória dos mais idosos. Para tanto, foi organizado um escopo de questionamentos sobre esses temas e foram aplicados a jovens de sexo masculino, adultos, idosos e lideranças. De posse das definições do grupo de interesse, as escolhas das ‘pessoas certas’ foram sustentadas pelas teorias do mencionado autor, o qual indica como um dos melhores recursos o sistema de ‘rede’: à medida que a conversa fluía, os interesses eram mais delimitados e alguém da comunidade nos indicava o próximo ‘elo’ para formação da corrente.

A organização dos dados orais, segundo o referido autor, foram parcialmente adotadas, tendo em vista as particularidades deste estudo. De posse dos relatos orais foram adotados os seguintes procedimentos:

1. A primeira fase - a transcrição das fitas - foi complexa e exaustiva. Foram mantidas as falas do entrevistador e do entrevistado (ver: Entrevistas no Original).
2. Na segunda fase - a textualização - foram excluídas as falas do entrevistador, dando espaço total para a fala do entrevistado. A textualização da fala dos entrevistados seguiu em coerência com a teoria norteadora para a análise de dados desta pesquisa, ou seja, a

Análise do Discurso – a qual trabalha com a ‘forma material¹²’ da língua. O discurso foi reorganizado também segundo a estruturação do texto escrito, com o objetivo de tornar a entrevista literalmente agradável e possibilitar o envolvimento do leitor.

Observamos que os nomes, assim como alguns dados pessoais de cada entrevistado, se encontram neste capítulo, no item: ‘Identificação dos Informantes’. Nas citações utilizadas no decorrer da pesquisa, foi adotado apenas o uso das iniciais do primeiro e do segundo nome do informante.

a) Informantes

Os Kadiwéu têm prática em relacionamentos com os não-índios. Portanto, os discursos foram produzidos para uma situação diversa da transmissão da tradição oral interna e, certamente, com as características adquiridas no contato com os ‘brancos’. As narrativas orais foram feitas a pedido, quando eu visitava os sujeitos escolhidos.

É prática entre eles a cobrança em dinheiro ou o sistema de trocas por objetos de interesse, pelas informações, fotos e filmagens. Segundo relatos escritos por Lévy-Strauss (1945), sua experiência com os Kadiwéu também foi marcada por esse sistema, que perdura até a presente data.

Os informantes foram definidos, partindo da delimitação da pesquisa: a) pessoas idosas, dentre eles os ‘filhos queridos¹³’ - com o objetivo de ter um cenário de fundo construído com os significados da memória dessas pessoas da Aldeia; b) adultos, que participaram das brincadeiras ou têm memória delas; c) jovens, falando das brincadeiras

¹² Há a forma empírica e material da língua. A AD trabalha com a forma material, ou seja, aquela que está inscrita na história, o que justifica a opção sobre a forma de escrita dos relatos orais adotadas neste estudo (Orlandi, 1996).

¹³ Pessoa que recebia uma formação especial, com todo conhecimento do grupo, desde a infância.

tradicionais e do esporte que praticam hoje, e d) liderança esportiva, enfocando as tradições, a prática e a organização do esporte.

Foram mantidas as mesmas estruturas de perguntas para os quatro grupos, acrescidas das particularidades de cada um, sempre procurando focar o passado e o presente, no que se refere à brincadeira e ao esporte. Como os mais velhos estão habituados com pesquisadores que buscam a história das guerras, foi necessário solicitar que falassem mais sobre 'brincadeiras e esporte'.

As entrevistas foram realizadas sem rigidez de questionamento. Em alguns momentos, a falta de domínio da língua Kadiwéu, por parte da pesquisadora, tornou inviável a solicitação de maiores esclarecimentos, mas, quando necessário, foram solicitadas: expressões lingüísticas e conceituais utilizadas pela comunidade para festas, brincadeiras e esportes; circunstâncias socioculturais de realização; espaço físico; materiais; regras; formação de equipes; definição de quem ensina; se há segregação e competição durante a prática; como chegou o esporte na comunidade e como está organizado.

Os mais velhos falavam no próprio idioma, quando se referiam às histórias antigas, e voltavam para o português para observações do cotidiano recente. Os relatos em Kadiwéu foram traduzidos com o auxílio de pessoas bilíngues da comunidade. Os adultos, lideranças e jovens expressavam-se em português, por indicação própria, certamente por terem o domínio de ambas as línguas.

b) Especificidade

idosos e adultos

- 1) Lembrança das festas que a geração passada contava e das que participaram.
- 2) Podia jogar ou brincar em outro momento sem ser o da festa?
- 3) Quais brincadeiras eram praticadas pela geração anterior e quais pratica?

- 4) Época de realização das festas (estações do ano, meio ambiente, importância histórico-sociocultural do grupo)?
- 5) Brincavam todos juntos ou de algumas atividades participavam apenas os mais velhos, pajés, guerreiros, jovens - meninos e meninas -, equipes?
- 6) Havia regras, todos sabiam, alguém liderava?
- 7) Usavam material, campo ou área delimitada?
- 8) Usavam ornamentos e pinturas?
- 9) Havia brincadeiras especiais com o cavalo?
- 10) Há diferença entre essas brincadeiras e o esporte praticado na Aldeia?

jovens

- 1) Brincam qualquer dia ou só nas festas? Há brincadeira só para os meninos ou meninas?
- 2) Conhecem as brincadeiras dos antigos? Ainda praticam na comunidade, na escola? Quais?
- 3) Tem brincadeira com o cavalo, que os jovens de ambos os sexos praticam?
- 4) Os jovens trouxeram o esporte e a organização esportiva para a comunidade?
- 5) Essa organização também envolve as atividades culturais tradicionais?

liderança esportiva

- 1) A comunidade tem um perfil para indicar quem deve ser liderança esportiva?
- 2) Como foi estabelecida essa organização? Ela abrange os esportes e outras atividades culturais do grupo?
- 4) Qual o papel dessa liderança na prática esportiva, nas relações internas e externas?

c) Categorias para Análise

- a) Brincadeiras tradicionais - estão sendo praticadas? Buscar explicações exteriorizadas verbalmente por membros do próprio grupo e, se possível, através da observação.
- b) Esporte - quando começou, quais são praticados a partir da relação com a sociedade envolvente, quem pratica, organização interna e posição frente às tradições exteriorizadas por membros do grupo.

d) Identificação dos Informantes

Cleuza Alcântara – 32 anos, Terena, casada com Kadiwéu (Eusébio Alcântara) de família tradicional, professora com magistério, diretora da escola e muito conceituada na comunidade.

Domingos Soares – ‘filho querido’, 88 anos, é carinhosamente chamado por ‘Dominguinhos’, solteiro, não possui filhos. Foi artesão de metal e gostaria de receber os materiais para repassar essa tradição aos mais jovens. Sua memória de festas e brincadeiras é das mais amplas.

Durila Bernaldina – ‘filha querida’, 98 anos, informante mais velha, possui grande conhecimento das tradições. Nos relatos, reclamou muito do futebol trazido pelos ‘brancos’ e dos crentes, a quem responsabiliza pelo declínio das festas tradicionais.

Eusébio Alcântara – 32 anos, recebeu a antiga sede da FUNAI para morar, local onde pesquisadores e visitantes são convidados a se hospedarem.

Graciana Batista – 55 anos, artesã, faz belíssimas pinturas em couro com tinta de genipapo.

José Marcelino Barros – 65 anos, liderança que assessora o cacique geral. Considera-se ‘índio velho’.

Lindon Jonhson Ferreira Soares/ Feijão – 27 anos, não é índio, chegou ao grupo há 7 anos. Mora com o casal Alcântara, desempenhando a função do cativo, isto é, ajuda nos afazeres da casa, cuida da fazenda e da roça da família. Coordena um time de futebol juvenil e joga no time dos adultos.

Martina de Almeida – aproximadamente 33 anos, professora da escola, afastou-se por uns 4 anos e agora trabalha com a 1ª série, falando os dois idiomas. Evangélica, atuou com as traduções da Dona Durila.

Martiniano de Almeida – 33 anos, recebeu convite para compor o grupo de assessores do cacique geral. Montou uma quadra de vôlei ao lado de sua casa com o fim de treinar a equipe para os próximos jogos abertos indígenas.

Maximino de Farias – 33 anos, cursou magistério, é professor da escola; representa a comunidade nas questões de educação. Desenvolve a função de técnico das equipes de futebol juvenil e atletismo.

Pedrosa de Barros – 55 anos, ceramista famosa, esposa de José Marcelino Barros, atuante na escola, mãe de Josiel e de Rosinei, ambos jogadores de futebol.

Alberto Lescano – 27 anos, é goleiro da equipe que participa dos jogos externos.

Cássio Alcântara e Tiago Alcântara – 7 e 4 anos respectivamente, são filhos de Cleuza e Eusébio, estudam na escola da aldeia.

Clodomiro Rodrigues – 15 anos, estudante da 4ª série na escola da aldeia, joga futebol na equipe do ‘Feijão’.

Josiel Moraes Barros e Rosinei Moraes Barros – 12 e 9 anos, respectivamente, ambos jogam futebol e são considerados a esperança dos times juvenis, estudam na escola da aldeia.

Sandinéia Félix de Faria – 7 anos, estuda na escola da aldeia, após assistir a projeção de um vídeo sobre ‘volteio’ realizou experiências com seu cavalo.

Boaventura B. Medina - 35 anos, começou como liderança aos 18 anos, funcionário da FUNAI e um dos idealizadores da revitalização da ACIRK. Fala muito bem do futebol e sempre refere-se ao conhecimento do passado como algo quase impossível de continuar da mesma maneira.

Hilário da Silva – 33 anos, colaborou na tradução simultânea com o Seu Domingos e também posicionou-se nas entrevistas. Tem formação nas escolas evangélicas, trabalhou como tradutor do SIL, atualmente colabora na tradução da Bíblia. É atleta de futebol e incentivador desse esporte e de vários outros na aldeia.

Liberdito Rocha – 65 anos, cacique geral por duas vezes, mantém o pensamento nas tradições.

Martinho Silva – 55 anos, líder de grande carisma, incentivador das festas e esportes na Aldeia. Funcionário da FUNAI, conhece bem as tradições do grupo, é muito expansivo e tem domínio das duas culturas.

1.3 Fontes Etnológicas e Historiográficas sobre os Kadiwéu

Tais fontes são as produzidas por etnólogos e historiadores, contendo dados históricos e socioculturais, sendo alguns obtidos através da vivência dos próprios autores: Boggiani ((1892 e 1897), Lévi-Strauss (1945); Ribeiro (1948 e 1980); Schaden (1946) e Siqueira Jr. (1992 e 1993). Guido Boggiani, artista italiano, autor de ‘Os Caduveo’ (1945), teve seu trabalho etnográfico reconhecido por Herbert Baldus, na ‘Introdução’ e por G. A. Colini no ‘Prefácio’ e ‘Estudo’ dessa mesma obra. Suas descrições são particularmente

ricas no que se refere às brincadeiras e festas, embora sejam reconhecidas as influências evolucionistas naquele período, algumas vezes impregnadas nas descrições do autor.

Darcy Ribeiro produziu um significativo material sobre religião, modo de vida e arte, e coletou riquíssimo acervo da arte Kadiwéu. Ressalva-se que este autor desenvolveu pesquisas com este grupo nos anos 50 e 60, sustentadas em conceitos teóricos contextualizados no momento político vivenciado no Brasil daquele período (Siqueira Jr., 1993). Egon Schaden (1946) classificou seu trabalho mais como *ensaio de etnologia ou de antropologia cultural* e sua contribuição neste estudo é no sentido de poder perceber, nas brincadeiras tradicionais, a presença e fortalecimento da índole guerreira.

Jaime Garcia Siqueira Jr. (1992 e 1993) realiza uma atualização etnográfica dos Kadiwéu, analisando aspectos sobre o processo de mudança cultural do grupo. Este estudo vale-se dessas considerações para contextualizar a chegada e aparente predominância do esporte, haja visto que o referido autor contemporiza a mudança social, entre outros fatores.

a) Missionária e Militar

O missionário Sánchez Labrador (1770) escreveu em língua espanhola sobre os Mbayá-Guaicuru. Seus relatos são ricos em dados e, neste estudo, contribuiu intensamente com descrições das festas, brincadeiras e rituais do tronco de origem dos Kadiwéu, embora sua escrita seja carregada de valores católicos.

Dos documentos militares, foram estudados: Rodrigues do Prado (1785), Almeida Serra (1803) e Mello Rego (1892), devido às referências aos únicos Mbayá-Guaicuru situados à margem leste do rio Paraguai: os Kadiwéu.

Francisco Rodrigues do Prado (1795) foi comandante do 'Real Presídio de Coimbra', localizado em Miranda/MS, escreveu relatos fortemente influenciado pelos

dogmas católicos. Entretanto, sua obra é considerada a mais importante sobre índios do Brasil, redigida na língua portuguesa no século XVIII. Contribuiu para este estudo com as descrições corporais, a aparência física, modos de andar a cavalo e brincadeiras.

Ricardo Franco de Almeida Serra (1803) foi tenente-coronel no comando do 'Forte Coimbra' e emitiu parecer sobre os Kadiwéu. Hoje, tais documentos são considerados importantes fontes históricas.

Francisco Raphael de Mello Rego (1892) foi general no 'Forte Coimbra' relatou acontecimentos da época que marcaram a história do Brasil, dando destaque para a ação dos Guaicuru. Seus registros sobre o comportamento durante a guerra, a utilização do cavalo enquanto domínio da equitação e as descrições corporais se constituem enquanto memória histórica.

1.4 Fontes – Brincadeiras e Esporte

As fontes sobre jogos tradicionais e esporte foram buscadas na Antropologia, na Sociologia e na História, vinculadas ao campo de conhecimento da Educação Física, Esportes e Lazer.

Roland Renson (1992), tem realizado estudos sobre esportes modernos e jogos tradicionais, segundo raízes fixadas na localização geográfica. Apresenta uma tipologia de jogos que pode ser utilizada internacionalmente e, principalmente conceitos, dos quais se valem esta pesquisa. Associado aos estudos de Stewart Culin (1975), o qual aborda a questão dos jogos tradicionais entre os índios norte americanos, será possível levantar dados que mais se aproximem para compreensão destes mesmos aspectos na cultura Kadiwéu.

Em Eric Dunning (1992) e Norbert Elias (1992) foram buscados conceitos ligados ao esporte desde sua gênese e a re-significação em distintos processos histórico-sociais. Tendo em vista a recente prática esportiva dos Kadiwéu, considera-se que tais estudos são relevantes. Em Maria Beatriz Rocha Ferreira (1993) e Roberto Da Matta (1982), há, respectivamente, abordagens antropológicas nos estudos sobre condicionamento físico em diferentes sociedades, entre elas as sociedades indígenas e, a visão do esporte e da sociedade brasileira com suas singularidades.

1.5 Análise dos Dados

Os dados foram analisados segundo a teoria da 'Análise do Discurso (AD)'. A AD não trabalha com a linguagem enquanto dado, mas como fato. Há um 'dispositivo teórico'¹⁴ estabelecido pela própria teoria da AD e há o 'dispositivo analítico', construído pelo pesquisador no seu campo de pesquisa, por meio do material coletado e pela maneira como construiu o 'corpus' (ver: Anexo). A delimitação e montagem do material de interesse, ou seja, o 'corpus' depende das noções mobilizadas pelo pesquisador e da pergunta feita para poder compreender o objeto de estudo.

¹⁴ *O Dispositivo Teórico* objetiva mediar o movimento entre a descrição e a apresentação, sustenta-se em princípios gerais da AD enquanto uma forma de conhecimento com seus conceitos e método (Orlandi, 1999:28).

Este estudo faz da AD o ponto de partida, mas o ponto de chegada é baseado nas teorias que dão embasamento teórico à área da Educação Física, Esporte e Lazer. Especificamente, a pesquisa trata de questões sobre brincadeiras e esporte, portanto o objeto de estudo e os campos conceituais específicos não são dissolvidos (Orlandi, 1996).

Segundo Orlandi (1996), pelo ‘dispositivo analítico’ foram introduzidas as noções de ‘contradição’ e de ‘heterogeneidade’. A ‘contradição’ tem a ver com a idéia das relações entre ‘formações discursivas’ com a História e Ideologia. Por exemplo: um informante índio tem um discurso x dentro da sua história, e que é significado de forma x dentro dela. Quando esse mesmo informante, que diria x, está dizendo y, há questões a serem buscadas. A AD tem técnicas para detectar essas ‘contradições’, mostrando que há ‘formações discursivas’ em confronto.

Por sua vez, a ‘heterogeneidade’, sustentando-se na ‘teoria da enunciação’ (Auther-Révuz, 1988), trabalha mais com o sujeito, com os processos de subjetivação, isto é, como o ‘sujeito’ está se colocando ou não, naquilo que ele está dizendo. Se está se identificando com ‘o quê’, ‘quando’ ele está falando daquela maneira. A ‘heterogeneidade’, como um fato de enunciação específico, mostra como o sujeito está constituído pela sua relação com a alteridade. No lugar em que o sujeito se marca, pela enunciação, se pode olhar o outro como o outro está inscrito nele. Os entrevistados entre os Kadiwéu são representativos, do ponto de vista da linguagem, por terem diferentes ‘estatutos enunciativos’, isto é, diferentes maneiras pelas quais o ‘sujeito’(idoso, jovem, lideranças) se marca naquilo que diz. Dessa forma, todas as falas estão investidas no sentido do discurso, fato que inviabiliza seu possível ‘mal-uso’, principalmente devido à plasticidade da linguagem, ou seja, ao mesmo tempo que encobre, a linguagem está mostrando.

2 - OS MBAYÁ-GUAICURU E OS KADIWÉU

2.1 Aspectos Histórico-Socioculturais

Os Kadiwéu¹⁵ são remanescentes, no Brasil, dos índios da língua Guaikuru¹⁶. Entre eles é falada a língua Kadiwéu, da família Guaikuru. Na língua Kadiwéu, o nome desta língua é “*ejjwajeg: i*” (Sandalo 1997, citando Sanchez Labrador 1760). Mas a origem da palavra ‘Guaikuru’ vem da língua Guarani, falada pelos índios Guarani, com quem travavam contínuas guerras, anteriormente à utilização do cavalo pelos Kadiwéu. Portanto, esse nome não é autodenominação, foi atribuído por outro povo, o que geralmente vem carregado de conotações pejorativas¹⁷.

Os índios Guarani se expressavam para designar estrangeiros e outros grupos da seguinte forma: ‘estes são os que bebem água de Madri (sic)’, ‘estes são os que bebem água do Guacurú (sic)’, dependendo da origem da pessoa. ‘Guacurú’ era o nome de dois rios, de certas aves negras que habitavam alguns rios da região e também um tipo de fruto comum naquele ambiente. Posteriormente, os espanhóis alteraram o nome cortando e acrescentando sílabas (Sanchez Labrador, 1770:58-61). Outra versão é que esse nome, também na língua Guarani, teria o significado de ‘povos corredores’ (oatacurúti-uara), segundo Colini (in: Os Caduveu, 1945: 252).

¹⁵ Neste estudo o nome dos grupos indígenas mencionadas será sempre no singular. A razão está no fato de que, na maioria dos casos, os nomes são palavras que estão em língua indígena, e acrescentar um ‘s’ resultaria em hibridismo. Além do mais, há a possibilidade das palavras já estarem no plural, ou, ainda, que ele não exista nas línguas indígenas correspondentes (Ricardo, 1995:29-34).

¹⁶ As tribos “Guaikuru” compreendiam: Abipón, Mocovi, Toba, Pilagá, Payaguá e os Mbayá.

¹⁷ No Brasil, boa parte dos nomes correntes para designar povos indígenas, geralmente não são autodenominações. Muitos foram atribuídos por outros grupos, geralmente inimigos, outros nomes foram atribuídos por sertanistas do antigo SPI ou da FUNAI, muitas vezes logo após as chamadas ‘expedições de atração’. Nesse contexto, sem entender a língua, os equívocos são freqüentes e determinados povos acabam

Temidos pelos índios Guarani, os Mbayá-Guaicuru - uma das seis tribos que formavam os 'Guaikuru' - foram pejorativamente denominados 'Mbae-ayba', isto é, 'coisas horríveis, veneno, crime', na língua Guarani. Por contração, a palavra transformou-se em 'Mbayá' (Colini In: Os Caduveu,1945:252).

Já a denominação 'Caduveo'¹⁸, tem sua origem na alteração do nome original da única subtribo dos 'Mbayá' a se instalar do lado brasileiro - os 'Cadiguegodis'. No final do século XVIII, os 'Cadiguegodis' deram início ao deslocamento do Grande Chaco para as margens do rio Paraguai, vindo a se fixar nas imediações de onde se encontram atualmente, no Pantanal Sul Mato-grossense (Colini, In: Estudo/Boggiani,1945:252; Martius, citado por Colini, In:Boggiani, 1945: 252; Sánchez Labrador, 1910:59 e Ribeiro,1980).

Esses nomes indígenas sofreram contrações, exclusão de letras, quando em contato com a língua dos espanhóis, fato que permite, do ponto de vista da Análise de Discurso, a recuperação de um contexto. A maneira como os termos estão significando e como são tratados têm uma historicidade. Não se parte de um contexto, mas da própria palavra para um testemunho de uma história. A palavra traz nela mesma as relações de sentido, e isso é o contato, que aparece no próprio sentido da linguagem.

a) **“Habitat” e “Locus Cultural”**

Há peculiaridades no Pantanal, enquanto região geográfica, que são contempladas resumidamente neste capítulo, com o fim de aproximar o leitor às complexidades das adaptações humanas para sobrevivência naquele espaço.

conhecidos por nomes que lhes são atribuídos aleatoriamente (Ricardo, 1995:34-35).

¹⁸ Outras denominações: Cadiuéu, Caduveo, Kadiwéu (adotada neste estudo).

Uma breve exposição daquele contexto é apresentada nos temas sobre alimentação, nomadismo, sobrevivência frente aos espanhóis, entre outras particularidades dos Kadiwéu.

Nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, 'pantanal' não é sinônimo de grande pântano, brejo, charco ou outros termos semelhantes, normalmente mencionados em dicionários da língua portuguesa. É um vocábulo utilizado para substantivar a porção brasileira de uma das maiores planícies de inundação do globo, conhecida como Pantanal Matogrossense (sic) (Oliveira, 1996:15).

O Pantanal Brasileiro, designado mar de Xaraés¹⁹ pelos antigos exploradores, está localizado no centro da América do Sul, na Bacia do Alto Paraguai. Com uma extensão aproximada de 500.000 km², a Bacia do Alto Paraguai estende-se por aproximadamente 140.000 km² entre a Bolívia e o Paraguai e 139.111 km² no Brasil - compreendendo o Pantanal Mato-grossense (Adámoli, 1982 e Garcia, 1984, In: Oliveira, 1996:15-24).

Estudos arqueológicos consideraram que o Pantanal apresentava condições climáticas restritas e desfavoráveis à diversidade da vida vegetal e animal apresentada atualmente. A transição aconteceu em decorrência do processo de umidificação e conseqüente multiplicação dos tipos e padrões de 'habitats' que enriqueceram a diversidade biológica da região. Considerações paleoambientais²⁰ permitem supor que, somente após sua transformação numa região geologicamente diversificada, houve condições de subsistência (caça, pesca, coleta) e conseqüente fixação de populações indígenas.

Estudos geomorfológicos comprovaram na região algumas áreas elevadas, como as morrarias, embora a maior parte do Pantanal seja constituída por áreas inundáveis e grandes

¹⁹ História de uma Região: Pantanal e Corumbá (Souza, 1973: 25).

²⁰ Paleoambientais – estudo primitivo do ambiente.

banhados. Na planície pantaneira, ocorrem algumas formas de relevo²¹ popularmente denominadas como: baías, salinas, cordilheiras, capões-do-mato, vazantes e corixos. Devido ao fraco declive do terreno, estão favorecidos os fenômenos das inundações periódicas, o que o caracteriza como um macroecossistema peculiar (Adámoli, 1982 In: Oliveira, 1996:18-20).

As variações climáticas são influenciadas pela complexa rede de fenômenos como: baixas pressões, alta intensidade de radiações solares e variações de massas de ar, responsáveis pelas baixas temperaturas de junho a agosto. O clima é tropical sub-úmido com duas estações distintas: seca e chuvosa. *Esta sazonalidade deve ter exercido uma forte influência na adaptação ecológica das populações indígenas que ali se estabeleceram*, considera Oliveira (1996:22-23).

No Pantanal foram identificadas 4 regiões fitogeográficas²², a saber: cerrado, campo cerrado, parque de cerrado e campo; vegetação chaquenha ou plantas lenhosas baixas e espinhosas associadas a um campo graminoso geralmente em relevo plano e formação de florestas. A fauna é diversificada e abundante em toda planície, devido à diversidade de 'habitats', o que caracteriza o Pantanal como um dos maiores conglomerados de espécies animais do mundo. *Sua diversidade biológica favoreceu sobremaneira a instalação de populações indígenas, especialmente aquelas cuja subsistência se baseava na pesca, caça e coleta* (Oliveira, 1996:24-26).

Os Guaicuru viviam de caça, pesca, frutos e raízes nativas. Eram nômades, e suas

²¹ *Baías*- tipos de lagoas temporárias ou permanentes; *salinas* – baías com grande concentração de sais alcalinos em suas águas; *cordilheiras* – elevações que separam as baías, areno-argilosas, com 1 a 2 metros de altura, caracterizadas por uma densa vegetação; *capões-do-mato*, distinguem-se das cordilheiras por apresentarem formas circulares e de menor tamanho; *vazantes* – canais temporários ou permanentes que servem de escoadouros a baías e rios; *corixos* – pequenos cursos d'água que conectam baías.

²² Fitogeografia- parte da botânica que trata das relações entre a planta e o meio (Novo Dicionário Aurélio/1975).

moradias eram transportadas segundo as necessidades de sobrevivência, de proteção a ataques intertribais e de estrangeiros.

(...) essa ridícula altivez e negação ao trabalho, lhes faz desprezar as fadigas da agricultura, que com efeito não necessitam para viverem longos anos, robustos e fartos, achando no rio Paraguai, e nos seus amplísimos campos a sua sempre provida dispensa (sic) (Almeida Serra, 1866:27).

Com uma condição de sobrevivência muito mais complexa do que a regularidade dos plantios de roçados, ‘as fadigas da agricultura’ passam a ser um modo mais confortável de sobrevivência do que a utilização da provida ‘dispensa’ no rio Paraguai. A região apresentava aspectos totalmente contrastantes: as áreas que mais andavam eram impraticáveis durante o período das chuvas e, nos tempos de seca, mal podiam ser atravessadas. Devido a tais fatores, a alimentação era variável, de abundante em determinados períodos, em outros chegava ao uso restrito de raízes e ao consumo de água lodosa dos pântanos (Colini, 1945).

Nestes lugares estavam a seguro das correrias do espanhóis, os quais mesmo depois de duzentos anos de tentativas inúteis, em 1755 ainda não haviam conseguido e não conseguiriam depois avassalá-los, se bem que entre o distrito Guaicuru e o espanhol houvesse no meio apenas o rio Paraguai. Eram de índole guerreira e muito valorosa (Colini, 1945:256 In: os Caduveo).

Os Mbayá-Guaicuru conheceram o cavalo através do contato com os espanhóis no século XVI²³ e, a partir daí, a reprodução e disseminação desses animais foi muito

²³ Os primeiros cavalos chegaram na América do Sul com os espanhóis em 1535. De sangue árabe e bérbere, ficaram uma

favorecida nas planícies pantaneiras. A manutenção dos 6 a 8 mil cavalos que possuíam exigia local com pastagens, além de instalação para o grupo. Estrategicamente, os capitães se espalhavam por até 7 léguas e, dependendo do período das inundações do Pantanal, habitavam os lugares altos e, em outras épocas, a planície (Almeida Serra, 1866:211).

A inserção do animal entre estes índios alterou a vida sociocultural, política e econômica do grupo, e lhes valeu o reconhecimento como ‘índios cavaleiros’²⁴ (Ribeiro,1980). Essa condição propiciou-lhes o conhecimento de outros territórios circunvizinhos, a saber: Assunção, no Paraguai; o curso do Rio Paraná e Cuiabá, no Mato Grosso. Com isso, alargaram seu campo de influência cultural, estabelecendo contato direto com pessoas de várias culturas, também realizando saques, guerreando e cobrando tributos de outros grupos subjugados por eles (Ribeiro, 1980:17-21).

b) Organização Social e Resistência

A organização social dos Mbayá-Guaicuru teria desenvolvido uma estrutura mais complexa, caracterizada pela estratificação social/étnica, formada pelos nobres, guerreiros e cativos: [a] os *cativos ou plebe*, em maior número, eram formados por adultos e crianças e seus descendentes, capturados ou adquiridos por meio de trocas com outros grupos étnicos e estrangeiros; adotavam uma divisão em três castas, similar à dos nobres. Realizavam trabalhos rotineiros de limpeza, providenciavam alimentos e acompanhavam os senhores

variedade ‘andaluza’. Foi deste grupo e não dos ‘curraleiros’, trazidos em 1797 de Goiás, que originou a cavalaria cujo rebanho o tordilho predominava. Dados apontam como sendo em 1543 que os índios caçadores e canoieiros do vale do Paraguai (Payaguá e Guaicuru) viram pela 1ª vez os cavalos trazidos na expedição de “Cabeça de Vaca”, entrando pela confluência do Paraguai e Cuiabá. Até então não era usual o emprego do cavalo no Mato Grosso, pois quando os *bandeirantes* chegaram vieram a pé e encontraram nas povoações espanholas, em território brasileiro, um rebanho regular (Proença: “No termo de Cuiabá”, MEC, Instituto Nacional do Livro, RJ/1958 In: Souza, 1973).

²⁴ O cavalo foi adotado por povos caçadores e coletores habitantes das campinas e savanas. Na América do Norte o ano de 1600 é o mais provável para a chegada dos rebanhos e veio a culminar no século XX. Dentre as onze tribos representativas dessa cultura das planícies são citadas as mais conhecidas: Comanche, Cheyene, Teton-Dakota. Na América do Sul - o Chaco, Pampa e Patagônia: Mbayá, Toba, Mocoví, Albipon e Pilagá - tribos mais importantes. A introdução e uso do cavalo por tribos indígenas é um fenômeno na América, restrito a poucas áreas e sem relação histórica ou cultural. Fornece, segundo o autor, excelente material para compreensão dos processos de desenvolvimeto e mudança de cultura (Galvão, 1963: 221-232).

em circunstâncias perigosas ou situações inconvenientes; [b] os *nobres ou capitães* e suas esposas e filhas, dividiam-se em duas ordens: hereditários, aqueles de origem de sangue e os enobrecidos, nobreza obtida por critérios de parentesco ou por situações específicas²⁵.

Dividiam-se em nobres superiores e inferiores, entre outras subdivisões. Foram intitulados pelos espanhóis e portugueses como *donas* e *Dom* sendo que homens e mulheres da nobreza usavam pinturas corporais para demonstrar sua estirpe. As mulheres pintavam cerâmicas com estes mesmos motivos, sendo tais pinturas reconhecidas pela beleza, desenho e significados sociais e, [c] os *guerreiros ou soldados*, eram formados por um conjunto de pessoas do sexo masculino, admitidos por meio de rituais de coragem e de resistência física; centrados em interesses comuns, tinham direito ao uso de nomes especiais e de uma linguagem específica; combatiam a cavalo, eram atacantes, defensores, estrategistas de guerra e respeitados por todos (Sánchez Labrador, 1910, capítulo XXI, p.19-20); Rodrigues do Prado, 1951: 96; Almeida Serra, 1866:204-206; Lévy-Strauss, 1986:226-227 e Ribeiro 1948:175-192).

Todos estes novos adquiridos, e chamados pelos uaicurús seus cativeiros, ou sejam xamicocos, bororós, guanás ou outra qualquer das por eles flageladas nações, logo que entram em cada tribo, são reputados como membros dela. Algumas crianças ficam adotadas como filhas, outras vêm a casar com seus senhores, e assim, dentro em poucos anos, fazem estes novos membros um mesmo todo, ainda que sempre com o nome de cativeiros (Almeida Serra, 1866:206).

²⁵ Por exemplo: a data de nascimento de uma criança dos “cativos” coincidir com a de um filho de nobre.

A estratificação étnica dos Kadiwéu caracteriza-se pela integração progressiva do cativo na sociedade, de geração após geração, passando a se reconhecerem como parentes. Isso não impedia que, em determinadas circunstâncias, os senhores recordassem a descendência da pessoa integrada. Os nobres tinham poucos ou nenhum filho e usavam a adoção de crianças como estilo de renovação da sociedade, sendo a maioria delas compradas ou trazidas das guerras travadas com todos os grupos étnicos vizinhos e estrangeiros (Sánchez Labrador, 1910, capítulo XXI, p.19-20; Rodrigues do Prado, 1951: 96; Almeida Serra, 1866:204-206; Lévy-Strauss, 1986:226-227 e Ribeiro 1948:175-192).

As terras habitadas pelos Kadiwéu e Payaguá²⁶ eram objeto de interesse dos europeus. Várias expedições foram organizadas para travar lutas de conquistas. Unidos, ambos opuseram resistência constante aos europeus, às missões, aos bandeirantes, impondo sua conduta também nas relações interétnicas, até que em 1768 o poder dos Kadiwéu começou a declinar com o rompimento da aliança com os Payaguá (Siqueira Jr., 1993).

Estrategicamente instalados, a resistência ofensiva desses índios ao processo de colonização contribuiu para a formação territorial do Brasil, no final do século XVII e início do XVIII. A partir de 1760, com a construção do Forte Coimbra, em Miranda/MS, fronteira com o Paraguai, teve início o processo de aproximação dos brasileiros (Bastos, 1979, In: Siqueira Jr., 1993).

Entre outras indicações para a construção do Forte Coimbra, uma delas discorre sobre a finalidade de conter os índios Payaguá e Guaicuru²⁷, embora essa necessidade tivesse sido invocada, na ocasião ela foi um pretexto, considera Almeida Serra (174-175).

²⁶ Payaguá - habitantes na mesma região do Pantanal, atuais Guató, conhecidos como canoieiros, “piratas dos rios” e “índios anfíbios”.

²⁷ Para maiores informações sobre a construção do presídio sugerimos a leitura do “Forte de Coimbra – sua fundação e os acontecimentos que com ela se relacionam” (Mello Rego, 1906).

Realmente houve um ataque ‘traíçoeiro’ desses índios ocorrido quando o sargento-mor Camponez, seguindo ordens recebidas de Albuquerque, então governador da metrópole, procurava receber bem aos índios da região que já haviam sido vítimas de injustiça e desumanidade dos ‘sertanistas’ - os famosos bandeirantes - levando-os a se tornarem inimigos dos portugueses, a quem os Mbayá tinham ajudado na expulsão dos espanhóis. Mello Rego (1906:181) não atribui aos ‘paulistas’ com suas bandeiras a conquista do território fronteiriço - tão disputado com os espanhóis. O autor vê que o Sul do Mato Grosso, pertencente hoje ao território brasileiro, deve-se aos índios Guaicuru.

A poderosa e extensa nação Guaicuru e a parte dela mais ostensivamente atacante contra os espanhóis foram, progressivamente, se aproximando e estabelecendo relações com os brasileiros, até que um novo comandante do Forte levou o cacique e um grupo de guerreiros à presença do governador para assinar um tratado de paz com os portugueses (Mello Rego, 1906:183-185).

Em 1791, os Kadiwéu assinaram o ‘Tratado de Perpétua Paz e Amizade’ com a Coroa Portuguesa, único tratado da história brasileira firmado entre uma Nação Indígena e a Coroa. Tal acordo é considerado sem precedentes na historiografia indígena do Brasil, por consolidar a condição do grupo como súditos da Coroa Portuguesa, sob sua proteção, portanto, restringindo-lhes a área de atuação. Esse marco histórico alterou o estilo nômade que lhes outorgava auto-suficiência política, econômica e social. Embora persistentes na resistência e na hostilidade, participaram com os brasileiros na guerra do Paraguai e, com o término desta, ficaram limitados territorialmente na Reserva onde vivem atualmente, ao sul do Pantanal Mato-grossense (Sánchez Labrador,1910; Mello Rego, 1906; Ribeiro, 1980 e Siqueira Jr. 1993).

c) Localização, Sedentarização e Dados Populacionais

A Reserva Indígena Kadiwéu/RIK está localizada entre a Serra de Bodoquena (leste) e os rios Niutaca (norte, nordeste), Nabileque (oeste), Paraguai (sudoeste) e Aquidabã (sul). O território mede 538.536 hectares e está cadastrado no município de Porto Murtinho/MS. Internamente, estão distribuídos em quatro aldeias: Bodoquena, Campina, São João e Tomázia. As duas maiores são Bodoquena (sede da Reserva) e São João, situada no município de Bonito.

A acomodação dos Kadiwéu trouxe a necessidade de ocupação de todo território. Essa ocupação se deu através de 'fazendas', forma que trouxe como consequência vários tipos de conflitos, o que os levou a se aglutinarem em torno dos 'postos indígenas' - antigo SPI, atualmente FUNAI. Este fato conduziu a uma desarticulação interna do grupo, ao arrendamento de partes do território para fazendeiros, causando alterações no modo de vida e na maneira de se relacionarem com o território (Siqueira Jr.,1993).

O índio Kadiwéu não deixa o branco entrar na terra dele, não deixa, quem entrar vai apanhar! Antigamente era pouca gente, hoje em dia o povo vem, é difícil, o branco entra, ele sabe que se entrar apanha (J. M., fonte oral,1998).

Famílias nucleares moram nas sedes das fazendas, a fim de controlar as cabeças de gado dos arrendatários e evitar invasões nos trechos mais isolados. Há outros núcleos indígenas espalhados pelo território, formados por famílias - pais, filhos, genros, noras e netos- que não moram nas sedes das fazendas arrendadas e não possuem outra casa em nenhuma das aldeias. Há outros que residem, por um período na aldeia, e por outro na

fazenda, principalmente os homens cujas famílias permanecem nas aldeias (Siqueira Jr.,1993:4-7).

A população do grupo, estimada no decorrer dos séculos XVIII a XX, é apresentada no quadro, a seguir.

Tabela I. 1

Dados Populacionais - Geral

ANO	POPULAÇÃO	FONTE	ABRANGÊNCI A
1770	7.000 a 8.000	Sánchez- Labrador	Mbayá
1791/1801	3.800	Azara	Kadiwéu
1803	680	Almeida Serra	Kadiwéu
1848	850	Diret. Dos Índios/Cuiabá	Kadiwéu
1872	800	(não identificado)	Kadiwéu
1892	200	Boggiani	Kadiwéu
1939	100	Erich Freudt	Kadiwéu
1948	235	Darcy Ribeiro	Kadiwéu
1983	850	FUNAI	Kadiwéu
1985	1.105	FUNAI	Kadiwéu
1989	1.070	FUNAI	Kadiwéu
1993	1.265	CEDI/Inst. Socioambiental	Kadiwéu

Fontes: Sistematização de Siqueira Jr. (1993) e CEDI/Inst. Socioambiental/94 (In: Ricardo, 1995).

De forma geral, no decorrer de 1803 até 1948, o quantitativo de pessoas foi consideravelmente diminuído. Nos dados de 1989, a população estava distribuída entre as fazendas da Reserva e as quatro aldeias. As baixas populacionais foram atribuídas à imprecisão dos censos realizados pelo órgão oficial (FUNAI), tendo em vista que não houve epidemias ou migrações. Os índices entre 1985 a 1989 são devidos a um relativo crescimento populacional na Aldeia Bodoquena, atribuído ao interesse, despertado nos habitantes das fazendas, pela rearticulação e funcionamento da escola (Siqueira Jr. 1993).

Tabela I.2

Dados Populacionais/Aldeia Bodoquena

População da Aldeia Bodoquena Dezembro/1998	
População Total	741
Menor de 1 Ano	19
1 Ano	32
2 Anos	28
3 Anos	29
4 Anos	35
5 e 6 Anos	65
7 a 14 Anos	179
15 Anos e Mais	354

Fonte: COSAI/MS-1998

Dados demográficos apresentados pelo pesquisador Siqueira Jr. (1993) dão como população total da Aldeia Bodoquena²⁸, 421 pessoas em 1989. Em 1998, a Coordenação de Saúde do Índio (COSAI), ligada à Fundação Nacional de Saúde, no Mato Grosso do Sul, levantou os dados apresentados na tabela acima. Atualmente, esse grupo de 741 pessoas ocupa apenas a Aldeia Bodoquena. Merece destaque a elevada quantidade de crianças e jovens²⁹ - neste contexto considerados dos 7 aos 25 anos – totalizando 300 pessoas.

Os dados populacionais da COSAI/98, comparados com os de Siqueira Jr./89, respectivamente: 741 e 421 pessoas, habitantes na Aldeia Bodoquena, mostram um aumento de 220 indivíduos. Dados como este, de apenas um grupo, podem corroborar a

²⁸ Pessoas por aldeia, aproximadamente: Campina (68/1989); Tomázia (61/1990) e S.João (180/1990).

²⁹ As informações da COSAI são precisas em nomes e datas de nascimento, o que possibilitou o levantamento dos dados de interesse desta pesquisa.

informação³⁰ de que a população indígena no Brasil tem aumentado, pela primeira vez desde 1500.

d) Festas

Grandes festejos que duravam semanas eram realizados por ocasião do nascimento de um filho de cacique e durante as cerimônias de iniciação dos rapazes e moças; festas menores tinham lugar antes e depois de sortidas guerreiras e quando recebiam visitas de membros dos outros grupos locais. O programa geral destes festejos, afora certas práticas específicas em alguns deles, era o mesmo para todos. Consistia na realização de competições esportivas, farsas de mascarados, música instrumental, cantos e danças – enquanto a bebida fermentava – e, em seu consumo, no último dia (Ribeiro, 1980:168).

Para os Kadiwéu, as festas têm vários significados: reforçam os laços de solidariedade interna da comunidade devido sua propriedade bastante didática para socialização e iniciação das crianças e jovens; suspendem períodos de luto; recordam as danças e músicas tradicionais numa espécie de ‘síntese cultural’ de vários aspectos socioculturais. Os mais velhos desempenham importantes papéis, juntamente com as lideranças, quando da organização das mesmas (Siqueira Jr, 1993).

As festas podem ser: [i] de caráter inter-comunitário e inter-pessoal, como a ‘festa-da-moça’, a ‘festa do bobo’, a ‘festa do navio’; [ii] inseridas na esfera inter-étnica do grupo por meio do contato, como a nacionalmente instituída ‘festa do dia do índio’, realizada dia

³⁰ O programa ‘Povos Indígenas no Brasil/CEDI’ tem produzido e publicado, nos últimos 20 anos, informações de que a população indígena no Brasil tem aumentado gradativamente. Dados computados a partir dessas informações, acrescidos de ressalvas, permitem dizer que essa população hoje é de cerca de 270.000, isto é, 0,2% da população nacional. Do ponto de vista demográfico, 206 povos (40% da população) são formados por microssociedades, ou seja, populações de até 200 indivíduos. Outros 39 povos têm população com 201 a 500 indivíduos; 28 povos entre 501 e 1000 pessoas. Apenas 39 estão na faixa de 1 a 5 mil pessoas; 5 povos estão entre 5 e 10 mil indivíduos; 2 povos entre 15 e 20 mil; 2 povos com mais de 20 mil indivíduos e 1 povo com mais de 30 mil indivíduos (Ricardo, 1995).

19 de abril e, [iii] instituídas pelos próprios Kadiwéu, como a ‘festa de 2 de junho’, celebrada para comemorar a retomada das fazendas da Reserva dos arrendatários através de estratégias e ação do próprio grupo (Siqueira Jr/1993).

No passado, as festas eram realizadas: [i] em um local denominado *sítio de jogo* ou *praça do toldo*, reservado ao exercício de lutas entre meninos e jovens e, em certas situações, as mulheres também lutavam; [ii] no espaço em frente à casa de um ‘nobre’, a comunidade solicitava o local para a realização das mais diversas brincadeiras, as quais eram praticadas de forma específica dos Kadiwéu, e [iii] na rua da aldeia, (...) *tinha rua, não como hoje uma distante da outra, antes a aldeia ficava numa fila*, relembra D.S. (fonte oral, 1998). Toda comunidade ia percorrendo e brincando de diferentes formas (Sánchez Labrador, 1770 e Siqueira Jr. 1993).

e) Formação do Guerreiro

O mito da criação para os Kadiwéu se dá quando ‘Go-noêno-hôdi’ - personagem central da mitologia Kadiwéu - complementado pela inteligência e argúcia do ‘Caracará’ - herói enganador - explica o mundo. Após tirar várias tribos de um buraco ou de um saco, oferece a um grupo a agricultura, a caça para outros, deixando os Kadiwéu de fora. O ‘Caracará’ percebeu que os Kadiwéu estavam sendo esquecidos e, como nada sobrara, eles ficaram com a função de oprimir, guerrear e explorar os demais (Lévi-Strauss, 1945:228 e Ribeiro, 1980:158).

Este acordo singular, firmado com as divindades, fundamenta a índole do grupo e dá significado à personalidade ideal definida pela cultura, ou seja, concebida como sendo de um grande guerreiro. A índole guerreira não foi, portanto, elaborada através do contato com os brancos ou com a integração do cavalo. Os mitos tribais espelham esse espírito guerreiro, inscritos na mentalidade ‘senhorial’ e nos costumes ligados ao nomadismo. Por

outro lado, o espírito guerreiro foi reforçado e desenvolvido pela incorporação do cavalo e pela necessidade de impor resistência aos espanhóis invasores (Shaden, 1946).

Na formação deste guerreiro, vários fatores estavam envolvidos. A mãe desempenhava um papel restrito apenas à fase anterior à juventude, quando os cuidados se desdobravam, não permitindo desagrado às crianças, punições ou sanções. As fases de crescimento e desenvolvimento das crianças da nobreza eram acompanhadas por ‘festas do desmame’, ‘festa dos primeiros passos’, ‘festa dos primeiros jogos’. Após essa fase, o jovem era ‘descuidado’ pela mãe e participava de rituais de ‘festa para ser homem’, ‘festa da corrida’, entre outras (Sánchez Labrador, 1910).

Para os da categoria dos cativos, o bebê, nascido na mesma data da criança com nobreza, era tomado geralmente como ‘irmão’. Hoje os Kadiwéu falam desse ‘irmão’ como sendo o ‘capanga’ dos guerreiros mais nobres, aquele que, quando menino, participava como parceiro dos jogos de luta corpo-a-corpo e corridas, que faziam parte da formação do guerreiro. O papel deste ‘irmão’ era o de estar à frente das batalhas, defendendo o ‘irmão nobre’ com uma valentia inigualável (G.B, fonte oral, 1998).

Para um jovem ser admitido na categoria do guerreiro, este deveria participar da ‘festa da corrida’. Tal corrida, segundo descrições de Sánchez Labrador (1910), sugere ser de velocidade³¹ - 100 a 400 metros. Os futuros guerreiros afastavam-se para um determinado ponto, era dada a largada, corriam e, logo após a chegada, alguns passavam pelo ritual da ‘sangria’. Essa prática exigia coragem do praticante, e consistia em perfurar

³¹ *Corridas de velocidade* – são provas de corridas atléticas, atualmente consideradas esporte. São *balizadas*, isto é, o corredor deve fazer o percurso em *raias*: 100, 200 e 400 metros; 800 metros balizados até o final da 1ª curva; 100, 200 e 400 metros com barreiras e revezamento 4X100 e 4X400 metros. Apenas o 1º corredor corre em raia marcada e o 2º até o final da primeira curva. São consideradas, quanto ao desenvolvimento, como corridas rasas, isto é, provas balizadas ou não nas quais o corredor corre livremente pela pista. Quanto ao esforço fisiológico, as de 100 e 200 metros são considerados de velocidade pura; as de 400 e 800 metros de velocidade prolongada (Fernandes, 1979:3-5).

partes do corpo - panturrilhas, coxas - com objeto pontiagudo feito de osso de animal. Além disso, visava à recuperação fisiológica, como cansaço, cãibras, decorrentes do esforço físico praticado. Várias outras eram as provas de coragem, as quais os guerreiros eram submetidos, para que lhes fosse designada a proteção ao grupo, enfrentado guerras intertribais e conflitos com colonizadores (Levy-Strauss, 1945; Sánchez Labrador, 1910 e Siqueira Jr., 1993).

f) Condição Física do Guerreiro

A 'condição física'³², numa visão biomédica, expressa um estado advindo da interação de características genéticas e adquiridas através da atividade física. A prática da atividade física é elaborada de diferentes maneiras nas diversas culturas. Em muitas sociedades indígenas do Brasil, alguns ritos de passagem³³ representam um alto nível de performance (Rocha Ferreira, 1993).

Entre os índios Kadiwéu, no recorte histórico a que se propõe o presente estudo, o condicionamento físico foi basicamente associado à montaria, numa linha histórica narrativa, como se segue.

Índio e cavalo formavam uma criatura única. Complementavam-se, entendiam-se e até conversavam num código de assovios, que o homem inventara e o animal logo aprendera (Proença, 1958, In: Souza, 1973:168).

³² *Condicionamento Físico, Performance Física ou 'Physical Fitness'* - expressam o fenômeno das transformações orgânicas pela atividade física. Este fenômeno pode ser percebido de forma diferente em cada cultura, porque é fundamentado em princípios filosóficos diferentes sobre a percepção corpo/mente. Na filosofia tradicional indígena, numa visão macro, o ser humano é integrado ao cosmo. O ser é a própria integração e expressão do corpo-mente-cosmo (Rocha Ferreira, 1992).

³³ *Rito de Passagem* - momento de transição de uma fase a outra na vida dos jovens de ambos os sexos de muitas sociedades indígenas.

Hemming, narrando o ataque aos Mbayá-Guaicuru por uma expedição espanhola em 1540 (1978:387), conta que, neste ataque, os índios fugiram aterrorizados por não conhecerem o cavalo. Mesmo assim conseguiram escapar e sobreviver, devido à performance³⁴ de corredores velozes³⁵ e resistentes³⁶. Os homens Guaicuru foram descritos como sendo altos, fortes, musculosos e com uma capacidade incrível de resistência à fome, à sede e ao esforço. Para montar, não usavam selas nem chicote, montavam de um salto³⁷ só. Até no andar³⁸, no brincar ou ao subir em árvores altas era nítida a agilidade de seus corpos. Consideravam-se superiores aos demais grupos da região. Presumiam-se nobres e valentes.

Sanchez Labrador (1910:244-245) esteve entre eles a partir de 1770 e fez descrições físicas e do condicionamento dos Mbayá-Guaicuru, ou seja, a estatura dos homens e mulheres normalmente excedia a dos brancos. O corpo, de forma geral, era bem proporcionado, apresentava uma simetria e uma tonicidade³⁹ traduzidas em agilidade e soltura admiráveis, observáveis quando caminhavam a pé ou quando jogavam. Essa

³⁴ *Performance* - termo utilizado para expressar o fenômeno das transformações orgânicas pela atividade física (Rocha Ferreira, 1993). Para maiores aprofundamentos sobre performance em um grupo indígena, sugerimos a leitura da dissertação de Tavares: 'A Reclusão Pubertária no Kamayurá de Ipawu' – UNICAMP/1994.

³⁵ *Velocidade* - é a capacidade física mais ligada a fatores genéticos. Um adulto não-treinado pode, por meio de treinamento apropriado, melhorar no máximo de 15% a 20% seu tempo de corrida. É entendida como a velocidade que o corpo e/ou parte do corpo pode adquirir através das contrações musculares numa unidade de tempo (Gallardo, coord.,1997:28-29).

³⁶ *Resistência* - Entendida como a capacidade biológica e psíquica que permite ao organismo opor-se à fadiga – capacidade da contração muscular ser mantida ou repetidamente solicitada na execução de uma habilidade motora por um período longo de tempo (Muraro, 1987, In: Gallardo, coord.,1997:29).

³⁷ *Saltar* – entendido como o impulso do corpo à frente e/ou acima, através da ação de uma perna ou de ambas em conjunto, com ação efetiva dos braços para impulsão, fase de vôo e aterrissagem. Essa característica possibilita uma variedade de formas em que a habilidade de saltar se manifesta (Manoel, Kokubun, Tani e Proença, 1988:75).

³⁸ *Andar* – envolve uma organização complexa de movimentos, com contínua perda e ganho de equilíbrio dinâmico, em que há alternância das fases da ação da perna e as fases de apoio (Manoel, Kokubun, Tani e Proença, 1988:75).

³⁹ *Tonicidade* - Dosagem adequada da tensão muscular para cada gesto, dado que, em qualquer ação corporal, é necessário que determinados músculos alcancem um grau de tensão e que outros se relaxem (Le Bouch, 1982, Borges, 1987, In: Gallardo, coord.,1997:41).

agilidade lhes proporcionava, de um salto, montar os cavalos em pêlo. Corriam atrás dos animais, não usavam laço para capturá-los, nem os prendiam em currais. Corriam, montavam e os usavam como escudos, realizando proezas⁴⁰. Quando acontecia dos cavalos dispararem, exercitavam sua velocidade correndo para recolhê-los e segurando-os pelas crinas.

Rodrigues do Prado (1951:96), foi comandante no Forte Coimbra em 1795 e fez referência ao estado saudável de todos e aos gestos, que inspiravam robustez. De estatura alta, bem feitos, ‘envoltos em carnes’, ou seja, musculosos, capazes de resistir à fome, à sede e endurecidos ao trabalho.

Jean Bapttiste Debret (1978:82-86) visitando-os em dois períodos, 1834 e 1839, contribuiu com narrativas da excelência desses cavaleiros, ágeis na doma⁴¹ e no manuseio dos cavalos semi-selvagens. Em seus ataques, soltavam estrategicamente os animais à frente, sem cavaleiros, enquanto eles, os índios, misturavam-se aos últimos animais. Como proteção do inimigo, tinham um ardil que dava bem a idéia de destreza⁴² e perícia⁴³ desses cavaleiros: cada guerreiro, unicamente apoiado no estribo direito, segurava a crina com a mão esquerda, e assim se mantinha suspenso e deitado de lado, no sentido do corpo do

⁴⁰ *Proezas* – entendida como uma forma de expressão corporal em conjunto com o animal. A *expressão corporal* é a capacidade que permite expressar idéias, pensamentos, emoções e estados afetivos com o corpo. É uma capacidade de síntese que agrupa todas as demais outras capacidades no relacionamento com o ambiente (Gallardo, coord.,1997).

⁴¹ Domavam os cavalos na água para se protegerem das quedas. Cansavam os animais até espumarem, quando então estes respondiam com presteza ao comando (Debret, 1978).

⁴² *Destreza* - atos que devem ser aprendidos para sua correta execução. Um alto grau de destreza requer precisão espacial e temporal (Johnson, In: Canfield, 1995:18).

⁴³ *Perícia* – entendida como *orientação cinestésica*, ou seja: conhecimento perfeito de qual é a posição do corpo, ou de partes dele, em relação aos objetos e ao meio ambiente. Uma das diferenças que pode ser encontrada tem relação com a *tonicidade* das massas musculares que participam da ação, dado que o grau de contração dos grupos musculares informa ao sistema nervoso central como a tarefa está sendo realizada. Para uma maior proximidade da descrição de Debret sobre os Kadiwéu em ação com o cavalo, utilizamos o termo *expressão corporal*, ou seja: capacidade regulada pelo ambiente social, tendo a criatividade um significado especial (Gallardo, coord.,1997:41).

cavalo, conservando essa atitude até chegar ao alcance da lança. Então, erguia-se na sela e combatia com vantagem em meio à desordem provocada pelo ataque tumultuoso.

Mello Rego (1906:185-186) então general no Forte Coimbra em 1892, citando Southay, narra que esses índios não usavam estribo. Montavam sem sela, com destreza e agilidade maiores do que os artistas que apresentavam peripécias eqüestres nos circos europeus da época. Quando fugiam dos espanhóis, nunca mantinham a mesma postura, mudavam a forma de cavalgar: estendiam-se de comprido sobre o dorso do animal, ao longo da lateral ou debaixo da barriga do cavalo segurando a rédea com os dedos do pé. Tudo isso faziam em fuga, por temer as armas de fogo com que os espanhóis os ameaçavam.

Boggiani (1945:134-272) permaneceu entre os Kadiwéu em 1892 e registrou serem eles geralmente altos, bem proporcionados, com traços algumas vezes muito finos e cheios de nobreza. Tinham por costume depilar todos os pelos do corpo e do rosto, incluindo pestanas e sobrancelhas. Também limavam⁴⁴ os dentes superiores de um canino a outro, dando-lhes uma forma triangular, como uma serra.

Os relatos históricos remontam uma fase de estimados 300 anos em que as características físicas genéticas ficaram mais destacadas, em consequência do embelezamento proporcionado pelo condicionamento físico. Numa visão integral de saúde, o aspecto psicológico, traduzido no bom humor e alegria, mesmo com a índole guerreira e a ferocidade que lhes atribuíam, também foi apontado durante aquele período.

Agilidade, destreza, velocidade; sentimentos de valentia, apreço por desafios; auto-estima, resistência à fome e às intempéries - essa mistura de história, de sentimentos e de

⁴⁴ Talvez esse hábito tenha origem na cultura dos negros, segundo Boggiani (1945).

sentidos, abrem espaço para o campo de conhecimento da Educação Física e o imenso universo da atividade motora com seus determinantes socioculturais.

2.2 Dias Atuais

Nos dias atuais, a estratificação social ainda permeia a vida social do grupo. Ela se expressa nas relações internas, entre ‘senhores’ e ‘cativos’, haja visto que a categoria dos ‘guerreiros’ aparenta estar de-significada. Nos rituais e cerimônias, há uma espécie de ‘síntese cultural’, em que se manifestam as relações de alteridade. Dentre as cerimônias, as festas ainda se constituem com função didática, espaço de socialização, manutenção e transmissão cultural (Siqueira Jr. 1993: 82-85).

Atualmente, Siqueira Jr. (1993) menciona a presença de ‘rituais breves’ para marcar a iniciação das crianças e jovens nas tradições socioculturais e também quando uma criança vai para a cidade pela primeira vez. Várias festas estão sendo re-significadas, outras estão em desuso - principalmente as que se referiam ao guerreiro, possivelmente devido à superação histórica do período de colonização, das guerras intertribais, ou seja, a de-significação da função protetora e de luta desta categoria.

Perguntado, durante a pesquisa de campo, a dois adultos - uma liderança externa e outro pertencente à família tradicional - sobre os ‘índios cavaleiros’ hoje, foi assim respondido:

(...) bom eu não sei como poderia responder, é uma coisa que pode ser que foi cavaleiro mesmo há uns anos atrás, agora hoje a gente na mentalidade ainda continua.

(...) a tendência na mentalidade continua, segue o ritmo de hoje. Tinha o 'cavalo pantaneiro', hoje é o 'cavalo curraleiro', é um cavalo pequeno, mais ligeiro e depois começaram a falar 'cavalo de índio', porque ele tinha muita resistência.

(...) ninguém doma mais aqui.

(...) acabou, né. Você vê, de vez em quando tá descendo tropeiro lá de cima da Serra, vendendo cavalo doente pra índio. Aquela tropa que aquele cara trouxe esses tempos, se sobrou algum eu não vi, foi tudo, uns cavalos que já vem com o dias marcados já. Os caras vendem fiado, se não recebe mais não fazem questão.

(...) por exemplo, hoje o índio tá mais pra usar o burro, porque o burro é bem resistente, você viaja nele, ele tem resistência, o cavalo já não tem a resistência do burro (B.B.M. e E.A, fontes orais, 1998).

No imaginário, na 'mentalidade', o 'índio cavaleiro' ainda permanece. Mas, ambos aludem aos dias de hoje com diferenças: há um reconhecimento quanto à determinado tipo de animal que leva as características de resistência e que ficou conhecido como 'cavalo de índio'. Por outro lado, o 'saber' étnico, próprio dos Kadiwéu, para reconhecer bons cavalos parece estar também de-significando, acompanhando o mesmo processo da figura do guerreiro.

Mais recentemente, o grupo tem adotado a prática esportiva, principalmente o futebol, durante quase todas as festas. A organização dessas atividades segue o estilo de torneios tradicionais, bastante diferentes das formas de organização utilizadas no passado (ver: Festas). Assim como tem participado de comemorações de datas cívicas nacionais, organizadas pela escola, como o '7 de setembro'.

O contato têm efeitos e os Kadiwéu possivelmente estejam re-significando as datas nacionais-oficiais, dentro de uma perspectiva da história deles, como sugere a solicitação

durante a festa de '7 de setembro': *os pais têm que colaborar, participar, para dar exemplo às crianças*' - dizia a diretora da escola, chamando a todos para participar da 'gincana', na prova da brincadeira da 'mandioca'. Foram os homens, lideranças e conselheiros, depois as mulheres, as crianças já tinham participado. Na continuidade do evento foram entregues os 'troféus' para o 1º e 2º lugares da gincana. Os troféus permaneceram na escola, e não se sabe com exatidão se estes são constantemente reutilizados para o mesmo fim ou similares.

A presença de modalidades esportivas como o vôlei, o futebol e o atletismo são constantes na vida dos adultos homens, enquanto as mulheres têm uma participação mais limitada. Os jovens participam em todas as práticas, inclusive com treinamentos especiais. O futebol-de-campo foi mencionado em recente entrevista:

Estamos pensando em construir uma quadra aqui, para o pessoal jogar futebol-de-salão, porque eles não praticam. (...) a gente vai caçar um 'patrocinador' para fazer uma quadrinha para o pessoal treinar, para o pessoal conhecer aqui dentro da aldeia e jogar aqui dentro, porque em algumas aldeias já tem quadra já, de futebol-de-salão juntamente com vôlei. É um esporte muito bom, de velocidade, rapidez (MF, fonte oral, 1998).

Nesta fala é possível perceber que a metalinguagem utilizada na Educação Física, 'velocidade, rapidez', utilizadas para caracterizar uma modalidade esportiva ou uma atividade motora, fazem parte do vocabulário do informante e são usadas com clareza. A expressão 'patrocinador', o que há de mais contemporâneo no mundo esportivo de hoje, também é utilizado.

Na Aldeia, o campo-de-futebol é visualizado compondo o panorama atual do conjunto de moradias, como é possível visualizar no mapa, a seguir.

3 -BRINCADEIRAS E ESPORTE

3.1 Considerações Sobre Brincadeiras Tradicionais

Há uma variedade de formas de jogar ou brincar inventadas e cristalizadas pelo 'homo ludens' no decorrer de séculos, nos cinco continentes. Estudos antropológicos e históricos sobre brincadeiras, em diferentes culturas, têm trazido à tona e expandido os conhecimentos sobre uma diversidade de formas de brincar e, ao mesmo tempo, revelado similiaridades entre elas, mesmo em diferentes regiões.

A herança lúdica da América do Sul foi mapeada em estudos que a caracterizaram segundo localização espacial. Para fins de pesquisa, a região do Continente Sul foi dividida em seis áreas geográficas⁴⁵. Dentre elas, a região do Grande Chaco, que envolve o Pantanal Mato-grossense foi caracterizada como a única área não conectada com o mar, tendo os rios Paraguai e Paraná desembocando no oceano Atlântico. Esta distinção geográfica influenciou os vários grupos indígenas que a habitavam, proporcionando coerência às brincadeiras e elevando-as à condição de valioso patrimônio lúdico (Mele e Renson⁴⁶,1992).

A brincadeira mais específica do Grande Chaco ficou conhecida como 'chueca'. Várias tribos brincavam dessa maneira: usavam uma raquete em forma de colher, a bola feita de fibras vegetais, e duas equipes jogavam. Essa forma de jogar foi encontrada em outras partes: na América do Norte é conhecida como 'shinny'(ver: Figura I.1) e no Chile é conhecido como 'palin'.

⁴⁵ Círculo Caribenho, Amazônia, Leste do Brasil, Grande Chaco, Pampas/Patagônia/ Terra do Fogo e Andes.

⁴⁶ Para maiores aprofundamentos sugiro a leitura: Traditional Games in South America, dos autores citados.

Essa brincadeira é fortemente enraizada entre os índios ‘Mapuche’ ou ‘Araucanos’, do Chile. Como guerreiros, recebiam educação tradicional no passado, estando a oratória, o culto às tradições, o respeito aos pais, o amor à terra, a prática dos jogos rituais e esportivos na base da sua formação. Eles, num processo semelhante ao dos Kadiwéu, se destacaram por sua enérgica e valente oposição à ocupação espanhola a partir de 1536. Atualmente esses índios retomaram do passado o jogo de ‘palin’ e o converteram em jogo nacional chileno⁴⁷.

Entre os Mbayá-Guaicuru havia uma grande variedade de brincadeiras, presenciadas e relatadas por Sánchez-Labrador (1910), que permaneceu entre eles em 1770 e por Boggiani (1945), que por 2 períodos, em 1892 e 1897, também permaneceu junto ao grupo. Em ambos, no período compreendido por 100 anos, foram encontradas as brincadeiras da ‘peteca’, a ‘chueca’, as ‘corridas com o cavalo’.

Atualmente, durante as pesquisas de campo realizadas entre 1997 a 1999 (ver: Tabela I.3), aproximadamente 100 anos após Boggiani, foi observado, para fins deste estudo, que as ‘corridas de cavalo’ ocorrem apenas em ocasiões especiais devido, entre outros fatores, à má condição de saúde dos animais. A ‘peteca’ foi rememorada durante algumas fases da pesquisa, talvez estimulados pela memória dos mais velhos, mas não está sendo usualmente praticada no período das colheitas de milho. Quanto à ‘chueca’, não foram observados sequer vestígios de sua prática, apenas memória.

Os relatos das brincadeiras foram sistematizados em 7 grupos, seguindo parcialmente a proposta elaborada por Mele e Renson (1992), complementada ou suprimida

⁴⁷ No Chile, onde estimados 40% dos habitantes são índios Mapuche, há a perspectiva de criação da disciplina ‘Atividade Física Aborígene’, com o objetivo de estudar aspectos da condição física, a motricidade, saúde, higiene, festas, danças, jogos, entre outros. Um outro aspecto são as pesquisas que apontam a retomada do ‘palin’ enquanto cultura, sugerindo adaptações deste e de outros jogos de bola à didática da Educação Física Escolar (Von Vriessen, 1994 e 1977).

pelas adaptações às especificidades do próprio grupo indígena. Na tabela (ver: Tabela I.3) foi adotado o termo 'jogos', a saber: de bola, de atirar, com animal, de tiro/chute, de combate/competição/belicoso, de locomoção, de lançar/arremessar, de grupo/festas. Os jogos caracterizados por 'chute' e por 'festas', foram os que saíram das especificações do autor mencionado.

Tabela I. 3**Quadro/Síntese das Brincadeiras Relatadas pelos Índios Kadiwéu/ 1998 a 1999.**

* as descrições de cada brincadeira estão no item: 'Corpus'/Brincadeiras.

BRINCADEIRA	MODALIDADE (Renson e Smulder-parcialmente)	FINALIDADE	ESTRATÉGIA	ÉPOCA
1 a 3- variações	1.Jogos de Bola/Peteca	Brincar	Usar bola de fibras vegetais. Usar taco de madeira. Não ter regras de controle.	Passado
4 e 5- variações		Brincar	Atirar e Rebater a peteca com a mão. Grupos escolhidas na hora	Passado Presente
6 'Malha (foi filmado)	2.Jogos de Atirar (boliche/ pinos/ discos de metal)	Acertar o alvo.	Usar cilindro de ferro (malha). Acertar alvo em distância pré-determinada.	Passado Presente
7	3.Jogos com Animal	Escudo de Proteção	Disparar vários animais ao mesmo tempo e usar alguns como 'escudo' deitando na lateral ou debaixo do corpo do animal.	Passado Presente (em apresentações)
8		Corrida e Caçada	Corda entremeada com tábuas formando tipo uma 'teia de aranha', lançada durante a corrida com o animal.	Passado
9 (foto na pesquisa)		Corrida com animal -'Carreiras'.	Passado: todos os animais usados para caçar. Hoje: há seleção dos animais mais velozes.	Passado Presente
10		Habilidades no domínio com tropas. Treino para os animais.	Corrida com animais em penca (grupo).	Passado
11 e 12 variações		Acertar o alvo	Galopar e encaixar suporte, tipo lança, na argola.	Passado
13		Treino para guerra	Cavaleiro carrega bandeira	Passado
14		Interação com o animal. Desenvolvimento de Habilidades na infância.	Colocar corda no pescoço do animal e segurar na crina para subir.	Presente

15		Transporte. Desenvolvimento de habilidades na infância.	Usar cavalo pequeno.	Presente
16, 17 e 18 (variações)		Aprendizagem, como andar no touro e no cavalo.	Animal manso. Auxílio do pai.	Presente
19		Treinar 'Carreira'	Treinar galope. Montar rápido. Conduzir corretamente.	Passado. Presente
	4. Jogos de Chute (não foram encontrados)			
20	5. Jogos de Combate/ Competição/ Belicoso	Luta Brincadeira	Durante o baile. Usar um pano para se cobrir. Imitar o som de "touro". Usar vareta para "bater" no touro. O "servo" entrava quando a luta ficava mais ferrenha.	Passado Presente (esporadicamente).
21 e 22 (variações) 'Mandióca'		Força Unidade do grupo.	2 equipes: uma sentada, unidos enlaçados pela cintura, estando o 1º agarrado a um esteio de madeira. A outra equipe de pé, também unidos enlaçados pela cintura, estando o 1º agarrado ao último da 1ª equipe que está sentada. Tentar deslocar a equipe toda através do balanço/ arrancar a 'mandióca'.	Passado Presente
23		Luta	Jogar o outro no barro e iniciar a luta. Sai um entra o outro.	Passado
24		Luta/Coragem	'Torear' o outro usando um lençol. Não havia regras de controle.	Passado Presente
25		Luta	Treinar com outro índio da etnia 'Chamacoco' (servo). Nas lutas 'de verdade' o servo ia à frente, com arco e flecha (capanga).	Passado

26 'Caititu e Caçador'.		Acertar o inimigo	Utilizar 'balas' de mamona. Acertar o outro em velocidade.	Passado
27 'Joga Bunda'		Lutar Brincadeira	Vários ritmos eram tocados pelo músico durante o baile. Em determinado momento ele parava e tocava a música para 'touro'. Alguns colavam pano na cabeça, andavam abaixados, batiam nas costas e convidavam alguém para lutar. Durante a luta, o soco podia pegar em qualquer parte, sendo o alvo preferido o queixo, rosto, testa. Quando o combate era muito forte alguém intervia. Não era 'sério', mesmo machucado não dava briga depois.	Passado (festa da moça)
28	6. Jogos de Locomoção (em terra e água)	Treino de resistência para o guerreiro. Festejar a menarca.	Som de bumbo e pessoa cantando. A moça fica 'presa' em casa até que alguém vai até ela e faz um tipo de exercício (não foi explicado). Os homens carpem o quintal, fazem um 'limpão' para os atletas darem a largada. Cortam lenha e acendem a fogueira. Todos os convidados ficam ali, aguardando o outro dia. Antes do sol nascer os guerreiros saem para a corrida, atrás deles pode correr quem quiser, menos as mulheres. Na chegada o guerreiro só pode parar se for recebido por uma mulher (mãe, irmã).	
29 "jacaré"		Transportar peso	Uma pessoa "finge" de morto. O outro o coloca nas costas e o transporta.	Passado

30 'Cágado'		Força	Uma pessoa toma a posição de quatro e é passado um laço em seu corpo para os outros puxarem. Ele opõe resistência.	Passado
31 e 32 (variações)		Resistência	Correr durante a madrugada. Não beber água. A técnica de correr no mato é um conhecimento repassado dos antigos para os guerreiros (rapazes maiores de 15 anos).	
33		Sobrevivência	Atravessar rio fundo levando na mão objeto pesado e que não podia molhar.	Passado
34 'Indo para a roça'.		Resistência Brincadeira	Mergulhar e pegar um punhado de areia no fundo do rio	Passado
35		Resistência Lutar na água Esconder do inimigo. Fugir para longe através do mergulho. Força Resistência	Lutar na água	Passado Presente
36	7. jogos de lançar/arremessar (à distância e com alvos móveis ou imóveis)	Acertar o inimigo	Acertar alvo parado pré-determinado/bananeira.	Passado
37 e 38		Acertar o alvo	Atirar a flecha na distância de um 'gol ao outro'. Quem não é acostumado fica mais próximo. É individual, não tem time. Vale um ponto cada acerto. Variação: Fazer do alvo a garrafa plástica de álcool amassada.	Presente

39, 40 e 41		Acertar alvo	Arco confeccionado pelos próprios. Fixar alvo fixo em árvores ou objetos.	Passado Presente
42	8. Jogos do grupo/ festas	Brincar de navio	Organização dos participantes em 'capitão, cabo, soldado'. Fazer um cerco com uma única entrada. Quem atravessar a porta tem que lutar com todos os 'soldados' que estão ali. Tem um que faz o papel de 'índio'. A única forma de tratamento: 'paraguaia' para as mulheres e 'soldado' para os homens. Participam todas as idades. Festa realizada na frente da casa de um 'filho querido', ou nobre. Durava vários dias e no último dia ela era repassada para outra família.	
43		Festas com brincadeiras para todos.	Luta Danças	Passado
44		Brincadeira para qualquer hora ou na festa.	Depositar um colar no chão. Inclinar o tronco, mãos para cima, sem colocá-las no chão e pegar o colar com a boca.	Passado
45		Abrigo Congraçamento	'Casa cachorro'- local de hospedagem durante as festas.	Passado
46		Brincadeira – é uma forma de estabelecer limites.	Alguém veste-se no mato com máscaras - Festa do Bobo. O 'Bobo' tem poderes de fazer adoecer os outros e até matar. Ele faz pedidos que se não forem realizados podem trazer consequências. Todos o temem.	Passado Presente

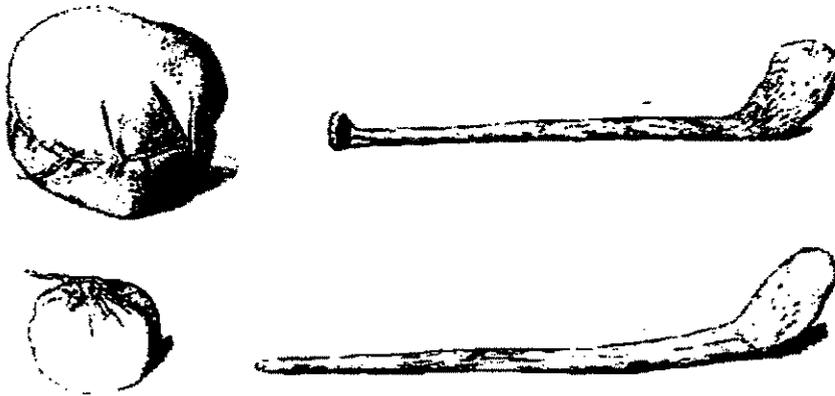
47		Descobrir doenças. Romantismo.	Montar Figuras Geométricas com fios, usando os dedos das mãos.	Passado Presente
----	--	-----------------------------------	---	---------------------

Figuras I.2

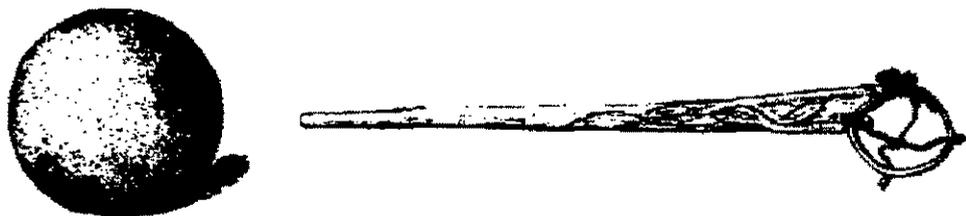


Índios Dakota/Minesota/1872 – jogando bola de forma semelhante à ‘chueca’. Fonte: Culin, 1975, p. 614.

Variações em raquetes e bolas/Grupos Indígenas da América do Norte

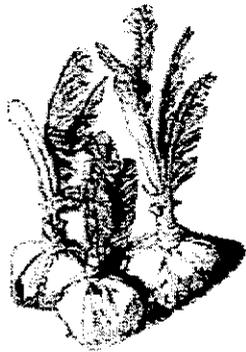


Índios Shoshoni/Wyoming/1900. (Culin, 1974, p. 636)



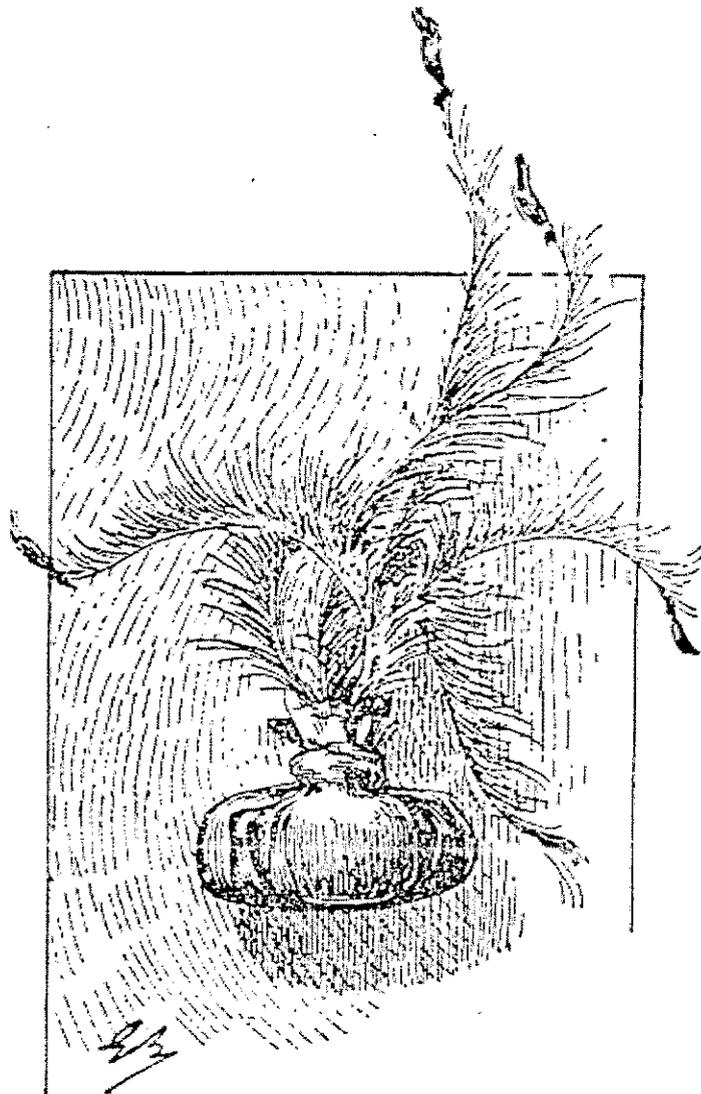
Índios Winnebago/Wisconsin/1892 (Culin, 1974, p. 616)

Figuras I.3



Petecas: Índios Suni/Novo México/1903
Fonte: Culin, 1975/p. 720

Peteca: Índios Kadiwéu/Brasil/1770.
Fonte: Sánchez-Labrador/1910, tomo II.

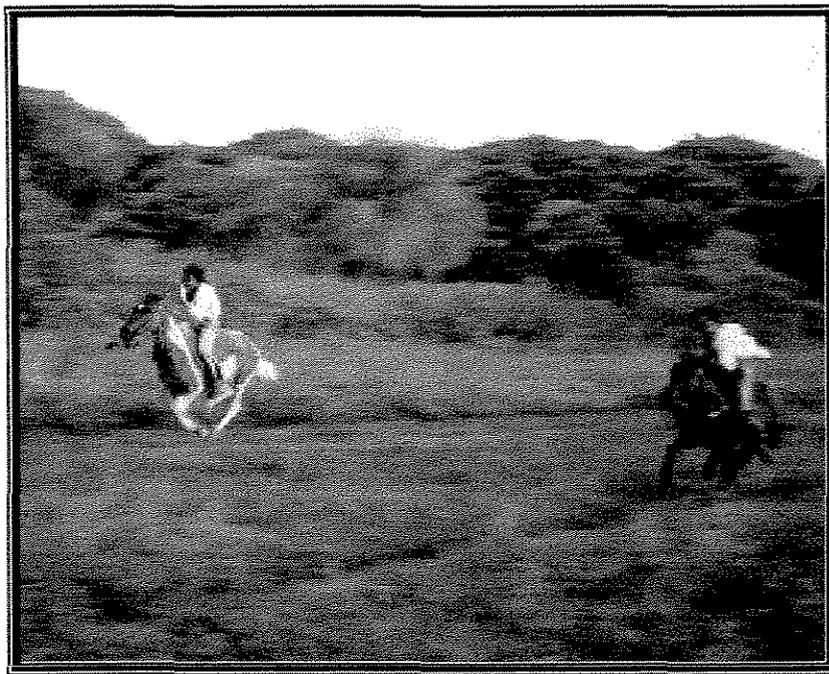


Figuras I.4



Jogo de Peteca/Índios Kadiwéu/Brasil/1770.
Fonte: Sánchez-Labrador/1910, tomo II.

Figura I.5



'Carreiras' – corrida de cavalo/Índios Kadiwéu/Brasil
Fonte: Siqueira Jr. (1987)

3.2 Considerações Sobre Esporte

O esporte, visto como fenômeno socialmente construído, tem sido analisado por pesquisadores de diferentes formações: historiadores, antropólogos, sociólogos, havendo entre eles diferentes linhas de pensamento. O presente estudo não objetiva elencar e discutir tais teorias, apenas se vale das abordagens de um desses renomados pesquisadores e de elaborações realizadas em pesquisas acadêmicas, para situar o tema.

Segundo teoria de Elias⁴⁸ (1994), refletida em Proni (1998), a vida em sociedades humanas leva a um acúmulo de tensões, sendo necessário o desenvolvimento de meios que compensem esse estresse originado por um constante autocontrole da vida em sociedade. Nesse contexto, as 'atividades recreativas', em diferentes sociedades, teriam a finalidade de atender às emoções, aos impulsos afetivos e instintivos - devidamente acobertados pelas relações sociais - constituindo-se em espaços socialmente aceitáveis para liberação dessas emoções.

Inúmeras sociedades deixaram registros de atividades físicas significativas. Por exemplo: povos indígenas de diversas regiões, grandes civilizações, reinos da Europa medieval. Enfim, as sociedades contemporâneas não foram as únicas a sentirem prazer com tais atividades. Mas, embora diferenciadas de acordo com o estilo da sociedade, época, lugar, classe social, o que chama a atenção é que elas são sempre mencionadas relacionadas com a organização social (Elias, 1992:191 e Proni, 1998).

Ao longo dos últimos 5 séculos, na civilização européia, as atividades recreativas foram dando origem às competições físicas organizadas, com o desenvolvimento de

⁴⁸ As reflexões do autor contribuem no sentido de ampliar as possibilidades de problematização pretendidas neste estudo.

modalidades diferenciadas de autocontrole das emoções e a esportivização⁴⁹ dos passatempos das classes guerreiras⁵⁰. Processualmente, acompanharam as transformações socioculturais, políticas e de personalidade – principalmente do estilo guerreiro - para formas socialmente mais aceitas, com regras de etiqueta convencionais para aquela sociedade. Entre meados do século XVIII e décadas iniciais do século seguinte, elas estiveram circunscritas às classes altas e, em meados do século XIX, envolveram mais as classes médias e, posteriormente, as operárias (idem).

O termo inglês ‘sport’ foi adotado em diversos países para designar esses ‘passatempos’, que tinham características singulares em comum, principalmente entre 1850 a 1950. Na realidade, este termo soava um pouco estranho, quando usado em outros países com línguas diferentes. Na Alemanha, em 1810, se dizia que o termo era intraduzível e que, como não tinham palavras para ‘aquilo’, o adotariam no original. Gradualmente, com o crescimento das atividades esportivas o termo se consolidou entre os alemães apenas no século XX. Na França, o termo era associado à palavra francesa ‘desport’ (prazer, diversão). E os franceses, mesmo considerando que a importação de termos corrompia a língua francesa, o adotaram (Elias:188-189).

As questões ligadas ao ‘esporte’ enveredam por vários aspectos das sociedades, como explicitado nas considerações acima. Atualmente, as pesquisas aprofundam-se cada vez mais diante de um fato: como um tipo de ‘passatempo’ inglês chamado ‘esporte’ determinou, principalmente no século XIX e XX, o padrão de um movimento de lazer de

⁴⁹ *Esportivização*: entendido, no âmbito do processo civilizatório, à transformação das atividades recreativas que envolvem esforço físico, em modalidades esportivas.

⁵⁰ Elias (1992: 215-235) se refere ao *guerreiro* enquanto grupo mais afetado pelas mudanças nos padrões de conduta estabelecidos pela sociedade de corte dos séculos XVII e XVIII. *A nobreza belicosa é substituída por uma nobreza domada, com emoções abrandadas, uma nobreza de corte*. Não só o processo civilizador ocidental, mas em outros grandes processos civilizatórios uma das transições mais decisivas é de ‘guerreiros para cortesãos’.

abrangência mundial? (idem:191). Portanto, a idéia de ‘esporte moderno’ como um movimento sociocultural, relativamente recente e original, levou Elias a refutar o pressuposto de esporte como continuidade ou renascimento das competições da Antiguidade, das tradições gregas e romanas, mas, sim, como um processo cultural de ‘esportivização’ de atividades lúdicas que implicam esforço físico, sendo sua prática distinta das que a antecederam.

Atualmente, o termo ‘esporte’ é utilizado de forma vaga ou indiscriminada: [i] quer como referência ao confronto de jogos e aos exercícios físicos de todas as sociedades, [ii] quer em relação ao tipo específico de práticas de jogos que, conforme o próprio termo, tiveram origem na Inglaterra e de lá se propagaram para as outras sociedades (ibidem: 191-192).

Embora o ‘esporte’ tenha diferentes significados, podendo serem feitas dele diferentes leituras, há, em seu traço de fenômeno contemporâneo, características de que cria consumidores, dá destaque à personalidades do mundo esportivo e tende, quando mediado pelos meios de comunicação, a ‘prevalecer como o divertimento desejado pelas pessoas’ (Proni, 1998).

Em algumas sociedades indígenas, no Brasil, há registros recentes do uso do termo ‘esporte’ com significados próprios para cada grupo. Geralmente, são denominados como ‘nossos esportes tradicionais’ ou, mais especificamente, o ‘futebol dos índios⁵¹’ - este, inclusive, com atletas de destaque no cenário nacional⁵².

⁵¹ Vários grupos indígenas praticam o futebol, participando de torneios internos e externos, e há uma Seleção Nacional de Futebol dos Povos Indígenas (RCNEI/MEC/1998:323).

⁵² Em Goiás, no Clube Anápolis, há três Fulni-ô e, no Corinthians/S.P, há um Xukuru-Kariri, conhecido pelo apelido de ‘Índio’ (RCNEI/MEC/1998:323).

Há um lado da re-significação do ‘esporte’ para os índios Kadiwéu, afetada pelo vínculo deste com o fenômeno do mercado, o consumo, ou seja: o índio vai ligar a tv, assistir à copa do mundo e o jovem vai ser estimulado a jogar. Por outro lado, embora a ‘cultura’ não reverta este quadro, o grupo pode encontrar significados específicos, como os de ‘cooperação’ entre os índios Xavante/MT:

(...) consideram a corrida com toras de buriti um ‘esporte tradicional’ da sua sociedade. Dizem também que o futebol, jogo de que gostam muito, é como a corrida de tora. Pois a bola e a tora são símbolos circulares e, nas duas atividades, a cooperação coletiva é fundamental: um corredor passa a tora para o ombro de um companheiro, este, para o ombro de um terceiro e assim por diante; do mesmo modo, se não trocar passes de bola com seus colegas, um jogador de futebol não consegue ir muito longe (RCEI/MEC/1998:331).

Para os Xavante há uma clara re-significação em ambas as atividades, a indígena e a urbano-industrial. Os objetos circulares, bola e tora, devem ser repassados cooperativamente entre os participantes e o aspecto competitivo também está presente em algumas práticas do grupo (RCEI/1998).

Entre os Kadiwéu, Darcy Ribeiro quando os visitou em 1947 (ver p.21) fez referências sobre ‘competições esportivas’. Mais recentemente, o campo-de-futebol já compõe a paisagem da Aldeia (ver: Mapa da Aldeia Bodoquena/1993), o termo ‘patrocinador’ foi usado para solicitar a construção da quadra de futebol-de-campo, assim como a metalinguagem própria da Educação Física e Esporte estão sendo utilizadas (ver: relato oral, p.28). Entretanto, nada havia sobre os possíveis significados do esporte para eles.

Nesse sentido, o presente estudo deixa perguntas que podem levar a futuras respostas. Como estariam os Kadiwéu re-significando o futebol? Seria possível estabelecer uma relação entre o ‘condicionamento físico do guerreiro’ e a ‘índole guerreira’, com o imenso interesse pelos esportes na atualidade? Haveria sentidos de ‘cooperação’, semelhantes aos dos Xavante ou outros?

As diferenças entre o sujeito social que é o índio e o sujeito social que é o ‘branco’ certamente ampliam as formas de leitura do esporte. O tema esporte é complexo, mesmo na sociedade envolvente. Portanto, em uma sociedade sem Estado (Kadiwéu), convivendo com sociedades-Estado, outras perguntas podem ser formuladas: [i] estariam os índios Kadiwéu ‘esportivizando’ suas práticas lúdicas e/ou expondo-se à supremacia do esporte? [ii] poderiam estar simplesmente tomando conhecimento de uma poderosa ‘linguagem’ do mundo contemporâneo, de conhecimento do mundo dos brancos, fazendo dela uma forma de divulgar também sua cultura (RCNEI/1998)?

3.3 ‘na:loGo’ e ‘bo:laGa’⁵³ - Brincadeiras e Esporte entre os Kadiwéu

No Brasil, de forma geral, há distinção entre ‘jogar futebol’ e ‘brincar’. *Brinca-se carnaval, mas joga-se futebol* (Da Matta, 1982: 27). Portanto, o futebol é visto como ‘jogo’. - Vamos ao jogo-de-futebol! - dizem os brasileiros.

Essa forma de se expressar, observa Da Matta, denota duas idéias que seguem juntas, já que a idéia de ‘jogo de azar’ também é marcada pela expressão ‘jogo’.

⁵³ A escrita da palavra inicia com letras minúsculas. Os dois pontos indicam que a vogal ou consoante que precede os dois pontos são longas, como, por exemplo, as consoantes do italiano (‘g’ maiúsculo (G) indica uma fricativa como o ‘r’ no Francês de Paris). Os dados da escrita Kadiwéu usados neste trabalho vem de Sandalo, 1995.

Diferentemente, em sociedades da América do Norte e Europa, as duas idéias seguem separadas. Nos Estados Unidos e Inglaterra usam a expressão 'gamble' para expressar os 'jogos de azar', algo distante do significado de 'esporte', embora possa fazer parte das organizações esportivas.

No item anterior, o esporte foi visto sob a ótica do seu país de origem, a Inglaterra. Então, o golfe, o surfe, o tênis, o futebol são reconhecidos com 'esportes', para eles. A tônica do termo 'esportivo' nas citadas culturas internacionais está na competição, na técnica, ficando a 'sorte' em último lugar. Aparentam realçar o controle do físico e a coordenação de indivíduos para formar uma coletividade.

Por outro lado, no Brasil, o 'esporte' é vivido e concebido como 'jogo', o qual requer técnicas, táticas, habilidades, mas também *depende das forças incontroláveis da sorte e do destino*⁵⁴. Talvez por isso sua associação com a loteria e com o apelo mágico das religiões Afro-brasileiras (idem:25).

O olhar antropológico de Da Matta pontua aspectos culturais que marcam as diferenças desse país com outros, a saber: há um 'jogo' jogado *no campo com profissionais*; há um outro que se passa na *vida real*, jogado pela população e, um terceiro, jogado *no outro mundo*, influenciado por entidades, com capacidade de promover transformações nas diferentes posições sociais envolvidas naquele evento esportivo.

O Brasil, à vésperas de completar 500 anos no ano 2000, tem ignorado sua imensa sociodiversidade nativa contemporânea dos povos indígenas (Ricardo,1995:29). Com uma

⁵⁴ Essas considerações apresentam sérios problemas para as transformações estritamente analíticas e formalistas *do domínio do jogo*. Quando alguns autores estrangeiros postulam uma classificação dos jogos em 'estratégicos, de azar e de habilidade física', quem poderá garantir que certos jogos não serão concebidos socialmente como combinando esses três elementos de modos desconhecidos para o analista? No Brasil, por exemplo, o futebol, um jogo de alta habilidade física, *está fortemente ligado ao sistema de sorte/azar, o que situa o seu aficionados diante de estratégias divinatórias específicas, como um fato rotineiro e necessário – como parte e parcela da própria atividade esportiva em foco* (Da Matta (1982:25).

população de estimados 206 diferentes grupos étnicos, sobreviventes aos mais de mil grupos existentes antes da chegada dos europeus; com cerca de 170 línguas nativas existentes hoje, o país, lentamente, vai mostrando sua diversidade, ocultada pela falta de espaços para essa população se significar, estando muitos, ainda, com tradições orais e domínio precário do português. Tudo isso se configura como barreiras para se comunicar com o mundo dos não-índios, além de que, muitos dos *seus pontos de vista são tomados fora do contexto de onde vivem* (idem:29).

No contexto dos Kadiwéu é falada a língua Kadiwéu. Nela existe a palavra “na:loGo” significando ‘festa ou brincadeira’, como sinônimos. Para a palavra ‘jogo de futebol’ criaram recentemente a palavra “bo:laGa” que também é usada para ‘esporte’, originada da palavra ‘bola’ (Sandaló, 1995).

O contexto criado pelos Kadiwéu para o ‘esporte’, possivelmente é constitutivo dos significados de como o futebol foi apropriado pelo grupo, isto é, na historicidade da palavra poderia estar situada uma forma de contato, caracterizada: [i] pelo uso da bola⁵⁵ como brinquedo, [ii] pela utilização dos membros inferiores em determinadas brincadeiras⁵⁶. Ambas as situações, uso da bola e das pernas para brincar, não faziam parte da cultura do grupo ou era raro entre eles.

Durante toda a pesquisa de campo foi observado na discursividade dos informantes, o uso das palavras ‘festa’, ‘esporte’ e ‘brincadeira’ em situações em que, aparentemente, elas se misturavam. Entretanto, no contexto, há distinção de significados.

⁵⁵ Os jogos com bola foram mais difundidos em áreas geográficas onde havia a árvore produtora de látex (Mele e Renson, 1992).

⁵⁶ Na memória coletada nos relatos orais não foram encontradas brincadeiras com o uso dos membros inferiores, ou seja “jogos de chute” (ver: Corpus).

Os mais idosos, quando fazem uso simultâneo dos termos em diferentes situações, geralmente o fazem com predominância da palavra 'brincadeira'.

O esporte é uma brincadeira, festa é uma brincadeira, então não há diferença no dizer brincadeira para festa e brincadeira para esporte. Falando esporte é uma brincadeira, futebol é uma brincadeira (D. S., fonte oral, 1998).

O uso vago dos termos, ora com os mesmos significados, ora não, supõe uma fase de re-significação do sentido da festa para os mais idosos. A prática do esporte, principalmente o futebol, está muito recente no cotidiano do grupo⁵⁷ e não ocupa um lugar diferenciado, portanto, ocasionalmente ele é usado para designar a totalidade do que significa a festa na cultura Kadiwéu (ver: Festas, p.21).

Os mais jovens fazem distinções, mais perceptíveis entre os praticantes do esporte e conhecedores da cultura urbano-industrial:

No futebol já existe aquele desejo de ser campeão, de ser o melhor, e acontece a rivalidade. Dentro do esporte, das brincadeiras do Kadiwéu, no passado não acontecia isso, até mesmo por trás disso existia a luta, porque quando houvesse alguém com raiva de alguém, eles entravam nessas lutas e com isso terminavam. (...) Aquela prática de esporte era mesmo durante as festas, (...) quando não tinha festa, então ficava sem a prática do esporte. Já o esporte pode ser praticado nos treinos, campeonatos, torneios e outras coisas assim (H.S, fonte oral, 1998).

A fala de H.S. já re-significa o sentido da festa e dá significado ao esporte. Ambos se antagonizam: há o 'sentimento de rivalidade', presente junto ao desejo de ser campeão,

⁵⁷ Há uns 15 anos o futebol chegou na Aldeia (B. B. M., fonte oral, 1998).

oriundo das relações do contato via esporte, e o ‘sentimento de raiva’, solucionável internamente no passado, através da ‘luta’, originado da cultura.

O trânsito entre duas memórias instiga a elaborar perguntas. Quais implicações, na interação social do grupo e para com a sociedade envolvente, estarão chegando com o esporte? A luta atuava como um regulador das emoções, o esporte teria a mesma função? Quais vivências estarão sendo legitimadas e quais significados poderão predominar, frente a um maior interesse pela ‘prática esportiva’, em detrimento das ‘brincadeiras e festas’? (Da Matta, 1982).

3.4 Memórias: Bibliográfica e Oral

Na dimensão teórica estabelecida para a compreensão dos chamados ‘jogos ou brincadeiras tradicionais’, há características similares estabelecidas por vários autores, no campo da Educação Física, a saber: são considerados práticas traduzidas em forma de comunicação e socialização simbolicamente elaboradas, tanto pela abrangência geográfica e pelo significado sociocultural em diferentes culturas, como pela abrangência de todo um grupo de participantes envolvidos num conhecimento ligado às raízes (Renson e Smulders, 1981:100).

Elias (1985:65) os situa dentro de determinado período histórico, denominados como ‘passatempos⁵⁸’, sendo regulamentados de acordo com as tradições de cada grupo que os praticavam, com variações de uma localidade a outra e, possivelmente, repassados às gerações mais novas por patronos das aldeias antigas.

⁵⁸ Entendido como ‘brincadeiras e jogos tradicionais’.

Dunning (1997) caracteriza os jogos tradicionais em vários aspectos, dos quais foram destacados quatro: a) têm jogo-padrão oscilante, com tendência de mudança a longo prazo, as quais, do ponto de vista do participante, são emperceptíveis; b) sofrem influências das diferenças sociais e do meio ambiente; c) os jogadores não têm chances de reputação nacional ou de receberem pagamento em dinheiro e d) as regras habituais são simples e não escritas, legitimadas pela tradição.

Todos esses aspectos são comuns nas diferentes sociedades, mas o item 'd' remete a um fato mais próximo do grupo indígena Kadiwéu, ou seja, por serem de sociedade ágrafa, o 'repasso' das tradições requer a oralidade ou outro tipo de linguagem que não a escrita. Os registros escritos são contemporâneos e são frutos de relatos de pessoas que permaneceram entre eles, de pesquisas acadêmicas realizadas em campo, ou, do trabalho do 'professor índio-pesquisador' da sua própria cultura. Tais circunstâncias tornam as 'brincadeiras tradicionais' vulneráveis, podendo, assim como várias línguas indígenas, serem dadas como desaparecidas.

Na cultura Kadiwéu, as pesquisas de campo realizadas para fins deste estudo apontam que o repasse tradicional de algumas brincadeiras, como exemplo, a chueca, não está mais ocorrendo. As pesquisas acadêmicas registraram apenas a memória. Se há procedimentos de re-significação internos à cultura, eles estão no âmbito de um saber dos anciãos para com os mais jovens, não mencionado pelos informantes, nem observados no cotidiano do grupo.

As brincadeiras tradicionais, do presente e do passado, relatadas durante a pesquisa de campo, apresentaram 47 formas diferenciadas ou de variações das atividades

tradicionais⁵⁹, sendo: 5 apresentando variáveis com o uso de ‘bola’ (feita com fibra vegetal ou em forma de peteca); 1 usando a forma de ‘arremesso’ com cilindro de ferro (malha); 13 com uso de ‘animal’, principalmente o cavalo e, com menor freqüência, o touro; 8 jogos de ‘combate/belicoso’; 15 jogos de ‘locomoção’, sendo 12 em terra e, 3 na água; 6 brincadeiras de ‘lançar/arremessar’, com uso de flecha; 6 tipos que incluem ‘festas’, ‘pequenos grupos’ ou ‘atuação individual’. Não foram encontrados relatos de jogos com ‘chute’. A grande maioria dessas práticas ocorreu no passado, ou seja, 31 delas. No presente, 17 são usualmente praticadas, ou apenas em circunstâncias especiais (ver: Tabela I. 3 e ‘corpus’).

Quanto ao esporte, foram observadas a prática do vôlei, atletismo e futebol. Fortalecendo esses interesses, foram registradas as manifestações de intenção de construção de quadras poli-esportivas (vôlei e futebol-de-salão), além das quadras construídas informalmente ao lado das casas de algumas famílias, como incentivo à melhoria técnica e tática. Há entre 5 equipes de futebol masculino e 1 feminino. Entre os jovens de ambos os sexos, há em torno de 3 ou 4 grupos que treinam com técnicos diferentes. Nos finais de semana é comum a realização de jogos entre os times da Aldeia ou a participação em torneios entre o município de Bodoquena, Morraria ou fazendas circunvizinhas. Os homens possuem 2 ‘jogos de uniforme’, com desenhos de motivos da arte Kadiwéu – ganhos de um antropólogo que os assessora (ver: capa). Continuamente solicitam materiais esportivos - jogo de cartões, apito, bola, chuteiras e uniformes – sendo estes considerados os melhores presentes para os homens, envolvidos com a prática ou a organização. Sinalizam a necessidade de estudos/conhecimentos na área de treinamento físico, técnico-tático e

⁵⁹ Atividades tradicionais entendidas como ‘jogos tradicionais’. A classificação apresentada seguiu parcialmente a estabelecida por Renson e Smulders (1992).

arbitragem. Mostraram apreço para se analisarem em situações de jogo, após filmagem em VHS⁶⁰, sentaram em frente ao vídeo e discutiram na língua nativa as ocorrências do jogo-treino.

Quanto aos dados de origem bibliográfica, entre outros citados, há um fato da cultura corporal que demanda ainda ser significado, ou seja, havia nos ‘guerreiros’ uma disposição física que conduziu este estudo a mobilizar categorias da Educação Física, ligadas às ‘capacidades motoras⁶¹’.

A formação discursiva a que tais capacidades motoras reportam proporciona significados nas duas memórias: do índio Kadiwéu e da Educação Física e Esporte. Para o índio Kadiwéu pode haver re-significação destas capacidades motoras, tanto em sua utilização como potencial para outras habilidades exigidas na prática de diferentes modalidades esportivas, como para a ‘esportivização’ das práticas do passado.

A intensidade com que se manifesta o interesse pelo esporte frente ao contato, foram descritas da seguinte maneira:

(...) hoje não, hoje, o esporte, aqui na aldeia nós temos a televisão, o povo traz para a juventude. E não só isso, isso é coisa mínima, no mais, o próprio povo, o povo Kadiwéu tem se integrado muito no meio da sociedade branca. Isso eu vejo constantemente, o índio está na cidade e, não só o índio vai, como o branco vem. Então, tem aquela engrenagem, sempre de branco com índio, porque o índio sai lá fora, vê aquelas coisas e chega na aldeia, já fica com

⁶⁰ Fui autorizada a filmar um jogo prévio, antes de participarem dos jogos abertos em Corumbá/MS, mas não permitiram que trouxesse a fita.

⁶¹ [i] *força, velocidade, resistência e potência* - dependem de fonte energética para execução da habilidade motora; [ii] *coordenação, flexibilidade e equilíbrio* - dependem principalmente, do ponto de vista físico, da qualidade das estruturas orgânicas envolvidas na execução da tarefa motora, tais como as fibras musculares, tendões, músculos, articulações e sistema nervoso - responsável pelo controle dos movimentos durante a execução dessas tarefas motoras; [iii] *orientação cinestésica ou percepção espaço-temporal, estruturação de esquema corporal e expressão corporal* - dependem mais da experiência adquirida dentro do ambiente social e do meio ambiente, do que da qualidade das estruturas orgânicas, sendo, portanto, mais complexas e interdependentes (Gallardo, coord., 1997, 25-50).

aquilo, já vem se alimentando com aquilo e já procura praticar, no caso do esporte (B.B.M., fonte oral, 1998).

Há uma engrenagem invisível, mas repleta de significados: o índio vai para a cidade e o branco vem para a Aldeia, mas apenas o índio ‘vê coisas’ que procura praticar, no caso o esporte. Há uma engrenagem, mas unilateral e que sugere a ocupação de um espaço que pode se tornar o ‘preferido’, frente aos sentidos próprios da cultura.

O índio Kadiwéu estaria, como a grande maioria da população brasileira, vulnerável à mídia, que leva ao consumo do esporte espetáculo? A prática irrefletida, deslocada, sem os significados das duas memórias, poderá trazer quais consequências para o grupo?

4 – EFEITOS DE SENTIDO

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem; com o estudo do discurso observa-se o homem falando (Orlandi, 1999:15).

4.1 Os Kadiwéu Falando de Esporte

O discurso é o lugar de materialização da língua e a linguagem é concebida enquanto mediadora entre o homem e a realidade natural e social. A essa mediação é dado o nome de 'discurso'. Portanto, efeitos de sentido procura mostrar os sujeitos Kadiwéu interpelados entre duas memórias, significando.

(...) uma vez fiquei tão envergonhado que não quis nem sair na festa (referência aos Jogos Indígenas/Goiânia/INDESP/1996). (...) Essa gurizada só se interessa de ir e jogar, não está interessado em mostrar sistema nosso, o índio cavaleiro, negócio de jogo de peteca, alguma outra festa que o índio faz. Não, só esse jogo de bola, mostrar a tradição do índio não tem.

(...) Fiquei tão envergonhado quando fui em Goiânia, para não mostrar nenhuma festa do índio Kadiwéu. No Rio de Janeiro foi a mesma coisa, todos os índios mostraram competição, dança, índio Kadiwéu não, nada, nada. (...) Esse negócio de jogo de bola vem com o branco, já vai acabando aquele sistema dos nossos costumes. Não é para acabar, tem que demonstrar para o jovem o que o passado do índio também vai acabando porque eles já têm vergonha de contar (1998).

L.R., 75 anos, cacique geral, tem acompanhado os jovens nos eventos esportivos externos. Sua discursividade é falada do lugar de índio-cacique, do líder e ancião. Ele defende a cultura Kadiwéu. O sentido de festa ocupa, no seu imaginário, o mesmo espaço que ‘deveria ser o dos jogos indígenas’, que o envergonham. No imaginário, também há um discurso que reivindica os antepassados índios. Comporta-se segundo preceitos socioculturais, ou seja, acompanha os jovens nos eventos externos, mas sem misturar-se ou sair da posição que ocupa dentro da cultura.

Enquanto índio mais velho sua tensão sugere ter motivos: na juventude que joga o ‘jogo do branco’ pode estar sendo construído ou criado um consumidor das ‘copas’ municipais, estaduais, nacionais, do mundo, das equipes profissionais, do esporte espetáculo. Ao consumir tais eventos e se identificar com eles, os jovens podem se sentir cada vez mais ‘envergonhados de suas raízes’, distanciando-se da cultura.

A referência do cacique foi aos Jogos Indígenas Nacionais, realizados em outro estado brasileiro, envolvendo várias etnias do país. Uma das primeiras experiências nesse sentido foi realizada em Campo Grande/MS. No relatório dos 1º Jogos Indígenas do Mato Grosso do Sul/95 consta também a participação dos Kadiwéu e que os objetivos traçados para o evento foram alcançados:

(...) não apenas possibilitando a prática esportiva, mas também servindo de instrumento para a socialização e integração dos índios, na própria aldeia, entre as aldeias e nações indígenas e comunidade não indígena (p.07).

Por este ângulo, fica em aberto um outro recorte para pesquisa que seriam os significados de tais eventos, realizados por órgãos governamentais, sob a ótica dos índios - tendo como referência que as regras das brincadeiras têm uma contrapartida que são as relações sociais de cada grupo praticante e, para o esporte tem havido diferentes leituras. Portanto, através do discurso poderia se perceber como os índios estão dizendo essas relações, sem que fossem feitas projeções da sociedade envolvente sobre eles.

Meu finado pai falou: meu filho, não larga nosso sistema, esse sistema já é do branco. Bom ... hoje em dia esse jogo que tá saindo, essa rapaziada nova fala que é muito importante, você sabe que essa rapaziada já está entrando numa civilização. Esse sistema do jogo hoje em dia não é sistema do índio Kadiwéu. Eu acho que nós estamos numa civilização. (...) O que eu estou vendo hoje em dia é isso (...) eu posso falar o que é verdade daquele sistema antigo, eu sou índio velho. (...) Já tem muitos que acham que tá certo, que pode fazer que nem o branco, ele acha bonito do jeito que ele tá hoje (J. M., fonte oral, 1998).

Para Orlandi (1998), a identidade é um movimento na história. A discursividade de J. M. mostra um pouco desse movimento e sugere uma forma de como eles estão re-significando o futebol - tanto no sentido que ele tem para a sociedade envolvente, quanto no sentido da brincadeira, com a prática do futebol. O confronto de gerações, o pai lhe prevenira e ele cumpriu, os jovens de hoje gostam e ele se acha com opiniões de índio velho. A cultura traz um jogo interno, que lhe é própria, o que propicia o aparecimento de novas lideranças.

A ambigüidade põe em contato duas culturas: em certas horas funciona mais de um lado, em outras funciona mais do outro. O significado de ser 'civilizado' traz outras

necessidades à juventude, diferentes do passado e mais balizadas pelas relações de contato, implicam, aparentemente, em aceitação da identidade como um movimento na história.

Eu tenho um gurizinho, aquele baixinho, dizem que é o maior jogador. Então ele vai treinar, (...) ele está aprendendo a lei de brasileiro. Não sei se ele nasceu para isso, meu pessoal que é 'cidadense' acha que é melhor para ele aprender, ele pode sair para fora, ganhar o dinheiro dele (P. B., esposa de J. M., fonte oral, 1998).

A voz do casal sugere um orgulho da nobreza Kadiwéu - a do 'filho herói' bem sucedido - se ele conseguir realizar, na outra cultura, um ideal que seria equivalente na dele e, se for vencedor na sociedade envolvente através do esporte, terá a vantagem extra de ganhar dinheiro. Por outro lado, tal pensamento pode traduzir um sentimento de esperança, mais presente na classe social econômica baixa ou dos marginalizados socialmente, que é a chance de serem jogadores de futebol no Brasil.

Entre os Kadiwéu, a opinião de que jogador de futebol tem futuro promissor vem dos familiares que moram na cidade, os 'cidadenses'. Tal percepção, com significados na sociedade brasileira, foi captada por Da Matta (1982:18), da seguinte forma:

Se o futebol, como seus primos mais conspícuos (o carnaval, a umbanda e o jogo do bicho), permite uma forma de cidadania positiva, posto que transforma o indivíduo sem eira nem beira, em pessoa momentaneamente vitoriosa, é porque ele é uma ponte. Um instrumento que pode ser manipulado para permitir ascensão social.

Os índios ‘desaldeados’, aqueles que deixaram as aldeias e foram morar nas cidades, são os parentes ‘cidadenses’. Convivendo em estreita relação com a sociedade envolvente, moram em bairros populares da periferia da capital ou de cidades do interior, seus filhos freqüentam escolas públicas, alguns cursam faculdades federais ou particulares e, muitas vezes, são estigmatizados, não sendo considerados índios ‘verdadeiros’.

Pelas recomendações de incentivo aos jovens Kadiwéu aldeados que se destacam no futebol, pode-se supor que os parentes sabem ler uma das ‘linguagens’ do mundo dos brancos, expressada em Proni (1998:70): *os grandes atletas se transformaram em ‘mega-stars’ e são pagos não apenas para competir, mas para fazer propaganda de empresas e produtos (...)*. O consumo do esporte, via meios de comunicação, leva a um grande aumento nas vendas de bens ligados ao esporte ou não, geralmente vinculados à imagem de atletas, o que demonstra mais um lado da questão do ‘sucesso profissional’ como jogador de futebol.

4.2 Organização Esportiva

Recentemente, no Brasil e também motivado por demandas internacionais, funcionou um mecanismo de pressão para produção de uma representação ou representações da ‘indianidade genérica’. Eventos como a ECO-92, a elaboração da Constituição/88 a tramitação do Estatuto das Sociedades Indígenas no Congresso Nacional, eleições presidenciais, entre outros processos exigiam essa representação. Após a promulgação da Constituição/88 cresceu a formalização de organizações indígenas com diretorias eleitas em assembleias, estatutos registrados em cartório e contas bancárias próprias, possivelmente originando um outro fenômeno, também recente: o das organizações indígenas ‘registradas em cartório’(Ricardo, 1995).

Essa incorporação de mecanismos de representação política, por delegação, tem a finalidade lidar com o mundo público e privado da sociedade nacional e internacional e tratar das questões legais de interesse das diferentes comunidades (posse da terra, demarcação e controle de recursos naturais, saúde, educação, fins comerciais). Na maioria, são organizações de caráter étnico por aldeia ou comunidade, ou interlocal, grupo de aldeias ou comunidades.

Internamente, cada povo opera com suas instituições tradicionais, nem sempre tão visíveis, como a 'casa dos homens', o 'conselho dos velhos', ambos com funções reguladoras para com as interferências externas. Essas organizações internas têm resistido à ingerência de funcionários governamentais e missionários. Estes, enquanto poder público ou com fins catequistas, ao atuarem nas comunidades procuram por um 'chefe' com quem tratar e acabam nomeando os 'capitães' e/ou os 'pastores' como autoridades máximas. Com isso reforçam a oposição aos pajés, através do fortalecimento aos pastores e deslocam as autoridades tradicionais indígenas internas (*idem*).

Reconhecer e valorizar as formas de organização e de representação indígenas internas é relevante, porque, entre outros fatores, a Constituição Federal em vigor prevê consultas prévias sobre projetos de exploração de recursos minerais, com consultas *in loco*, garantindo expressões em língua nativa para compreender os interesses dos índios, quando se fizer necessário inferir em suas terras ou outros domínios (*ibidem*).

Os Kadiwéu, além da organização interna, composta por um 'capitão geral' e diversos 'conselheiros', todos homens, conhecidos como 'as lideranças', contam também com uma organização externa registrada em cartório. A seguir, relatamos a visão de ambas, entremeadas discursivamente por uma das lideranças:

(...) A Associação da Comunidade Indígena Kadiwéu/ ACIRK é uma organização jurídica. Nós não temos, assim, grandes recursos. Ela teve há alguns anos atrás, mas infelizmente ela não foi bem administrada. (...) Eu encaro a ‘capitania indígena’ como nos tempos antigos, é um feudalismo, é um rei sem poder, infelizmente! (...) Rei sem poder fica sempre assim, dependente, ele não sabe se movimentar, ele não tem a estratégia da administração. (...) Porque a comunidade, realmente ela é para a ACIRK e para qualquer que seja a organização envolvente, ela é um cliente, você tem que mostrar trabalho para ela. (...) Até uns dias atrás a ACIRK não tinha aquele elo, não estava preso, sabe, não tinha um administrador, então agora não. Porque nós chegamos a uma conclusão: nós temos que nos reforçar na área de saúde, administração interna, enfim, fiscalização.

(...) Foi feito um tipo departamento de esporte (na ACIRK) para que (...) tivesse uma pessoa que somente ficava na parte de esporte misturado com cultura. (...) Seria como se fosse para uma prefeitura: o esporte, a área de desporto e lazer. (...) Então não chega aqui e fala, vou falar com quem? Uma coisa sem direção. Então é mais ou menos isso, é incentivar as pessoas porque na educação você tem que ter a participação de jovens, (..) de estudantes no esporte (B. D. M., fonte oral, 1998).

B.D.M. foi líder aos 18 anos, é funcionário da FUNAI e um dos quatro representantes Kadiwéu, dentre os articuladores do projeto de reativação e reperspectivação da ACIRK, organização para assuntos externos e que tem entre seus ‘departamentos’ o de Cultura e Esporte – estrutura esta prevista para ser instalada em uma sala no prédio da FUNAI/ Campo Grande/MS. Ele tem residência fixa em Bodoquena (município de acesso à Reserva) e sistematicamente vai à Aldeia. A visão abrangente relatada por ele foi necessária para entender a organização esportiva apresentada pelo grupo.

A ‘capitania’ é uma organização de caráter interno, segundo ele, sem função, sem poder; enquanto a ACIRK representa modernidade, capitalismo e, nela, o poder tem um lugar explícito. Não argumenta em cima da ancestralidade, do seu passado, mas num passado historicizado - como o feudalismo na sociedade ocidental. Vale-se da metáfora do feudalismo para mostrar o ‘não-poder’ deslocado para o sistema indígena – ‘liderança-sem-poder’. Na reperspectivação, a ACIRK entra no mundo moderno, quer dizer, deixa o ‘sistema de capitania’, similar ao ‘feudalismo’, para trás - organização que não serviu nem para a sociedade ocidental (o rei não deu certo). Sua argumentação vai sendo tecida em cima da história do ‘branco’, do capitalismo que está aí, que tem força.

A força, na estrutura moderna, dispõe de prefeituras organizadas com desporto, lazer, entre outros departamentos, que é propício para a reestruturação da organização de um estado. A comunidade ou o grupo - sugere o discurso - é ‘um cliente’ de sua própria organização externa.

O quê ou quem estaria elaborando esse pensamento com essa liderança? Seria o esporte um bem de consumo para a comunidade? Qual o papel da cultura?

No caso dos domingos, você quer aglomerar em massa o pessoal você fala: vou fazer um torneio futebolístico! Você vê que o pessoal gosta mesmo! Se tornou atração, qualquer coisa o pessoal tá de antena ligada no que diz respeito de esporte.

(...) Porque o índio, as pessoas mais velhas dizem: puxa, quando eu era jovem (hoje com 50, 60 anos) eu tinha um preparo físico bem, bem mesmo. (...) Eles dizem que não comiam arroz, não comiam óleo de soja, comiam era gordura de vaca, de peixe, carne de peixe, de jacaré, essas coisas que eles comiam, que dizem que aquilo não vinha a enfraquecer o organismo do índio. Hoje o pessoal viu, se realmente é isso que está prejudicando a juventude,

então vamos ter que combater isso, com o quê? Física, esporte, vamos ver se a gente traz de volta, se não traz, pelo menos não fica parado. O cavalo era importante, era o companheiro número 1, qualquer atividade era o cavalo, trabalhar era o cavalo, então você vê que a atividade deles era bem forte, serviço braçal, bem bruto mesmo. Então é isso que também iam fazendo que eles tinham um preparo físico bem bom mesmo.

A significação da semana, tendo o domingo como dia de descanso, vem da cultura ocidental, de origem judaico-cristã e também comporta uma referência comercial. O que aparenta não ter sentido para quem vive em um outro recorte temporal, ao mesmo tempo, sugere ser algo já relativamente assimilado pela comunidade.

Essa aglomeração das pessoas, a ‘massa’ e não a ‘comunidade Kadiwéu’, reunida para o evento esportivo, reporta ao fenômeno atual do ‘esporte espetáculo’. Nos centros urbanos, a ‘espetacularização’ das práticas esportivas têm mobilizado milhares de torcedores e tem sido vista como uma necessidade dos indivíduos daquelas sociedades de buscar formas de lazer que sejam capazes de excitar e permitir a liberação de tensões, sem quebra das regras mínimas de socialização (Elias, 1992 in Proni, 1998).

Antagônicas ao significado tradicional de ‘festa’, organizada com um sentido mais profundo, o evento esportivo apenas mobilizaria a Aldeia para o entretenimento com o futebol, na qualidade de espectadores ou torcedores? Em qual outra instância estaria se firmando os significados de ‘pertencimento’ àquela sociedade?

Há algo prejudicial à juventude hoje e que poderia ser combatido com a ‘física’, o ‘esporte’, possivelmente significando uma identidade politicamente negociada. Quanto ao cavalo, ele é simbólico, mesmo que tenha sido introduzido pelos espanhóis. Sua transferência para essa cultura metaforiza-o e ele fica como um símbolo de alguma coisa

que não é como o feudalismo, sem poder nenhum. O discurso sugere que o cavalo tem uma aparição mítica, a qual precisam recuperar: a força, ou seja, o condicionamento físico, os sentimentos de bravura. Ele foi re-significado. Esse passado, de quando eram fortes, é o passado mítico e não histórico. B.D.M. aparenta pensar na possibilidade de, com a modernidade, recuperar o mítico. De forma ambígua parece pensar: se criarem essas coisas modernas - prefeitura, esporte – estabelecerão relação com a força e o poder proporcionado pelo cavalo em determinado momento histórico, e que hoje pode vir a ser por meio do esporte, das equipes.

O raciocínio do enunciante estimula a elaboração de perguntas.

O esporte, como um dia o cavalo o foi, poderá ser o meio em que a índole guerreira se manifesta? Enaltecer a organização externa, fragilizando a interna, levaria a quais consequências para o grupo - como ficariam as filtragens dos significados externos? Qual a abrangência do ‘esporte’ administrado lado a lado com a ‘cultura’ e sem a presença da organização interna?

4.3 Vestígios do Passado Guerreiro

Ao longo dos três últimos séculos, os Kadiwéu vêm estabelecendo relações com a sociedade envolvente. Mas a presença do mundo esportivo⁶² é recente, principalmente o

⁶² *Mundo Esportivo*: termo utilizado por Proni (1998) com o sentido de abarcar o conjunto de práticas culturais criadas em torno do conceito moderno de ‘esporte’. O autor, citando Tubino (Folha de S.Paulo, 20/03/98), apresenta as ‘práticas esportivas contemporâneas’ divididas em nove vertentes: 1) *esportes olímpicos* (atletismo, vôlei, natação etc.); 2) *esportes tradicionais que não têm as Olimpíadas como principal evento* (futebol, beisebol etc.); 3) *esportes da natureza* (corridas de orientação, vôo livre etc.); 4) *esportes de risco ou desafio* (montanhismo, ralis etc.); 5) *esportes derivados das artes marciais* (judô, karatê etc.); 7) *esportes de identidade cultural* (capoeira, criquete etc.); 8) *esportes de expressão corporal* (dança esportiva, patinação artística, aeróbica etc.) e 9) *esportes derivados de outros* (fut-vôlei, vôlei de praia etc.). Além dessas vertentes têm surgido os *esportes de shopping* (patinação, boliche, kart etc.).

futebol. (...) *quando eu era pequeno já existia esse futebol, mas não há muito anos atrás, é mais ou menos uns 15 anos* (B.D.F., fonte oral, 1998). Seu ápice, segundo o informante, tem ocorrido nos últimos cinco anos.

Com a prática freqüente, na Aldeia Bodoquena, do futebol e de outras modalidades esportivas, como o vôlei e atletismo, chegou um outro conhecimento da área do treinamento esportivo, a hidratação durante o jogo. No passado os Kadiwéu eram treinados para não ter sede em situações de enfrentamento. No imaginário do técnico de futebol, índio Kadiwéu, que treina os jovens, há a presença de um ritual para não ter sede, utilizado pelos guerreiros, assim descrito:

Têm dois tipos de matar o jabuti: assado ou cortar ele vivo. Tira aquela casca debaixo dele, tira o coração e parte quando ainda está batendo. Se tiver coragem de comer ele inteirinho, cru, é melhor ainda, pode cortar no meio e comer as duas partes. Eu comi, é só os meninos, porque os meninos andam muito, caçam (M. F., fonte oral, 1998).

A escolha deste animal não foi explicada, como também não o foi qualquer ligação que possa existir entre o órgão coração com a questão da solução para as circunstâncias de sede. A prática do ritual, análogo a um processo pedagógico na formação do guerreiro, requer coragem para sua execução, com resultados no domínio de uma condição fisiológica essencial nos momentos de transposição de dificuldades e desafios, necessários no passado para a sobrevivência individual ou do grupo. A presença dessa conduta ainda hoje tem importância, porque denota ser um conhecimento sobre condicionamento físico, que resultou numa performance satisfatória para estes índios por estimados 300 anos.

Em outro momento, o professor-índio fala da certeza da experiência vivenciada

corporalmente:

(...) para a criança não sentir sede, quando ficar adulto, tem que comer coração de jabuti e eu acho que é válido, porque quando eu era criança eu comi e quando estou jogando futebol não sinto mais sede e quando também estou andando a cavalo não sinto mais sede.

A índole guerreira está presente também no campo de futebol. O ritual do jabuti aparenta ter um significado duradouro, com um sentido preventido. Hoje em dia, M.F. enfatiza sua necessidade e aconselha jovens e pais a realizarem esse ritual, mas não garante se o levam a sério, possivelmente já elaborando outros significados advindos do contato.

Outros iniciados mantêm, nos dias de hoje, segundo depoimentos dos mesmos, a capacidade de não sentir sede em situações de desafio, resistindo sem seqüelas orgânicas - não registradas em relatos orais - durante a prática esportiva ou andando a cavalo. Tal conhecimento é notadamente confrontado interculturalmente durante os eventos esportivos. O goleiro AL, narra a visão aparentemente preponderante da equipe de futebol:

(...) vai ser time de fora, (...) tem o pessoal da Sumatra (assentamento próximo à Reserva), o pessoal da cidade de Bodoquena e da Morraria. Só os Kadiwéu não bebem água, eles são diferentes: 'a purunga de água' deles está na beira do campo, acho que é garrafa térmica que falam. Nós não, mantemos firme! Os caras falam: vocês não vão agüentar (fonte oral, 1998)

Contrapondo-se à prática esportiva dos demais, os Kadiwéu trazem consigo a história, os significados do 'preparo físico' advindo do 'preparo para a guerra' e a adaptabilidade ao meio ambiente. Isso os diferencia durante a prática esportiva, sugerindo que arrumaram outro campo para guerrear. Se hoje não têm mais inimigos intertribais ou

européus, têm um adversário esportivo branco ou índio de outra etnia, e, na memória, o vestígio do guerreiro vencedor.

A forte aceitação das modalidades esportivas que trazem em seu bojo o desafio, demonstrações de coragem, embates simbólicos e performance, possivelmente são bem aceitas pelos Kadiwéu, pré-dispostos a esse tipo de trabalho de capacidades motoras ativadas pela lida com cavalos semi-selvagens, numa interação com o meio-ambiente pantaneiro, tendo um arcabouço sociocultural composto de ritos de iniciação, com provas de valentia e utilizando cardápios de alimentação e hidratação culturalmente adaptados.

Vários fatores levam a considerar como evidente que a hidratação⁶³, em situações de prática esportiva, será de uma forma ou outra assimilada pelo grupo, porque os Kadiwéu estão intencionados a serem campeões de certas modalidades esportivas. E, com isso, poderão adotar todas as recomendações profissionais da Educação Física ou de técnicos esportivos, repassadas pessoalmente ou veiculadas por rádio e TV - já relativamente disseminados na aldeia⁶⁴.

Em consequência destes fatores, há que se considerar que qualquer atuação profissional deve estabelecer elos interculturais de respeito às diferenças, acautelando-se para que este saber étnico – em que estão embutidas a fortaleza e a índole guerreira dos Kadiwéu - não seja desconsiderado pela sociedade urbano-industrial, em detrimento dos seus conhecimentos sobre hidratação.

⁶³ Atualmente há estudos sobre as implicações fisiológicas da hidratação, com a função de desenvolver mecanismos de proteção à saúde dos praticantes de esportes ou não (Marins, 1998).

4.4 Controle Das Emoções

Sentidos diferentes permeiam a competitividade e a rivalidade na memória Kadiwéu. A dimensão esportiva está se consolidando enquanto espaço de significados em que o imaginário Kadiwéu está presente, sendo trabalhado a partir da memória cultural, conforme se expressa D.S. (fonte oral, 1998).

Quando não tinha um campo (campo-de-futebol) desse aqui só a rua da aldeia, bola de caraguatá⁶⁵, na hora de brincar tinha o pau (taco de madeira utilizado na 'chueca'⁶⁶) não dava respeito de qualquer coisa. O futebol tem respeito, quando achavam ruim ficavam batendo o tal do soco⁶⁷ sem respeito, batendo forte mesmo. Estava brincando, mas era perigoso, machucava, mas era brincadeira. No jogo de bola (futebol) tem apito. Apita quando pula no outro, apita e tem que respeitar.

No relato há referências sobre mudanças de comportamento percebidas historicamente pelo ancião, desde o fato relatado a ele por seus antepassados até os dias atuais, com o futebol estabelecido na Aldeia.

Na prática da 'luta' entre os Kadiwéu havia a rivalidade, que mesmo sendo dirigida para o outro voltava-se para si, no sentido de que no final da luta, a revolta, a mágoa, estavam resolvidas. Portanto, a luta teria a função de socializar, mesmo com os golpes físicos desferidos em qualquer parte do corpo. Complementando a idéia, a fala de H.S.

⁶⁴ Há um aparelho de TV com antena parabólica e um vídeo na escola.

⁶⁵ A região do Grande Chaco não é caracterizada pela árvore de látex, que dava origem à bola de borracha, o que pode ter contribuído para que outros grupos indígenas provenientes de tais regiões desenvolvessem uma maior diversidade de brincadeiras tradicionais com a utilização desse elemento.

⁶⁶ Tipo de brincadeira da região do Grande Chaco, similar ao atual "Hockey", que utiliza a bola, sendo esta confeccionada de fibras vegetais, como o caraguatá (Muler e Renson, 1992).

⁶⁷ Alusão às lutas corporais do passado onde os socos poderiam ser desferidos em qualquer parte do corpo.

(p.59) sugere que a luta teria a função de controlar as emoções, como uma ‘medida interna’, cultural, protetora contra rivalidades.

No esporte, mesmo com as regras coletivas, o sujeito se individualiza e a competitividade continua. Na ‘brincadeira atual’ - o futebol - a regra não permite avanços deliberados no corpo do outro. Segundo D.S., o apito controla as emoções no ato, impedindo o ataque sobre o outro, mas, por outro lado, não equilibra internamente as tensões do grupo, as rivalidades continuam.

Além da ‘luta’ a brincadeira da ‘chueca’, numa outra versão, é relatada segundo a memória do mesmo ancião:

(...) era feita uma bola de caraguatá, tiravam uns fiapos e faziam aquela bola, faziam dois times para disputar. Era esporte muito violento, era ‘esporte sem respeito’. Nesse esporte era feito um taco e nesse taco era feito um cesto e você batia aquela bola. O alvo era simplesmente acertar a bola, não precisava fazer gol, fazer cesta, alguma coisa disso. Não importava onde a bola fosse, tinha que ir junto, se pegasse em vasilhas, se a bola batesse na cerâmica, aqueles praticadores do esporte batiam na cerâmica, derrubavam tudo que estivesse na frente. Também não queriam saber se pegou na canela de outro, se pegou no nariz e quando havia uma certa briga, durante esse esporte eles deixavam dos bastões e lutavam. Lutavam com quem viesse na frente, já entrava na diferença e fazia essa luta toda. Já era diferente da luta. Não pratiquei isso (D.S, fonte oral, 1998).

Mesmo sem ter praticado essa atividade durante sua infância e juventude, ela faz parte de sua memória, a qual remonta conhecimentos de períodos anteriores, em que havia menor número de regras coibitivas para as práticas das atividades físicas. Mas ele distingue

o confronto deliberado das ‘brincadeiras de luta’⁶⁸, cuja função interna era outra, ou seja: eliminar rivalidades dentro do ‘esporte sem respeito’.

Quais seriam, hoje, as formas de controle das emoções permitidas entre os Kadiwéu? O esporte, com regras estabelecidas, tempo, movimentos padronizados, estaria significando o quê? Se o que ‘machuca’ era brincadeira, qual seria o sentido da ‘brincadeira’ para os Kadiwéu?

4.5 Duas Memórias

Nos dias de hoje, foi observado que os Kadiwéu se mobilizam internamente para melhorar suas práticas e apresentações nos esportes através do estímulo à participação dos jovens em treinamentos, solicitando estudos técnicos ou fazendo uso de recursos próprios para a construção de ‘campinhos’ de vôlei e de futebol. A prática desse novo elemento cultural - as modalidades esportivas - não implica que tenham a mesma visão dos ‘brancos’ frente a elas. Alguns fatores sugerem que os Kadiwéu jogam com vestígios do comportamento guerreiro, conforme argumentações no decorrer deste estudo.

Historicamente considerados vitoriosos por quase 300 anos na resistência ao processo de colonização do Brasil, atualmente deparam-se com um novo desafio: o de obter bons resultados nos jogos indígenas⁶⁹ de que têm participado. (...) *a gente nunca fez uma apresentação bonita, agora nós vamos tentar melhorar para mostrar que os Kadiwéu na verdade existem* (M.A., fonte oral, 1998).

⁶⁸ As lutas, ou “pugilatos” segundo narrativas de missionários e viajantes e atualmente na memória dos informantes, eram livres quanto ao desfecho de golpes, estando hoje em dia em desuso na sua quase totalidade de variações.

⁶⁹ Os órgãos governamentais brasileiros ligados ao Esporte têm realizado eventos esportivos estaduais e nacionais exclusivos para populações indígenas. Além destes, os Kadiwéu participam de jogos internos na

O esporte trás como característica a *ênfase na habilidade em oposição à força física* (Dunning, 1997:IV). Embora ambos os fatores estavam presentes no guerreiro, enquanto valores deles, hoje são necessários outros conhecimentos mais específicos e assim definidos por M.A: *os outros grupos possuem treinador físico, têm um melhor entendimento de futebol e entendem as regras, por isso vencem.*

O que é ‘fazer bonito’ no esporte para os Kadiwéu? Para respondê-la deve haver um esforço da parte dos não-índios, no sentido de buscar pontos de significação e não atribuírem respostas solidificadas na memória histórica e ideológica da cultura não-indígena.

Outro fator bastante considerado entre eles é a alimentação. Hoje em dia é comum aludirem às formas de manutenção de saúde à boa alimentação que faziam no passado, em relação aos produtos industrializados que têm sido consumidos atualmente e a predominância da medicina ocidental. Não comer muito e beber água com controle faziam parte da sobrevivência como nômades, frente às intempéries da natureza, à escassez de alimentos e às condições de conflito intertribais e com europeus.

Kadiwéu nascia forte, a mãe cuidava desde pequeno, não comia essas coisas que não prestam para comer, essa coisa de muita gordura. Não bebia muita água, senão cansava. Tudo era na medida, alimento, água, tudo. (...) já vinha ensinado, é o costume do pessoal, tinha que ser corajoso! Tudo era fortão, não gordo (G.B, fonte oral, 1998).

Este conhecimento sociocultural, assim como a coragem, a utilização de estratégias de enfrentamento e um condicionamento físico considerado de elite lhes deram destaque. A

imagem de 'forte' pode se relacionar com o ideal guerreiro da tribo. A fala 'tudo era fortão' traz a memória de que antes tinham 'condicionamento físico', o que se contrapõe à 'gordura' dos dias de hoje, possivelmente causada pelo sedentarismo territorial, alterações alimentares, entre outros fatores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na apresentação deste trabalho eu me situei como profissional ligada à educação, coordenando as escolas localizadas em áreas indígenas das cinco etnias do Mato Grosso do Sul. Recapitulei o interesse especial que me despertou a cultura corporal dos Kadiwéu e a limitação dessa pesquisa (brincadeiras tradicionais e esporte) traduzidas nas seguintes perguntas: quais brincadeiras, esportes e formas de organização estão sendo praticadas entre os Kadiwéu? Quais esportes foram desenvolvidos com as relações de contato?

A pesquisa de campo⁷⁰, entendida como uma anterioridade ao estar lá, começou desde a primeira hora em que me motivei por uma idéia, me conduzindo à busca informações, a sistematizar um primeiro projeto e depois efetuar de fato uma pesquisa.

Os sujeitos deste estudo vivem em outro tipo de organização social. Ter acesso a eles implicou em conseguir autorização de instituições governamentais federais e autorização específica, de caráter interno. Para obter a segunda, valeu meu passado de atuações entre o grupo, que me deram crédito para ser aceita e permanecer na Aldeia durante os períodos necessários. Mesmo assim, ao solicitar a autorização, meu referencial para eles foi re-significado: de pessoa ligada a órgãos governamentais que correspondia às solicitações na área de educação, passei a pesquisadora⁷¹, função não muito bem vista entre eles. Portanto, realizar esta pesquisa foi a cada passo um exercício constante de observação, para mim e deles para comigo.

⁷⁰ Palestra proferida na Faculdade de Educação/UNICAMP/1998, por Gusmão.

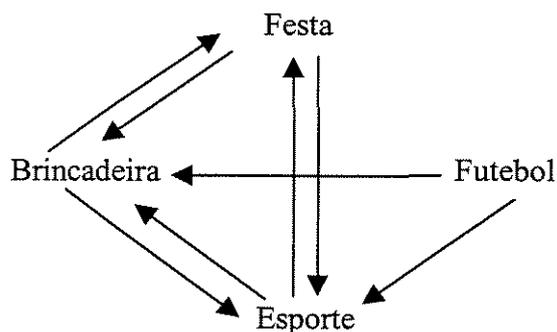
⁷¹ Muitos reclamam de pesquisadores que 'ficaram ricos' com o que eles contaram. Outros dizem que determinados pesquisadores não cumpriram com os acordos. Há também um temor de que se escreva sobre eles, algo que não queiram.

Antes de interpretar as informações sobre brincadeiras e esporte entre os Kadiwéu, foi necessário obter dados históricos e socioculturais sobre eles e, principalmente sobre o guerreiros, suposta gênese do jovem atleta, segundo olhar deste estudo.

Os Kadiwéu, com o afastamento da grande nação Mbayá-Guaicuru e com a sedentarização territorial no lado brasileiro, ficaram com a identidade jurídica de dependentes e súditos da corte portuguesa instalada no Brasil (ver: Organização Social e Resistência/Tratado de Eterna Paz e Amizade). Esse contato, estabelecido há três séculos, contribuiu para que fossem historicamente elaborando outros significados socioculturais.

Os guerreiros, possivelmente em face às mudanças processuais ocorridas durante aqueles últimos séculos, foram conduzidos à de-significação, ou seja, a perda do sentido histórico e ideológico que a função lhes outorgava. Mas o 'índio cavaleiro', na mentalidade, isto é, simbolicamente, ainda continua, afirmam eles (ver: Dias Atuais, p.26). O passado guerreiro deixou vestígios de uma predisposição para as capacidades motoras, com destaque para a agilidade e um saber sobre condicionamento físico extremamente personalizado, moldado por fatores ambientais, rituais de passagem, cardápios alimentares, práticas psicológicas de auto-estima e coragem, entre outros.

Quanto às 'brincadeiras tradicionais', 31 das 47 coletadas, ou estão em desuso ou foram de-significadas. Entretanto, todas permanecem na memória dos mais velhos, os 'filhos queridos'. A 'festa' encontra-se em processo de re-significação, assim como os significados de 'brincadeira' e 'esporte', os quais, na discursividade de um enunciador ancião, podem ser sintetizados segundo esquema a seguir:



Festa pode ser brincadeira e esporte.

Brincadeira pode ser festa e esporte.

Esporte pode ser festa e brincadeira.

O Futebol pode ser esporte e brincadeira.

Para o ‘filho querido’ o significado de Festa não foi extensivo ao Futebol. Paradoxalmente, essa modalidade esportiva, muitas vezes isolada, tem envolvido a quase totalidade desse evento cultural de maior significado entre os Kadiwéu - a Festa. Em algumas festas os Kadiwéu perceberam a intensidade da prática esportiva, nivelada com o mesmo interesse despertado pelas práticas culturais, ou sobrepondo-se à elas. Tais percepções geraram certa tensão entre eles: os mais velhos alertaram as lideranças para o que acontecia, exercendo sua função de filtro interno para com as questões externas.

Entre lideranças e jovens, cujas relações são mais estreitas com a sociedade envolvente, os sentidos de rivalidade, de necessidade de participação em torneios, de treinamentos e de lazer, são características apenas do esporte.

A presença marcante do esporte na Aldeia, embora se possa fazer dele diferentes leituras, passa a impressão, que teoricamente pode ser expressada da seguinte forma: *para não ficar um silêncio significante nesse lugar (do guerreiro), outras discursividades afloram* (Orlandi, 1996).

A história não pára, ela está sendo feita continuamente. O índio Kadiwéu está na sociedade, faz parte dessa história e a identidade, enquanto movimento na história, vai se construindo. Certamente, por isso não podem significar o esporte imediatamente, em que as condições histórico-culturais são outras com o contato. É necessário dar tempo para que ele seja re-significado do ponto de vista do simbólico, isto é, sem que ‘os sentidos’ que fazem sentido para os índios Kadiwéu tenham que deixar de existir (Orlandi, 1996).

Este estudo não tem respostas. Mas, ao considerar o esporte enquanto fenômeno construído, em crescente universalização, com muitos aspectos políticos de mercado e de globalização a influenciá-lo, torna-se importante elaborar reflexões. Mesmo que dele se façam diferentes leituras, sua característica de predominar pela preferência, influenciada pela mídia ou por outras formas, deve ser melhor compreendida, principalmente em uma sociedade indígena muito próxima do contato com a sociedade envolvente.

Entre os índios Kadiwéu percebeu-se uma relação de sentidos em confronto: o que é da cultura e tem um significado dentro dela e o que é da sociedade envolvente, com significados globalizados ou nacionais. Ao meu ver, a re-significação do esporte implicaria num trânsito entre essas duas memórias, sem serem rompidos em sua identidade e procurando amortecer, via reflexão ou filtragens internas, os impactos dos sentidos impostos.

Intermediando a memória do guerreiro e os sonhos do atleta há o simbólico guerreiro, no passado, resistente ao meio ambiente na inóspita região do pantanal, aos portugueses, aos espanhóis, à catequese dos missionários e, há, no presente, o esporte, sugerindo significar um meio de retomada da força e da índole guerreira, além de ser desafiante e prazeroso.

As filtragens internas, ao contribuírem na re-significação do esporte, devem levar em conta algumas questões da sociedade urbano-industrial que o permeiam, como a violência, a seletividade, a competitividade exacerbada, os vínculos federativos e suas exigências padronizadas, objetivando com isso produzirem efeitos de sentidos que vão em outra direção. Diferentemente, as práticas da cultura corporal, via brincadeiras tradicionais, transitam e podem ser repassadas ou re-significadas entre o próprio grupo e em diferentes sociedades que as tenham em suas raízes.

Re-significar o esporte, sustentado em sentidos da própria cultura, permite conjecturar que os vestígios do guerreiro estarão sendo re-organizados na memória que se organiza e se atualiza na textualidade ancorada na prática esportiva do 'branco'. Hoje, as relações de contato, que são sinuosas, simbólicas, deixam os Kadiwéu, por vezes, com sua memória mitológica sem condições e sem espaço de interpretação, tendo que aceitar a outra cultura da maneira que vem.

Por estas considerações, neste estudo, minha opção foi a de colocar meus conhecimentos a serviço do grupo ou de outros segmentos da sociedade, por entender e atribuir à pesquisa científica o papel político de retornar à prática, fazendo um movimento ao contrário, ou seja, elaborando questionamentos para que os 'sentidos Kadiwéu' sobre brincadeiras e esporte se movimentem, re-significando historicamente os outros sentidos postos pela situação do contato.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA SERRA, Ricardo Franco de. **Parecer: sobre o aldeamento dos índios uiacurús e guanás, com a descrição dos seus usos, religião, estabilidade e costumes.** Revista Trimestral de História e Geografia/RJ, tomo sétimo, 2ª edição, p.204-218, 1866.
- AUTHER-RÉVUZ, Jacqueline. **Palavras Incertas.** UNICAMP/1998.
- BOGGIANI, Guido. **Os Caduveo (1892 e1897).** Livraria Martins Editora/São Paulo/ exemplar nº33/ 1945.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso.** Editora da UNICAMP/1991.
- BRASIL, COSAI/Coordenação De Saúde do Índio. **Dados sobre Saúde - Fundação Nacional de Saúde/MS/1998**
- BRASIL, **REFERENCIAL curricular nacional para as escolas indígenas (RCNEI)/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental – Brasília:MEC/SEF,1998.**
- BRUHNS, Heloisa Turini. **O Corpo Parceiro e o Corpo Adversário.** Papirus, 1993.
- CANFIELD, Jefferson. **O Movimento Humano: conceitos e uma história.** Santa Maria, JTC Editor, p.11-22, 1995.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** Cortez/ São Paulo, 1992.
- CULIN, Stewart. **Games of the north american indians.** New York/ Dover Publications Inc./1975.

DA MATTA, Roberto. **Introdução** in: **Universo do Futebol – Esporte e Sociedade Brasileira**. Edições Pinakotheke/Rio de Janeiro/1982.

DEBRET, Jean Baptiste. **Os Guaicurus**. In: **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil**. Editora Itatiaia de Belo Horizonte e EDUSP,1978.

DEMARTINE, Zeila de Brito Fabri. **Trabalhando com Relatos Oraís: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa**. Revista: Reflexos sobre a Pesquisa Sociológica, 2ª série, p.43, 1992.

DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa/DIFEL/1992.

_____. **Football in the Civilizing Process** In: Maceió- Conferências - In: Coletânea: V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física- Maceió/Alagoas/p. I a IX/1977.

_____. **A Transformação de Guerreiros em Cortesãos** In: **O Processo Civilizador** - Formação do Estado e Civilização (volume 2), Tradução Ruy Jungmann; Revisão e Apresentação, Renato Janine Ribeiro – 2ª ed. – RJ: Jorge Zahar Ed., 1993.

_____. **A Gênese do Desporto: um problema sociológico** In: **A Busca da Excitação** – Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva DIFEL/Lisboa, 1985

FERNANDES, José Luís. **Atletismo: Corridas**. EPUSP- São Paulo, 1979.

FUNDAÇÃO DE DESPORTO DE MATO GROSSO DO SUL. **I Jogos Abertos Indígenas/JOABI** – Relatório - Campo Grande/MS/1995.

GALLARDO, Jorge Sérgio Pérez. **Conteúdos Acadêmicos: Aspectos Biológicos**. In: **Educação Física: contribuições à formação profissional**. Coord.: Jorge S. Pérez Gallardo, 2ª ed., Ijuí, p.26-52, 1997.

- GALVÃO, Eduardo. **O Cavalo na América Indígena; Nota Prévia a um Estudo de Mudança Cultural.** Revista do Museu Paulista, nova série, volume XIV/São Paulo/pp.222-232/1963.
- GEBARA, Ademir. **Considerações para um História do Lazer no Brasil** In: **Introdução aos Estudos do Lazer** - org. Heloisa Turini Bruhns, Edit. da UNICAMP/pp.61-81/1997.
- _____. **1920:Concepções Políticas e Ideológicas na Construção da História do Esporte e da Educação Física no Brasil.** Coletânea: V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física - Maceió/Alagoas/pp.14-19/1997.
- GINSBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história.** S. Paulo/ Companhia da Letras/1989.
- GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **As Sociedades Indígenas no Brasil através de uma Exposição Integrada** In: **Índios no Brasil** - org. Luís D. B. Grupioni, Brasília, MEC, pp.13-28, 1994.
- GUSMÃO, Neusa. **Pesquisa Etnográfica** - Palestra: (disciplina) Metodologia de Pesquisa em Ciências Sociais/ FE/UNICMAP/1998.
- HEMMING, John. **Red Gold - The Conquest of the Brazilian Indians, 1500-1760.** Cambridge, Massachusetts, 1978.
- HOBSBAWM, Eric J. **Quem é quem ou as incertezas da burguesia** In: **A Era dos Impérios.** Paz e Terra, 1992.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Caduveo.** In: **Tristes Trópicos.** Lisboa, Ed. 70, pp.193-241, 1945.
- MANGOLIN, Olívio. **Áreas indígenas Por Povos e Densidade Demográfica** In: **Povos Indígenas no Mato Grosso do Sul – Viveremos por mais 500 anos.** Campo Grande/MS: Conselho Indigenista Missionário Regional de Mato Grosso do Sul, pp.79, 1993.

- MANSILLA, Luci V. **Una Excursion a Los Indios Ranqueles.** Coleccion Austral/ESPASA-CALPE/ Argentina/1940.
- MARINS, João Carlos Bouzas. **Homeostase Hídrica Corporal Em Condições De Repouso E Durante o Exercício Físico.** Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde/vol.3, n.2, pp.58-72, 1998.
- MATOS, Glaucio Campos Gomes de. **Atividades Corporais - Uma estratégia de Adaptação Biocultural numa Comunidade Rural do Amazonas.** Dissertação de Mestrado - FEF/UNICAMP, 1996.
- MAUSS, Marcel. **Noção de Técnica Corporal In: Sociologia e Antropologia, Com uma Introdução à obra de Marcel Mauss, de Claude Lévi-Strauss.** São Paulo, E.P.U. e EDUSP, pp.211-233, 1974.
- MEIHY, José Carlos Sebe B. **Canto de Morte Kaiowá – história oral de vida.** Loyola, SP.,1991
- MELE, Veerle van e RENSON, Roland. **Tradicional Games in South America.** 1^a ed. Schorndorf: Hofmann, 1992.
- MELLO REGO, Gel. Francisco Raphael. **O Forte De Coimbra – sua fundação e os acontecimentos que com ella se relacionam (1892).** RIHG/ tomo LXVII, parte I, pp.171-215, 1906.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Fase de Trabalho de Campo In: O Desafio do Conhecimento - Pesquisa Qualitativa em Saúde.** HUCITEC-ABRASCO, São Paulo/Rio de Janeiro, pp. 105-125, 1996.
- OLIVEIRA, Jorge Eremites de. **Guató – Argonautas do Pantanal.** Porto Alegre/EDIPUCRS/1996.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Interpretação – autoria, leituras e efeitos do trabalho simbólico.** Petrópolis/RJ, Vozes/1996.

- _____. **Maio de 1968: Os Silêncios da Memória** In: **Papel da Memória**. Campinas/SP, Pontes/1999.
- _____. **Terra à Vista –Discursos do Confronto: Velho e Novo Mundo**. Cortez/Editora da UNICAMP, 1990.
- _____. **Ética e Política das Línguas** In: **Línguas e Instrumentos Lingüísticos**. Edit. Pontes/Campinas, 1998.
- _____. **Análise de Discurso: princípios de procedimentos**. Pontes/Campinas/SP.1999.
- PILATTI, Luiz Alberto. **De volta para o passado: um olhar atual sobre as teorias da Educação Física**. Coletânea: V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física- Maceió/Alagoas/pp.156/1977.
- PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte Espetáculo e Futebol Empresa**. Tese de Doutorado/FEF/UNICAMP/1998.
- RAMOS, Acilda Rita. **Introdução** In: **Sociedades Indígenas**. Série Princípios, Editora Ática, 3ª edição, pp.7-11, 1994.
- RENSON, Roland. **El Retorno de los Deportes e Juegos Tradicionales**. Revista Museum, UNESCO, Paris, no 170, vol. XLIII, no 2, pp.77-81, 1991.
- RENSON, Roland; CRAMER, Eddy de; VROEDE, Erik de. **Local Heroes - Beyond the Stereotype of the Participants in Tradicional Games**. IRSS, Internacional Review for the Sociology of Sport, volume 32, No. I, pp.59-68, March 1997.
- RIBEIRO, Darcy. **Kadiwéu: Ensaios Etnológicos sobre o Saber, o Azar e a Beleza**.(1947), Petrópolis, Vozes, 1980.
- _____. **O Povo Brasileiro – a formação e o sentido do Brasil**. S.Paulo/Companhia das Letras/1992.

- _____. **Sistema Familiar Kadiwéu**. Revista do Museu Paulista, São Paulo, nova série, v. II, pp. 175-192, 1948.
- RICARDO, Carlos Alberto. **“Os Índios” e a Sociodiversidade Nativa Contemporânea no Brasil**. In: **A Temática Indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus** - org. Aracy Lopes da Silva e Luís Donisete Benzi Grupioni – Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995.
- ROCHA FERRERIA, Maria Beatriz. **Aptidão Física Numa Abordagem Antropológica**. Revista de Educação Física e Desporto Artus, v.16, No 24, pp.95-100, 1993.
- RODRIGUES DO PRADO, Francisco. **História dos Índios Cavaleiros ou da Nação Guaycuru**. Revista Sociologia/USP, no. 1, vol. XIII, pp. 93-109, 1951.
- SÁNCHEZ LABRADOR, P. José. **El Paraguay Católico**. Imprensa de Coni, Buenos Aires, 3 vol., (1770) 1910.
- SANDALO, Maria Filomena. **A Grammar of Kadiwéu**. Phd dissertation, University of Pittsburg, Pittsburg – PA – Estados Unidos da América, 1997.
- SANTIN, Silvino. **Esporte: Identidade Cultural**. In: **Esporte com Identidade Cultural**. COLETÂNEA, org. José Eduardo Fernandes de Souza e Silva, Brasília, Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, Série: Esportes de Criação Nacional, no.2, pp.13-25, 1996.
- SHADEN, Egon.: **A Mitologia Heróica Duma Tribo Senhorial: Os Kaduveo** In: **Ensaio Etno-Sociológico sobre a Mitologia Heróica de Algumas Tribus Indígenas do Brasil**. Capítulo IV, USP/Boletim LXI, Antropologia, n.1/São Paulo/ 1946.
- SILVA, Vagner Gonçalves; REIS, Leticia Vidor de Souza e SILVA, José Carlos da. (organizadores) **Seminário Temático Antropologia e seus Espelhos – a etnografia vista pelos observados** FFLCH – USP, 1994.

SIQUEIRA JR., Jaime Garcia. **Arte e Técnicas Kadiwéu**. Secretaria Municipal de Cultura/S. Paulo, 1987.

_____. **Esse Campo Custou o Sangue de Nossos Avós. A Construção do Tempo e Espaço Kadiwéu**. Dissertação de mestrado, USP/ 1993.

SOUZA, Lécio Gomes. **História de Uma Região: Pantanal e Corumbá**. Editora Resenha Tributária/S.paulo1973.

STEINEN, Karl von den. **Entre os Aborígenes do Brasil Central**. Depto. de Cultura/S. Paulo, 1940.

TANI, Go ... [et al.]. **Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. EDUSP/São Paulo/1998.

TAVARES, Regina Márcia Moura; BARRETO, Margarita; ZANLORENZI, Elisete. **Brinquedos e Brincadeiras Tradicionais do Município de Campinas: Uma experiência de ação comunitária do Museu Universitário da PUCCAMP**. Campinas, Projeto, 1988.

TAVARES, Sérgio Corrêa. **A Reclusão Pubertária de Ipawu – um enfoque bio-cultural**. Dissertação de Mestrado/UNICAMP/1994.

VRIESSEN, Carlos López Von. **La Etnología del juego aborigen em Chile. Una propuesta como nueva disciplina de la ciência de la actividad física para latinoamerica**. Coletânea: V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física- Maceió/Alagoas/pp.141/1977.

_____. **Juegos de Pelota Tradicionales de los Indígenas Araucanos (Mapuche) en Chile. Su adaptación a la Didáctica de la Educación Física en Latinoamérica**. Coletânea: II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física/ FEF/UNICAMP/PP.536-550/1994.

OLIVARES, Ricardo Torres. **Resgate del Juego del Palin**. Coletânea: II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física/ FEF/UNICAMP/PP.334-348/1994.

ANEXOS

“Corpus”

para análise

BRINCADEIRAS

Jogos de Bola

1*Ah! antigamente era esse tipo de esporte, semelhante ao futebol, eles faziam um bolo assim de material, a informação que tive, não cheguei de praticar esse esporte, mas teve a informação de que havia isso, havia esse esporte. Era feita uma bola de caraguatá, tiravam uns fiapos e faziam aquela bola, faziam dois times para disputar. Era esporte muito violento, era “esporte sem respeito”. Nesse esporte era feito um taco e nesse taco era feito um cesto e você batia aquela bola. O alvo era simplesmente acertar a bola, não precisava fazer gol, fazer cesta, alguma coisa disso. Não importava onde a bola fosse, tinha que ir junto, se pegasse em vasilhas, se a bola batesse na cerâmica aqueles “praticadores” do esporte batiam na cerâmica, derrubavam tudo que estivesse na frente. Também não queriam saber se pegou na canela de outro, se pegou no nariz, e quando havia uma certa briga, durante esse esporte eles deixavam dos bastões e lutavam. Lutavam com quem viesse na frente, já entrava na diferença e fazia essa luta toda. Já era diferente da luta. Não pratiquei isso. Sempre, quase todas as atividades terminavam no “filho querido”, então tinha o dono daquele jogo. As vezes o pessoal combinava de ir lá para fazer com que o “filho querido” os mandasse praticar”, mas tinha que ser diante uma decisão de uma família, de um “filho querido” e, no nome dele, o pessoal praticava. Antigamente os Kadiwéu tinham suas casas em ruas, não como hoje distribuída uma distante da outra. Antes a aldeia ficava numa fila, aquela casa onde o esporte era começado, dali até ao término daquela rua ia levando tudo que tivesse na frente, batendo aquela bola. Sempre feito mediante uma decisão, ou mediante uma palavra de um “filho” e terminava na responsabilidade de um outro, porque na próxima vez praticasse isso. A bola era feita da linha de caraguatá. Eles faziam tipo um novelo, bem apertado para que aquilo pegasse um peso e era duro, resistente. Punha na água antes de jogar. Era por isso que pega peso. Eles faziam tipo aqueles taco para tênis, só que um pouco maior, faziam tipo uma concha assim para encaixar. A madeira era “vinhático”, que é mais fácil de descascar, era feita com algum facão. Não sei quem inventou, talvez alguém que quis uma recreação ele deve ter inventado isso (Domingos Soares, 88anos, entrevista realizada em maio de 1998).

2*Faziam uma bolinha era linha de caraguatá. Fazia uma bolinha duro, duro. Não sei como que a gente faz, bate com o pau e vai levando, bate, vai longe, tem que correr atrás todo mundo. Eu nunca joguei isso. Ia batendo na bola, vai levando, carregando. Eu acho que deve ser na aldeia, tinha rua na ladeia, toda minha “parentada” naquelas casa, vai indo naquela rua grande, antigamente tinha bastante Kadiwéu. Tinha uma rua grande só de famílias. Começava o jogo, não sei que dia que eles joga, tinha um dia certo para jogar, não é todo dia (Liberdito Rocha, 53 anos, entrevista realizada em maio de 1998).

3*Tem outro jogo agora eu não sei como chama em português, índio antigo, muito antigo, ele faz igual como uma peteca, mas já bate com pauzinho. Bate, joga pro outro, joga pro outro e não pode perde também. Tinha time. É outro jogo que amarra com pano e bate com o pau, não pode perder, errar, senão perdeu ponto. Esse é mais antigo, mais antigo, esse eu não cheguei, mas o finado meu pai contava, chama no nome do meu idioma “lona” ou Nonáa, bate com um pauzinho, joga pra lá, joga pro outro. Também não precisa festa, antigamente o índio não precisa festa, quando tem festa é melhor ainda, mas quando não tem festa brinca, é brincadeira, chama na língua “Nalope”, quer dizer brincadeira (José Marcelino Barros, 63 anos, entrevista realizada em junho de 1998).

4*Esse jogo da peteca era praticado na “festa da menina moça”, havia dois times, um de um lado e outro do outro, eles jogavam para o outro time, como na prática do jogo de vôlei. No caso do vôlei tem a rede, mas na peteca não. Tinha a pessoa no centro, como tipo um “bobinho”, que ficava esperando a falha dos jogadores e quando a “bola” (peteca) caía no campo dos adversários eles pagavam prêmio. Tinha um pratinho, eles colocavam um pedaço de fumo. Cada vez que caía, abastecia aquele pratinho. Era uma brincadeira gostosa porque os times procuravam não deixar que a peteca caísse no seu campo para ter que pagar esse prêmio. Era uma atividade bastante gostosa, quando caía nas mãos da pessoa do centro não se pagava prêmio, ela simplesmente batia para que o jogo continuasse. Usava a palma da mão, batia na peteca e as penas eram tipo de ema que ajudavam a ter os movimentos certos na mão de quem sabe praticar. E a parte maior dessa peteca era feita de folhas de milho. Os times eram escolhidos na hora, não existia times no caso definitivos, como clubes existem no Brasil, isso para não criar uma rivalidade entre os Kadiwéu, já que era um esporte praticado para se divertir. Era escolhido na hora, os componentes de cada equipe (Domingos Soares, idem).

5*Ainda alcancei aquele tempo do índio brincava naquele sistema do índio, alcancei esse negócio de peteca, brinquei muito, muito, no terreno. Reunimos muita rapaziada, peteca daquele negócio de milho, cascando milho a gente já vai arrumando. Coloca um pano e a pena de ema bem no meio dessa peteca. Reunimos “companheirada”, em grupo,

cada lado tem 5, 6, são 12, ninguém quer perder. Esse lado não deixa cair do seu lado, se escapou, caiu no chão, você perde ponto. Quando tem festa é melhor ainda, quando não tem festa é mesma coisa a gente reúne tudo, e toda tarde a gente joga, não precisa só na festa, toda tarde, 4 hora até 5 hora (José Marcelino Barros, idem).

Jogos de Atirar

6*Antigamente a brincadeira era essa, "maia" (malha). O pai gostava, a menina gosta, todo jogo que ela faz cai a lata, então eu mando ela aprender, porque não é só guri que tem que aprender (Pedrosa Barros, 56 anos, entrevista realizada em dezembro de 1998). *Aqui tem outro esporte, a maia (malha). Minha mãe falou que esse vem de natureza já, desde quando conhecia o mundo a malha já existia. Quando não tem futebol, nós tinha malha, mas ficamos sem malha, perdemos! No futebol tem campo de malha e futebol, quem não jogava, joga malha, brinca. A malha é mais no braço, dá uma esticada na costela, tem que fazer força para jogar (Alberto Lescano).

Jogos com Animais

7*Meu avô, que me criou é uma das pessoas que teve participação nessas lutas entre outras tribos ou até mesmo com bandeirantes ou soldados do Paraguai. Ele explica que conforme a atividade praticada é um jeito de se montar. Para pegar uma caça eles montavam normal como um boiadeiro do Pantanal monta para laçar uma vaca. Mas isso eles usavam para alcançar a caça. Nas lutas eles usavam o lado do animal (escudo), deitado ao lado para que o inimigo não tivessem eles como tão fácil de se acertar. Eles viam apenas os cavalos correndo e eles deitado ao lado, com a lança na mão, prontos para atacar o inimigo ou ferir. Independente de ser outra tribo era com qualquer outra etnia que estivesse guerreando contra eles praticavam esse movimento, esse jeito de luta. Nos tempos passados havia um capitão que chamava os guerreiros para uma reunião para estudar estratégias e saber com quem ia lutar. Essa reunião era séria, não havia brincadeira, ninguém dava risada, ninguém zombava das idéias, era uma coisa séria e por isso eles conseguiam capturar pessoas de outras tribos para usá-los como servos (Domingos Soares (idem)).

8*A corrida de cavalo, no passado não existia disputas para disputar quem chegue primeiro num certo limite. Deveria até haver uma disputa entre caçadores, quem fosse pegar primeiro um cervo, ou mesmo um veado branco, quem fosse laçar. No passado tinha um laço que usavam que era encaixado a tábua entre cordas que eles jogavam no animal e aquelas tábuas começavam a envolver o animal entre o chifre, os pés, aonde eles conseguiam essa caça. Não é como hoje é praticado o laçamento, o jogar de um laço por um campeiro que joga e procura o chifre ou o pescoço do animal. Esse instrumento usado era jogado e prendia mesmo o animal, tipo uma "teia de aranha" envolvendo um inseto (Domingos Soares (idem)).

9*Hoje é praticada a "carrera" que a gente sabe é tantos metros é tanto isso. Fica nesse limite de 100, 150, acho que no mínimo é 150, que pode ser disputado e até 350, conforme o animal, que as pessoas deve treinar seu animal. Hoje nas "carrera" ele usam aquele animal que tem uma velocidade maior entre os outros animais, mas, no passado o Kadiwêu não escolhiam animal, eram todos que eram usados para alcançar a caça. No tempo passado os Kadiwêu eram cavaleiros porque eles praticavam mesmo, de várias formas essas corridas de cavalo (Domingos Soares, idem).

10*Os guerreiros faziam um treino para dar resistência e treino para os cavalos, correrem em grupo, no caso do animal acostumar com "corrida em penca". Esse tipo de esporte que eles faziam ao mesmo tempo era para acostumar os animais para esse tipo de caminhada em penca (Domingos Soares, idem).

11*Tinha brincadeira com o cavalo de pegar bicho, o veado-branco. Tinha laço. Corre no veado-branco, quando correu pega no laço. Agora acho que não tem mais veado-branco. É do Pantanal, aqui no campo tem, agora não tem nada, acabou, aquele tal do cervo também não tem, acabou. Todo esse veado-branco, veado-matreiro acabou. A carne é boa, é igual de cabrito, é bom (Domingos Soares, idem).

12*O cavaleiros eles sabem aquele da argola, punha argola e enfia um pau na argola, brincando, ganha aquele que põe na argola (Domingos Soares, idem).

13*Existia uma outra brincadeira: homens e mulheres andavam a cavalo, jogava uma lança e quem alcançava ganhava. Antigamente existiam casas uma perto da outra na qual fazíamos danças na frente das casas. Agora nos existe mais as casas estão ficando longe dos outros (Durila Bernaldino, 98 anos, "filha querida", entrevista realizada em junho de 1998).

14*Faz também uma corrida de cavalo mas não é mais o sistema do índio é do branco. Dos Kadiwêu, parece que tem uma corrida que leva a "bandeira" e o primeiro recebe o prêmio. Acho que deve ser essa bandeira esse negócio de guerra também. Porque Kadiwêu, todos são guerreiro treinam só para a guerra, anda a cavalo já treina para a

guerra, não tem nada que não treina pra não guerrear. Hoje em dia já não treina mais nada. Estou esperando guerrear, pode guerrear com a guerra do Brasil também (Liberdito Rocha, idem).

15*Ando a cavalo, aprendi andar aos 7 anos. No Socó (região da aldeia) fiquei de costas no cavalo, monto sozinha, piso no estribo, puxo a crina dele e monto. Tem uma corda no pescoço dele, a crina é de puxar mesmo, por isso ele tem, não dói no cavalo puxar a crina dele (Sandinéia Félix de Faria (Baby), 7 anos, estuda na escola da aldeia, entrevista realizada em dezembro de 1998).

16*Tenho um "piticinho" pequenininho (raça de cavalo pequeno) a minha tia caiu dele, montou, ela é gorda demais, ela é velha já. Não ando todo dia a cavalo, a escola é pertinho, agora quando eu mudar vai ser longe. Fui fazer aquele que galopava e esticava a perna para trás, galopava e esticava. Cai! (Sandinéia Félix de Faria (Baby), idem).

17*Meu cavalo é o "Chimango", meu pai comprou com esse nome. Ando na vaca na casa da minha avó, tenho 4 anos, meu pai ensinou a andar. Ele falou: "monta". Mostrou como monta no cavalo, pisa no estribo; monta no touro, segura no cupim. Eu piso na perna do touro, o pai fica segurando. Outros andam no touro grande. "Mch, mch, mch" surra na bunda dele! Se der muito forte ele galopa. Galopei, levantei e fiz "aviãozinho" em pé e caí. O corpo do cavalo resvalando a gente tá ficando de pé. Escorrega igual um barro, eu estava descalço. Eu ia ficar em pé e tomei um tombo, não machuquei. Tinha cavalo manso, aí eu galopei (Tiago Alcântara, 4 anos, entrevista realizada em 1998).

18*Meu pai vai comprar um "piticinho" para mim bem manso eu vou andar nele, galopar com ele, com meu "piticinho". Com um "cuiúdo" – "cuiúdo" é macho, é um cavalo bem bravo -, "piticinho" é baixo e eu conheci aqui na aldeia, o "cuiúdo" eu conheci aqui na aldeia. Não existe aqui nesse mundo, bem grosso, bate lá no céu. Ele é cor de rosa. "Cuiúdo" de lá do morro do céu. Vi um "cuiúdo" bem grosso mesmo, eu pisei no pé dele, ele pulou e atravessou do céu (Tiago Alcântara, idem).

19*Com o cavalo é jogar carreira, ir por aí galopando para ir treinando, para não cair dele tem que treinar muito para montar rápido e dirigir, conduzir ele (Alberto Lescano, idem)

Jogos de Chutar

Não foram encontrados

Jogos de Combate/Competição/Belicoso

20*Existe uma outra atividade nessa "festa da menina moça", que é a "luta". Nessa festa às vezes acontecia o tradicional "baile". Existia essa combinação de certos indivíduos da comunidade de usavam um pano como cobertor para se cobrir e, independente de quantidade de pessoas, eles iam com aquela cobertura fazendo barulho de touro. Entravam no baile para acabar com ele, entravam fazendo barulho de um touro e aqueles que estavam no baile dançando ou assistindo teriam que reagir pegando uma varetinha qualquer para usar como cavalo e batia naquela pessoa que estava como touro. Batendo nela ela tira aquele pano que o cobria, e nessas alturas entravam na luta. E é para lutar mesmo é para procurar nocautear o adversário. Quando o dono da festa via que a coisa está séria mesmo ele entrava no meio e separava os dois lutadores ou um "servo" daquele que estava lutando entrava entre aqueles que lutavam. É um tipo de esporte, a amizade continua a mesma depois daquela luta, mesmo que o olho esteja inchado, alguém com o nariz sangrando, mas é atividade para brincadeira, não para achar inimidade. O único esporte que as mulheres podiam praticar era essa luta (Domingos Soares, idem).

21*O jogo da mandioca, na escola a gente divide os alunos em dois grupos. Aquele que vence conseguiu arrancar a mandioca. O 1º grupo senta, o aluno mais forte agarra nesse pau, eles ficam um atrás do outro sentado grudado. Eles vão tentar arrancar aquele 1º aluno que está grudado no pau - que é a "mandioca". Vão puxando, fica enfileirado para fazer força para puxar a mandioca, aí o aluno que não conseguir arrancar eles ganham. Ficam 5 a 5 crianças de cada vez. Fica um atrás do outro naquele esteio (pau), eles vão puxar mandioca aquele que não sair, que não conseguir arrancar daquele esteio, aquele que ficar no esteio vence. Essa brincadeira é dos Kadiwéu mesmo (Cleuza Alcântara, 32 anos, entrevista realizada em 1998).

22*Brincadeira da mandioca, um fica no pau e os outros tentam arrancar a primeira pessoa. Só na festa que faziam essa brincadeira todos participavam. Existia "filho querido" (a) do país. Então desde pequenina os pais ensinavam eles, eu sou uma delas (Durila Bernaldina (idem)).

23*Quando chove, junta, aí já vem um para começar daquela festa, e não é qualquer um, por exemplo eu tenho um cunhado ele me pega me joga naquele barro, me suja, já entra outro, aquilo é uma brincadeira. Assim dizem, eu não cheguei de alcançar (Liberdito, idem).

24**Só fica brincando para divertir mesmo. Hoje cheguei atrasada para a festa de 7 de setembro (1998). Participava de jogo de mulher ou de homem, homem também usa pano, o lençol para "torear" os homens, quem tem coragem enfrenta, é na festa de moça também, as vezes no dia 19 de abril(Graciana, idem).*

25**No nosso costume esse "campeão" que você fala deve ser esse tal de "capanga" que ele ia na frente, ele ia matando. Uma mulher não era capanga, tem aquele próprio mesmo para capanga, tem coragem, tem coragem pra qualquer coisa, ele briga até dentro da água e não morre. Tinha alguém que treinava ele. Eles treinavam sim porque os índio Kadiwéu pegava outro índio, o índio Chamacoco, pra irmãozinho dele, pra treinar com ele de dar soco, brigava e pulava e tudo. Quando eles iam brigar com outros índio eles levava ele na frente, ele que ia na frente armado com flecha. Porque ele que chegou primeiro aí que o povo dele, ali ele está com a vida arriscada porque ele vai na frente. Era corajoso e não mata um, escapava de tudo (Graciana Batista, 55 anos, entrevista realizada em 1998).*

26**No passado eu lembro quando era criança a nossa brincadeira era brincar no mato, aqui era mato fechado, nós brincávamos de "caititu e caçador", nossas balas eram de mamona, a gente pegava e jogava, acertava e o caititu tinha que morrer. Nós se ajuntava e brincava bastante. Era uma brincadeira que corria e matava, corria no mato (Maximino de Farias, 31 anos, professor, entrevista realizada em 1998).*

27**Eu participei de uma brincadeira, quando a moça festa, então à noite dança bastante o "joga-bunda", é uma dança, o nome da dança que tem vários ritmos. Então, depois, o músico toca uma música para "touro", então, a gurizada saía rebuçado, colocava um pano na cabeça e saía que nem touro, abaixado, e quem queria jogar soco, brincar disso, batia nas costas, levantava e ia jogar, lutava. O soco podia pegar em qualquer parte, mas eles miravam mais no rosto da pessoa, derrubava no queixo, alguém apartava. Quando via que ninguém vencia, quando um acertava bem na testa do outro, às vezes caía, às vezes não. Isso não dava briga depois porque era uma brincadeira, tudo isso daí era esporte no passado, nunca foi sério (Maximino de Farias, 31 anos, professor, entrevista realizada em 1998).*

Jogos de Locomoção

28**É um tipo de "atletismo" tudo isso envolve essa "festa dessa menina moça", então dela surge várias. Tem um homem que canta e ele tem um bumbo, um bumbinho assim, que hoje em dia não existe mais. Ele é feito com couro de cutia. Tem um barulho super lindo, ritmado com aquela música ele vai cantando e batendo. O som vai, porque a moça fica presa até que alguém vai lá e faz um tipo de exercício com ela. Nessas altura o pessoal já carpiram, fizeram um "limpão" assim para que a saída dos atleta, não sei se poderia usar atleta, cortam lenha, um montão de lenha assim, faz aquele fogaréu e fica todo mundo ali, esperando, aguardando o outro dia. Antes do nascer do sol os guerreiros gritam: "chegou a hora"! Ai saem os guerreiros na frente e os outros, quem quiser entrar nessa, entra. Mulher não, só homens, talvez rapazes que acham que vão resistir, porque é uma distância boa. Saem de manhã cedo, antes do nascer do sol, dão uma volta de mais ou menos daqui a uns 20 km e voltam. Quando vai chegando, porque geralmente tem aquele primeiro, quando o primeiro chega a mãe ou a irmã encontra ele e diz: "...ó filho". É assim, geralmente! Tem que ter alguém para encontrar com ele, senão tiver ninguém ele vai dando voltas no terreiro até que alguém chegue: "...Ó, sente aqui fulano"! Estou rindo quando me lembro do jeito que corre. O terreiro era grande, o pessoal recebe a mãe, a irmã. Eles chamam "cidade", "nossa cidade", por causa da rua, uma rua enorme (Domingos Soares, idem).*

29**Tem o tal do "jacaré" também, só uma pessoa. Fica deitada do chão como o jacaré, tem um couro em cima do corpo dele, fica fingindo de morto, mas é brincadeira. Um rapaz forte pega ele e põe no lombo, depois leva lá (apontou certa distância), volta, brinca, levantou e já vai outro(Domingos Soares, idem).*

30**Tem a brincadeira do "cágado": o cágado, só uma pessoa, ele fica como o cágado de quatro, a outra pessoa passa uma corda na barriga, um pano ou um couro com um laço para puxarem, tem que ser forte. Brincadeira é bom! Na festa da menina brinca de cágado, tudo que é brincadeira. O pessoal daqui não sabe, brincadeira não sabe mais (Domingos Soares, idem).*

31**Algum que conta o causo como o finado meu pai me conta. Finado meu pai correu, eu não cheguei a correr, meu pai correu. Ele morreu com 94 anos, morreu agora, ele lembra e conta, eu sei tudo que é brincadeira do índio, o que passou, o sistema do índio, só que não alcancei mais, sou de 1935. O índio Kadiwéu corre, antigamente só de madrugada, 4 hora da madrugada começa a correr. Reúne muita gente, rapaziada de 15 anos para cima já corre. Justamente, os que corre tem a ver com os guerreiros antigo. Porque o índio Kadiwéu corre, é cavaleiro, nada, aprende de tudo (José Marcelino, idem).*

32**Correm de madrugada no campo, na estrada mesmo, onde achar que é bom para fazer força, não bebe água que prejudica mais um pouco. Me sinto guerreiro, quando os antigos, os mais velhos contam para nós do guerreiro, vão ensinando como que vai ser, aprender. Isso aí é bom porque quando a gente vai correr no mato, qualquer coisa, o físico não fica parado, agüenta ir longe de a pé, correndo, o guerreiro é forte resiste à longa distancia, qualquer coisa agüenta, não fica para trás (Alberto Lescano, idem).*

33**Atravessar o rio tem que ter conhecimento a não ser treinar carregando coisas na mão. Às vezes levam coisas pesadas. O rio é fundo, eles levam arreo, coisas que eles acham que não deve molhar, armamento, essas coisas assim (Domingos Soares, idem).*

34**Às vezes eles tinham falta de números para contar (calcular quantos minutos, eu até já uso minuto, comenta Hilário o tradutor simultâneo), querendo mergulhar, falava: vamos ver quem fica mais (já pensa no tempo, no relógio). Mas, eles não tinham essa história de número, nem relógio, então com isso uma pessoa ficava assim, repetidamente: "lauidi, lauidi, laudi, ..." ele ficava assim e o pessoal mergulhando. "Lauidi" é uma palavra, não tem sentido nenhum. A pessoa falava e eles saíam, teriam que pegar areia debaixo da água. A brincadeira chamava-se: "indo para a roça". A pessoa mergulhava e quando voltava trazia um pouco de areia e falava: "Ah, nossa lavoura já está assim, olha só como que está!" (Domingos Soares, idem).*

35**Tinha outra que ele mergulhavam aqui para sair lá, naquela aves (apontando uns 100 metros, estimativamente). Tinha alguém que chegava, mas tinha outros que iam até aqui (apontou mais próximo). É por isso todos os dia treinavam para quando precisar lutar na água e tiver que se esconder do inimigo e fugir para longe, assim mergulhando, eles tinham resistência suficiente. Era para todas as idades dos homens porque preparava para o futuro. É para dar resistência, o fôlego debaixo da água (Domingos Soares, idem).*

Jogos de Lançar/Arremessar

36**Cheguei a jogar jogo de flecha. Corta a bananeira, vai treinar, tem um risco assim e mais para frente tem uma semente, vai mudando. O mais acertador da flecha o filho dele vai pra frente. Quem não acerta as "onças" vai alcançando, ele vai saindo, quem não é jogador de flecha não alcança. Vai até terminar aquele risco na bananeira. Jogava 6 jogadores e cada um tinha uma flecha na mão, com arco. A bananeira ficava como daqui naquela árvore, uns 45/50 metros, era só homem. Hoje ninguém mais faz isso. O jogo de flecha na bananeira é com todo tamanho, se quiser comprida, na brincadeira quando a "onça não pega" é uma marca que fica no chão, quando acerta a bananeira muda aquele, ai "a onça vem vindo"! Mas, não tem, só para dizer que tem. Se alcançar, se não acertar atira daquela semente, vai indo, quem mais acerta alcança até chegar lá no fim. O guerreiro aprende porque não tem arma, a arma deles era o arco e flecha. Isso era uma brincadeira para se preparar para a guerra, pra guerreiro (Liberdito Rocha).*

37**A brincadeira da melancia que é jogar casca de melancia no outro. Agora não tem mais, meu pai tá plantando. A gente brinca de atirar os outros com casca de melancia. Não vale ponto nenhum, só para atirar os outros com casca de melancia, é uma brincadeira. O jogo da casca da melancia não é igual o jogo de bola: a gente esconde atrás de qualquer pau, atrás da moita. Quando é ele que atira a gente, ai nós atiramos nele, matamos ele. Ai fala: - "já morreu!". E joga a casca em cima (Tiago Alcântara).*

38**Nós fazemos time de sábado e domingo. Chegando em casa brincamos de flecha. Brincamos de "álcool" com flecha, pegamos um litro entortamos e atiramos nele. Põe o litro como daqui lá naquele piso e atira nele. Se a gente quer, mata os outros, atirando (Clodomiro Rodrigues).*

39**Nós mesmos fazemos o arco e flecha. Na escola tem bastante que nós fizemos. Nosso pai que ensinou. Quem não é acostumado fica um metro e pouco longe do alvo. Agora quem é acostumado fica como daqui naquele pé de manga, atira (10 metros estimativamente). Daqui tem que fazer força para atirar o arco. Dali daquele gol até o outro nós atiramos, dia 19 de abril. Valia 1 ponto, porque a professora fez um time da escola e nós estávamos participando. A flecha é cada um, não é por time (Clodomiro Rodrigues).*

40**Existe um tipo de treinar para acertar o alvo. É um esporte para acertar o alvo, não errar, mas, tem pessoas que erram na hora de lançar, alguns erram, mas vai passando. Só os guerreiros faziam. É uma atividade difícil, deve ser praticada por eles na posição de guerreiro. Isso já foi contado, eu não vivi. O pessoal jovem não sabem não (Liberdito).*

41**Essa arco-e-flecha é um esporte, o alvo deles, treinavam acertar o inimigo. Esse desenho ficava com os atletas, o alvo era para acertar uma "bananeira". Quem acertava na bananeira, ficava nessa linha reta, marcava linha reta, quem errava ficava nessa linha em tracejado que era a "sucuri". Quem acertava de novo a bananeira ficava na "linha reta" que era uma linha legal. E quem errasse de novo ficava na "sucuri", onde come ele, ele fica fora da competição. A maioria não acertava essa linha reta, porque o alvo é difícil de acertar, muitos ficam nessa linha que representa a "sucuri" (Domingos Soares, idem).*

Jogos de Grupo/Festas

42**Para organizar a "festa do navio" necessita de muita organização em termos de local onde cada pessoa deve ficar ou, dependendo do cargo que se pratica dentro da festa, tem o seu lugar definido. Várias coisas que se introduziu dentro da cultura dos Kadiwéu, talvez um criador dessa atividade não se soube. Esse "navio" deve ter surgido de alguma pessoa que tenha visitado ou andado fora da Reserva e que viu isso e introduziu aqui. A festa do navio era*

onde acontecia várias "brincadeiras". A organização disso se pensava num navio, porque eles faziam um cerco com uma porta única, e era obrigatório passar por essa porta. Quem passasse por lá, pelo cerco, era uma coisa simples, para facilitar a passagem de alguém desobediente, que toda pessoa desobediente que passasse debaixo daquilo que era um pau ou alguma corda era quase um simples símbolo do limite do navio. Passando ali ele teria que passar por todos os soldados, lutando. Se eram oito teria que lutar com todos os oito. Por isso que era evitado a passagem não pela porta, pelo cerco. Nesse navio existia os cabos, o capitão, os soldados e tinha um que fazia o papel de índio que ficava fora, não dentro do navio. Durante a festa do navio os homens todos eram chamados de Soldados e todas as mulheres chamadas de Paraguaias, não se usava outro dizer, era: "vem cá Paraguaia, vem cá Soldado, vem cá Paraguaia". Entrava todas as idades. A criação da festa do navio ficava onde tinha um "filho querido". Aquela família tinha todo direito de praticar ou de oferecer essa festividade dentro da comunidade que durava vários dias. No último dia que se declarava fechado o navio e terminada a festa se dizia que outro "filho querido" de uma outra família dizia: "fulano de tal comprou, portanto a responsabilidade está com ele". Mas é só um dizer, não que ele tenha pago um preço, mas é porque a responsabilidade da próxima festa seria daquela família. Se tivesse festa acho que muitos não saberiam qual é seu local, se ele seria capitão, soldado, cabo, muitos se perderiam nas posições dentro do navio. Dona Saturnina era mocinha ainda quando foi feito último navio e dali para cá nunca mais houve esta festa do navio (Domingos Soares).

43* Não existia um lugar definitivo para praticar as lutas porque eram praticadas inesperadas durante uma festa e as festas, as danças e outras festas eram praticadas naquele terreiro e esse terreiro era enorme. "Nossa cidade" são as aldeias antigas, porque formavam uma rua enorme pensando nessas festas onde poderiam dançar o bate-pau, com aquelas filas enorme de pessoas dançando, caberia todo mundo. Na dança do bate-pau a mulher não participava só na dança do milho que a mulher entrava, porque o bate-pau é só para os homens. A dança do milho era praticada durante a noite e dia também com a participação das mulheres. Já a dança do bate-pau era praticada só durante o dia, e pelos homens. E as músicas, existia uma música típica do bate-pau e também, da dança do milho já eram diferentes daquela que era tocadas para o bate-pau (Domingos Soares).

44* Tem a brincadeira de "pegar na boca". Põe um colar no chão, bem no meio, ninguém acerta, tem outro acerta, tem outros não acerta, vai até pegar na boca, depois põe no chão de novo, depois já vem o outro. Essa brincadeira era para brincar qualquer hora e na festa (Domingos Soares).

45* Antigamente os Kadiwéu tinham terreiros enormes, até mesmo preparados para dança e essas coisas, e cada família era obrigado a ter a "casa cachorro". A "casa cachorro" era para, no caso acontecia uma festa e de repente viesse uma chuva essa casa servia para abrigar todos os participantes da festa, eles corriam para "casa cachorro". E aquela casa servia simplesmente para acolher essas pessoas durante festas ou qualquer outra atividade. Sem as festas aquela casa ficava sendo zelada e limpa para esperar esse tipo de uso.

46* Não sou crente, não entrei na religião, a maioria entrou, quase tudo, porque desde festa de moça, dos antigo tão largando por causa igreja. Esses tempo um homem filho do Liberdito fez festa da filha dele, acho que umas 3 semanas, aí tem o "Bobo". O Bobo ninguém sabe quem é, ele se apronta no mato (Graciana Batista).

47* Essa atividade de uso de "linhas" para fazer desenhos geométricos não tem época e qualquer pessoa pode brincar isso, mulheres, homens. A brincadeira com as linhas se tornou "romântica", numa certa época, porque casais de namorados achavam como oportunidade para se aproximar, já que os Kadiwéu eram sistemáticos, moças não se aproximarem de rapazes. Com isso eles faziam vários desenhos, dizendo para a moça: "segura um pouquinho aqui pra mim, que eu faço isso" e assim aquela aproximação de mãos, olhares, parece que começou a se romantizar essa prática. Formava os desenhos dos "lambaris", "ninho do tuiuiú". Também colocavam outro desenho no "ninho do tuiuiú", colocava o ninho em cima de uma árvore e aquele desenho saia geometricamente nas linhas. Formavam o "morro do limoeiro". Maioria desses desenhos eram feitos com a linha entre os dedos das mãos, mas, existe um único que é usado o dedão do pé. Eles faziam um tipo de desenho que dava a entender que a "pessoa virava cambalhota". Era linha de caraguatá. O criador foi um pajé que trouxe essas atividades de linhas e "entrecelamento" nos dedos, ele via cada doença com um tipo de desenho: disenteria, conjuntivite ou dor de olho. De repente ele via uma criança obrando, magrinha, com aquele desidratação: "Ah, isso é disenteria"! Ele começou a entrelaçar as linhas e cada tipo de desenho: "Ah, eu estou vendo uma pessoa que não está vendo - que era a conjuntivite. Naquela pajelança dele as pessoas foram vendo como ele fazia os dedos e com isso surgiu. Ele viu que tantas pessoas faziam isso e algumas vezes até falhavam, tinha um "escape das linhas" entre os dedos e isso era perigoso, no entender do pajé. Então, toda vez que a pessoa brincava com a linha, tinha outra pessoa que dizia: "fulano de tal, cuidado com isso, você pode ficar enfermo, você pode errar numa linha alguma coisa, se tiver uma falha sua ali, você pode ficar enfermo". Um tempo praticava muito, sabia muito e depois que parei de praticar bastante tempo, não sei mais. Lembra de épocas de romantismo entre as linhas. Talvez alguns jovens, que tenha algum parente velho que ainda sabe praticar isso, mas acho que não são todos que sabem e se sabem são as coisas fáceis, mais simples, não são aquelas coisas difíceis, o "ninho de tuiuiú", ou mesmo os que viram cambalhotas que são mais complicadas. Já não existe mais tanto isso. Uma coisa que o pajé não teve visão é de uma doença, não sei se é "lepra" ou se é alguma coisa mais parecida com "catapora". Através das linhas ele não teve essa visão dessa doença, pegou e ele morreu com essa doença (Domingos Soares).

“CORPUS” - ESPORTE

*E os Índios Cavaleiros hoje?

“Bom eu não sei como poderia responder, é uma coisa que pode ser que foi cavaleiro mesmo a uns anos atrás, agora hoje a gente...”. Eusébio, “Na mentalidade ainda continua.” Boa ventura: Mas realidade, né. a tendência na mentalidade continua,,, segue o ritmo de hoje. Bili - li um livro no SPI, essa pratica do cavaleiro veio dos Guaicuru que lidava muito par todos os meios, festa, guerra68/ quando papai comprou gado aqui.....subia num cavalo o pé dele ficava arrastando no chão. É o pai do Maximino. A gente via aqueles manuseio com o cavalo era fora de série. Foi se apagando, se distanciando..

Tinha o cavalo pantaneiro, hoje é o cavalo curraleiro, é um cavalo pequeno mais ligeiro e depois começaram a falar cavalo de índio, porque ele tinha muita resistência.

B. – o homem tinha uma égua, a égua criava depois de 5 dias o cavalinho já estava acompanhando a mãe e ai o filhinho, o garotinho já montava em cima do cavalinho, então aquele bichinho já criava com bastante resistência bem resistência mesmo. É como o árabe ele já cria trotiano.

Eusébio - ninguém doma mais aqui.

Boa – Acabou, né. você vê de vez em quando tá descendo tropeiro lá de cima da Serra, vendendo cavalo doente pra índio.

Eusébio – aquela tropa que aquele cara trouxe esses tempo, se sobrou algum eu não vi, foi tudo, uns cavalo que já vem com o dia marcado já.

Boa - Os caras vende fiado, se não recebe mais não faz questão. Pôr exemplo, hoje o índio tá mais pra usar o burro, porque o burro ele é bem resistente, você viaja nele ele tem resistência, o cavalo já não tem a resistência do burro.

**No caso do esporte, nós não jogamos muito, quando eu ainda era pequeno já existia mas era assim, era um pouquinho. Quando eu ainda era pequeno e já existia esse futebol, mas não é muito anos atrás, é mais ou menos uns 15 anos atrás (Boaventura Medina, 1998).*

**Domingo, sábado não tem onde os índios ir, a não ser partir pra joga bola, a única coisa que tem e se torna, não sei como é que seria os índios se tivesse outra atração, de repente tivesse alguma coisa que poderia “desinflunciar” o índio a participar do futebol. Não tem outra coisa, a não ser aos domingo a pessoa jogar bola e ficar passando o tempo nesse esporte (Boaventura Medina, 1998).*

**Aprendi essa mágica pelo mundo. Faz uns 7 anos. Mantenho o físico trabalhando na roça, é “pau” que faz isso aqui. Futebol aprendi em Tocantins, aqui jogo no time dos índios, do Mauro. Ele já tinha esse time desde a 1ª vez que eu vim. Eles me pegaram para catar no gol. Aqui tem 4 times, do Mario, Joel, Preguiça e do Ronaldinho. Daniel é, no idioma, “preguiça”, o bicho-preguiça em português (Lindon Jonhson Ferreira Soares, 1998).*

**Jogam de domingo, sábado, não tem grito do guerreiro antes de jogar. Quero treinar as crianças para no futuro poder jogar em algum time também, prestar para alguma coisa. No momento só ensino jogar bola, toque de bola, fazer gol (Lindon Jonhson Ferreira Soares, 1998).*

**As coisas estão mudando, hoje temos convite para Corumbá (jogos abertos). Nós temos sem vontade de ir e ao mesmo tempo com vontade de ir porque a gente não tem experiência no campo de futebol (Daniel Matchua).*

**Hoje em dia esse jogo que tá saindo, esse rapaziada nova, eles falam que é muito importante, você sabe que essa rapaziada já está entrando numa civilização, esse sistema do jogo hoje em dia não é sistema do índio Kadiwéu. Eu acho que nós estamos na civilização! Já tem muito que acha que tá certo, que pode fazer que nem o branco, ele acha bonito do jeito que ele tá hoje. O que estou vendo hoje em dia é isso, a rapaziada fala que é muito importante, agora, eu posso falar o que é verdade daquele sistema antigo, não posso falar nada desse, sou índio velho. Agora esse rapaziada nova acha que está bom, como hoje, está jogando, aprende que nem o branco (José Marcelino).*

**Fazer corrida de atletismo, vôlei e também as crianças da escola. Para o ano que vem, as crianças de 9 até 13 anos de idade nós vamos treinar eles para no futuro serem atletas, porque atualmente já tem bastante pessoas de idade que jogam futebol. Atletismo eles não tem muito conhecimento, mas, agora eles estão tendo conhecimento porque*

eu estou ensinando. Tive um pouco de orientação quando estudei em Campo Grande/MS, fui atleta e participei dos jogos de lá. Nesses jogos abertos de Corumbá/MS treinei os atletas de atletismo, teve 100, 400, 1500 metros e o pessoal foi bem colocado, teve medalha de 2º lugar nos 100 metros e 1500 ficaram em 3º lugar (Maximino de Farias).

**O esporte que nós brincava era jogar futebol, mas, só que nossa bola era aquela laranja grande de casca grossa. Nós amontoava uns 20 e corriamos, aqui era gramadinho, agora já está sujo, tinha uma porteira ali e, então ali era um gol e nós fazíamos um outro gol bem aqui. Enchia de gurizada, conforme a laranja ia partindo nós pegávamos outra laranja. Isso deve ter, tenho 31 hoje, mais ou menos 6, 7 anos (Maximino de Farias).*

**Hoje o esporte está bem concorrido porque já está aumentando os times, antigamente tinha dois times aqui na aldeia. Hoje tem 5 times de futebol, porque é o que mais pratica. Desses 5 todos são bons, são ótimos, tem bons jogadores e sempre eles estão fazendo torneio entre eles. Tem alguns índios que entendem um pouco de arbitragem, eles cumprem o que o juiz determina porque eles não estão por dentro, não entendem muito bem a regra do futebol, mas tem pessoas que entendem (Maximino de Farias).*

**Sou um tipo de preparador, preparador físico não digo, físico só em certas partes. Eu treino eles, só atletismo e o vôlei que vou treinar para o ano que vem para os jogos abertos do ano que vem. Eu tenho um timinho de futebol, mas só que acabou a nossa bola e eu tenho três timinhos de crianças de 9 até 12 anos de idade, mas, nossa bola acabou e nós paramos de treinar. O ano que vem nós vamos começar a erguer de novo nosso time de gurizada, da escola (Maximino de Farias).*

**Em Dourados/MS que nós não fomos nos jogos abertos. Eles (FUNDESPORTE) leva o que vem determinado para ir, acho que 20 pessoas ou 30. Nós, a 1ª vez não fomos preparados para atletismo, fomos preparados só para o futebol, atletismo, corrida, não fomos preparados, eles não ganharam nada, correram na hora sem preparo (Maximino de Farias).*

**Perder, eles mesmos sentiram meio humilhado, porque em Miranda, Campo Grande, Goiânia, não ganharam nenhuma medalha, em São Paulo ganharam a medalha de participação, então, eles sabiam que não estavam preparados para o atletismo, para o jogo de vôlei, levaram só um time de futebol os jogadores saíram da competição. Nesses jogos de Miranda também não foram preparados para corrida, só futebol, agora em Corumbá já foram mais preparados no atletismo e no futebol e trouxeram uma medalha de natação, de 1500. Ele não foi treinado, porque ele vive, esse rapaz que nadou, ele veio da aldeia Tomázia, lá existe córrego, açude, ele é ótimo nadador, ele já é preparado e sabe nadar muito bem e ele conseguiu chegar em 2º lugar, a região é de água, tem muito lago enorme para tomar banho, nadar. A cachoeira que truncamos aqui na aldeia é muito raso e pequeno, só se fizer um represa (Maximino de Farias).*

**As lideranças quase que não intrometem no futebol, mas eles gostariam que sempre ganhassem, mas, o que podem fazer, perderam, pode ficar só lamentando. O que pode fazer, tem que melhorar mais, mais preparado para os próximos jogos (Maximino de Farias).*

**Hoje o esporte está bem concorrido porque já está aumentando os times, antigamente tinha dois times aqui na aldeia. Hoje tem 5 times de futebol, porque é o que mais pratica. Desses 5 todos são bons, são ótimos, tem bons jogadores e sempre eles estão fazendo torneio entre eles. Tem alguns índios que entendem um pouco de arbitragem, eles cumprem o que o juiz determina porque eles não estão por dentro, não entendem muito bem a regra do futebol, mas tem pessoas que entendem (Maximino de Farias).*

**A gente não entrou no ritmo, a gente começou mais ou menos depois dos jogos abertos de Corumbá, a partir do ano que vem que a gente vai treinar com 6 meses de antecedência para os próximos jogos. Agora nesses jogos que passou não treinaram, por pouco tempo foi treinado só os atletas (Maximino de Farias).*

**A gente chama como o pessoal chama, vamos fazer um torneio de futebol, usa torneio. Estamos pensando em construir uma quadra aqui para o pessoal jogar futebol-de-salão porque eles não praticam. Nesses jogos que passou tinha, em Corumbá não teve mais, nós pretendemos fazer uma quadra, mas, não sei que tipo de ajuda. A gente vai caçar algum patrocinador para fazer uma quadrinha para o pessoal treinar, para o pessoal conhecer aqui dentro da aldeia e jogar aqui dentro, porque em algumas aldeias já tem quadra de futebol-de-salão juntamente com o vôlei, é um esporte muito bom, de velocidade, rapidez (Maximino de Farias).*

**Represento a parte da educação e ajudo Daniel na parte do esporte, do preparo dos atletas, a parte de educação é minha área, quando tem alguém que quer saber de educação e quando tem reunião para fora eu sempre estou indo (Maximino de Farias).*

**Fui só uma vez nos 1º jogos abertos, nos outros eu treinei, mas não acompanhei. Agora para o ano que vem pretendo ir. Não, não deixa de ser índio, ainda tem família que segue aquelas regras. Eu passo para meus filhos, não falo*

a língua apenas entendo. O jogo de peteca eu vou colocar na escola. Eu sabia fazer peteca, meu pai me ensinou, não sei se ainda sei (Maximino de Farias).

**Nós não medimos a corrida, não tem jeito, a gente vai longe, muito longe, a gente não sabe quantos quilômetros. Tenho vontade de ser profissional, mas com 27 anos é difícil, se fosse com 12 sim (Alberto Lescano).*

**Daqui foi só um time para Corumba/MS, tinha uns 10 times, tudo índio, time de mulher e dos homens. Jogamos uma vez, porque fomos sorteado, não entendo essa coisa de chave, de regra entendo um pouco. Jogamos primeiro, era tabelado, jogamos com a aldeia Buriti (Terená), perdemos no pênalti, no tempo normal empatou zero a zero. O jogo foi de 15 minutos. Descansava 3 minutos. A FUNDESORTE que definiu. Dava de 1º a 3º lugar. Tinha cabo-de-guerra, flecha, lança, fomos com atleta para correr 100 metros, 1500, tinha pulo-a-distância. Nós participamos de cabo-de-guerra, futebol, 100, 1500, flecha, lança. Flecha foi o Bento e o outro que só sei o apelido, ele não foi o 1º nem o 2º, eles saíram fora também. No cabo-de-guerra ficamos em 2º, são 5 pessoas no-cabo-de guerra. Natação ficamos em 2º foi o Ailtom, ele não mora aqui, ele nadou por segundo parece. Agora não sei se é 1000 metros ou 400, era naquele rio de Corumbá. Não tinha piranha, acho que não, ele tirou em 2º, futebol foi no estádio de Corumbá, corridas foi no quartel, flecha foi dentro do estádio (Alberto Lescano).*

**O ano passado saiu em Miranda, foi mais bom, esse é o 4º jogo. A 1ª vez foi em Campo Grande. Mas nós conseguimos o 2º lugar ou 3º. Nós queríamos ganhar todos para chegar mais alegre aqui. Se o pessoal perguntar se ganharam ou não, porque quando chega fica todo mundo para saber como foi a festa. Quando chega no outro dia vão na casa. Quem foi vai lá perguntar, aí fala: "conseguimos só 2º lugar", pergunta do futebol, falamos que perdemos, perdemos no pênalti, no campo normal batemos 0 a 0, foi de Buriti, eles acertaram 2. (Alberto Lescano).*

**Os antigo contam que furava o pênis com osso de bicho Já não alcancei mais os furos só tem historia. Acho que deve doer porque fura, não pode chorar, já nasce para ser homem tem que ser homem. Senão é mulher que não agüenta dor. Tem que mostrar que é corajoso, tem que agüentar tudo, hoje não é mais assim. (Alberto Lescano).*

**Eles entendem a regra do futebol, tem o juiz que é quem mais manda no campo, ele apitou tem que parar. Para ser juiz tem que entender, se não entender cada um chuta, não vai mais na bola vai na perna, vai no adversário, o juiz tem que entender um pouco também para apitar certo. Todos respeitam, quando entra no campo fala quem manda é o juiz, não tem nada que reclamar, senão manda sair para fora. Não tem briga não, é muito difícil, não existe. (Alberto Lescano).*

**Os dois que mais faço, futebol e andar a cavalo, gosto. No gol fico um pouquinho emocionado, às vezes escapa um gol, daí a torcida grita: "goleiro frangueiro, goleiro não presta". Fico meio chateado. Falam: - porque você não pegou? - não deu! Entro para ganhar, se não entrar para ganhar fica bem rebaixado o time. A torcida, o técnico fica nervoso fala que não esforçou para ganhar o jogo, mas tem que ficar forte, senão você sabe. (Alberto Lescano).*

**De vez em quando a gente vai no campo dar uma treinada, os caras vão lá treinar o goleiro chutando bola e fazendo a física. Física já vem já vem de fora, desses jogadores que a gente assiste dos times para fora, na cidade. Para chutar a bola já pega do outro, pegar a bola, fazer a física. Alguns pega daqui mesmo para treinar. Faz corridinha, se aquece, para aquecer o corpo. Sai cansado, perna doída, braço. Sai cansado quando termina o jogo (Alberto Lescano).*

**Se junta fala para jogar direito, não tem nada para discutir nada, se alguém estiver bravo não liga não, respeita o juiz, só isso. Agorinha eu estava conversando com o primo, acho que vai ter um torneio e vamos treinar para o Natal. Acho que não vai ser time de fora, a estrada está muito ruim, tem o pessoal da Sumatra (assentamento), o pessoal da cidade de Bodoquena, da Morraria. Vem só num dia, joga e vai embora. (Alberto Lescano).*

**Fiz campinho de volei perto da minha casa para melhorar a apresentação do índio Kadiwéu no próximo convite dos jogos indígenas, assim nós vamos aprendendo mais o vôlei. Incluído jogo de flecha, natação, jogo de vôlei, jogo de campo, é que a gente nunca fez uma representação bonita agora nós vamos tentar melhorar para mostrar que o Kadiwéu na verdade existe. Só que o Kadiwéu nunca fez uma representação bonita, eles pensam que a gente vai fazer uma representação bonita, na hora não existe o que eles pensam (Martiniano de Almeida).*

**Sempre eles avisam em cima da hora, não tem aquela organização que deveríamos fazer, nunca ganhamos num jogo indígena como os outros ganham o 1º lugar. Os outros treinam melhor. Porque não tem um treinador físico, por exemplo. Os outros têm, porque eles têm mais entendimento de futebol, entendem melhor. (Martiniano de Almeida).*

**Não entendo as regras de futebol, eu jogo porque eu gosto de jogar, mas eu gostaria de entender as regras para jogar. Vôlei até armei uma rede e pedi para você ensinar a regra. Nunca jogamos, ninguém entende! Roçamos, marcamos e oniem jogamos, o Maximino entende. (Martiniano de Almeida).*

4maKadiwéu estão interessados em jogo porque que nós estamos gostando, porque jogo de futebol é esporte agora e todos os índios têm que ter aquela representação. Os que mandam o convite são os organizadores de fora. A comunidade gosta muito, mulher, homem, criança. (Martinião de Almeida).

**Não sei as regras não! porque quando a bola sai fora eles apitam, quando vai gol eles apitam. Entao segue pelo apito, é isso mesmo! Comecei a jogar futebol agora, aprendi aqui mesmo, lá no campinho.Sou canhoto (Josiel Moraes Barros).*

**Jogar bem quer dizer que a gente toca muito, dá uma librada nos outros vai indo até que marca o gol. Eu nunca fiz gol. A gente toca primeiro, libro, daí toco no gol. É muito difícil o goleiro segurar as bolas. Goleiro aqui é o filho do Mauro e o filho do Hilário. (Josiel Moraes Barros).*

2rbO Maximino treina de manhã, 8 horas, vamos no campo de jogar bola, fazíamos física quando jogava com o Feijão. Física é treino, todo dia eles iam de sábado em sábado.

**(...) sente uma alegria do corpo. Parece eu antigamente, quando eu estou na brincadeira eu tenho uma alegria como as meninas, eu acho que faço assim esse negócio de jogo por eles. Quando eles estão no jogo eles não querem nem almoçar. Passa a hora do almoço, vem as vezes de noitinha, com fome. Eu acho que é assim porque é esse negócio de bola. (Pedrosa Barros).*

**(...) quando eles jogam e caem, apita. Parou, ele apita de novo. O Martinho, pessoas eu assisti uma vez a brincadeira, não se foi, foi bonito. É isso mesmo! Quando ganhou pára. Se ele não apita continua jogando. (Pedrosa Barros).*

**(...) fazia física de jogar mesmo. Aprender a jogar bola e pode contratar as pessoas para jogar no time. Compra no time do técnico. Por isso que eles joga. (Pedrosa Barros).*

ENTREVISTAS NO ORIGINAL

6-6-98 - Conversa com Sr. Domingos e Hilário.

H – Hilário (Kadiwéu letrado, com estudos da língua. Tem acompanhado o pastor para tradução da bíblia e também uma professora do IEL/UNICAMP.

D – Seu Domingos (Dominguinhos, como é conhecido, tem 88 anos e é um “filho querido do pai”. Disse que fala em português as coisa mais simples, mas, a história só fala em Kadiwéu onde sabe mais palavras).

M – Marina

H/D – Hilário e Domingos

FITA 1, LADO A

H - Todas vez a gente explica para as pessoas, no caso do Sr Domingos ele é um dos filhos dentro da família que se e destacou na educação. Mesmo no prestar atenção de adquirir conhecimentos da cultura, então ele tem muitos conhecimentos porque os pais embutiram nele todo conhecimento que precisava o filho saber, para passar para os seus netos ou mesmo filhos né, então ele é uma pessoa que tem muito conhecimento.

M - Então ele é o filho... que tem um nome?

H -É, ele é “filho querido” ou “filho do papai”, como a gente falou, nós tínhamos comentado isso.

M - O que eu gostaria de perguntar para ele Hilário, se ele lembra dessas brincadeiras dos jogos de antigamente, ele é de 1910, né? (*ele fez questão de me mostrar a carteira de identidade da FUNAI*).

H - Ele quer iniciar falando da “dança do bate-pau”, como se adquiriu isso, como os Kadiwéu conseguiram praticar essa “dança do bate-pau”.

H/D - Ele introduz sua história dizendo que os K tinha participação em várias guerras com outras tribos até mesmo uma guerra que participaram com o Solano Lopez, né, no Paraguai. E que nessa luta entre os paraguaios descobriram que o S. Lopez quis guerrear lutando com os K e mesmo com os Brasileiros. Morrerem muitos soldados dele e os K alegam que ele morreu mais é de tristeza ou desespero, por ver os seus soldados morrerem e os K, como grandes guerreiros conseguiram sobreviver nessas lutas. Então os K tinham o S. Lopez como um dos grandes inimigos por querer invadir o território dos K que hoje é esta área onde esta localizada as aldeias dos K. Com isso os K faziam várias visitas secretas até aos fortes do S. Lopez.

M - A cavalo?

H- É, a cavalo.

M - Como que os K. faziam com o cavalo, que todo mundo diz que o guerreiro K fazia um monte de coisa com o cavalo.

H/D - Ele está lembrando que o avô dele que criou ele é uma das pessoas que teve participação nessas lutas entre outras tribos ou até mesmo com bandeirantes, ou até mesmo soldados do Paraguai. E o avô dele explica que conforme a atividade praticada é um jeito de se montar. Então, para pegar uma caça eles montavam normal como um boiadeiro, assim, do Pantanal monta para laçar uma vaca ou outras coisas, mas isso eles usavam para alcançar a caça, mas nas lutas eles já usavam o lado do animal, deitado ao lado do animal para que o inimigo não tivessem eles como tão fácil assim de se acertar. Eles viam apenas os cavalos correndo e eles ditado ao lado, com a lança na mão, prontos para atacar o inimigo ou ferir. Independente de ser outra tribo era com qualquer outra etnia que estivesse guerreado contra eles praticavam esse movimento, esse jeito de luta.

M - Hilário, eles ficavam, os K ficavam o dia inteiro andando a cavalo, estudando, criando estratégia, você falou que eles iam até secretamente visitar S. Lopez, porque os K ficavam pensando nisso o dia inteiro, porque tinham outros cativos que faziam comida? O ócio, por exemplo, vocês ficavam pensando na guerra?

H/D - Ele está respondendo a uma das perguntas, depois a gente faz a outra. Mas ele está dizendo que nos tempos passados havia um capitão e esse capitão chamava os guerreiros para uma reunião e essa reunião era para estudar estratégias para saber com quem ia lutar. Essa reunião era séria, não havia brincadeira, ninguém dava risadas, ninguém zombava de idéias, mas, era uma coisas séria e por isso eles conseguiam capturar pessoa de outras tribos para usá-los como servos. Agora faço um pergunta para ele. (*o tradutor teve alguma curiosidade, não sei se traduziram para mim*)

H/D- Ele está dizendo como eles conseguiram alimentação, ele está dizendo que os K no passado eram bem rígidos em termos na educação das crianças, desde pequenas. Ele está dizendo que nessas horas, acho que são quase nove horas, o filho à essas alturas, o filho de um K, no passado, não tinha comido nada ainda. Mesmo preparando essa criança para um ataque do inimigo, não ter que correr de repente ele cansa, não tem forças porque se alimentou agora pouco. Uma comida que eles comiam era uma comida que eles conseguiam, era uma comida que era colocada em certa quantidade para aquele filho, não comiam comidas requentadas, comidas que pudessem ser estragadas, na opinião deles. As crianças K eram obrigadas a tomar banho cedo, para não sentir frio, para que na hora que os pais dissessem: você precisa correr, não tiver preocupado em passar frio no mato ou até morrer com frio. Ele até lembra que um alguém que estava entre os K que não estavam preparados quando foram atacados em época de geadas nem um frio de baixo grau mesmo ele não estava preparado, não teve essa educação, ele morreu pelo frio. Os K, com toda tranqüilidade, passaram a nado um rio que tiverem que atravessar.

M - Como o K nadava no rio?

H/D - Ele está dizendo que os K tinha aulas também, né. Tinha um instrutor que ensinava como cair na água né, como nadar com as mãos, como a gente vê nas Olimpíadas. Eles tinham esse tipo de nado e na hora de cansar de bater as mãos e os pés, e usar os pés e as mãos, eles mergulhavam e continuavam o movimento debaixo da água, saindo outra vez, isso no caso de não estar levando nada. Mas, ele está dizendo que os K eram suficientes na força para levar alguma coisa do outro lado de um rio ou de uma baía com uma das mãos e os pés para atravessar alguma coisa que eles acham que não devia molhar.

Marina – E quando os guerreiros descansavam? Tem alguém que fala muito que vocês jogavam peteca, que vocês tinham umas brincadeiras, por exemplo, de “raposa e coelho” que passava uma esteira. Vocês se lembram desse jogo?

H/D - Ele está dizendo que ainda não concluiu o que ele está dizendo, ele quer chegar no porquê conseguiram o bate-pau.

H/D - Ele está explicando agora que numa certa ocasião da ida dos K para o Paraguai eles conseguiram essa “dança do bate-pau” dos paraguaios. Numa certa ocasião que estava saindo a festa dos paraguaios, os K estavam sondando eles, estavam vigiando o que estava sendo feito ali. Nessa ocasião os K gostaram dos movimentos, das pinturas, de outras coisas que usavam como enfeites na cabeça, os movimentos da dança e com isso, de volta para a aldeia ensinaram aos demais da comunidade essa dança que hoje ficou como uma dança dos K, adquirida dos paraguaios.

H - Eu fiz uma pergunta para ele dizendo se esta dança era uma dança típica indígena ou uma dança que até hoje os paraguaios praticam. Então ele disse que eram dos paraguaios com quem os K guerreavam na época porque a intenção dos K, nessas idas, era acabar com o Solano Lopes ou com os soldados dele.

M- Usa qual material para essa dança?

H/D - Os K usavam a tinta do urucum e uma outra terra branca e também fitas colorida para enfeites. Ele está dizendo que hoje em dia muda bastante essa coisa de pinturas, hoje o pessoal usa muita coisa artificial, mas, no passado ou até um tempo atrás não se usava isso, usava essa terra branca, a tinta do urucum. Hoje a gente vê que nas práticas da dança usa muita coisa artificial.

H/D - A ocasião em que se praticava esses jogos da peteca, essa brincadeira, esse esporte, era na ‘festa da menina moça’ (*fazia movimentos da peteca e ria*), haviam dois times um de um lado e outro do outro lado, então eles jogavam para o outro time, né, como na prática do jogo de vôlei. No caso do vôlei tem a rede, mas, na peteca não. Tinha a pessoa no centro, como tipo um bobinho, que ficava esperando a falha dos jogadores e quando a bola caía no campo dos adversários eles pagavam prêmio, tinha um pratinho e eles pagavam prêmio, eles colocavam um pedaço de fumo, né. Cada vez que caía, abastecia aquele pratinho, né. Ele estava dizendo que era uma brincadeira gostosa porque os times procuravam não deixar que a peteca caísse no seu campo para ter que pagar esse prêmio, né. Era uma atividade bastante gostosa, ele estava dizendo que quando a bola caía nas mãos da pessoa do centros que era tipo uma pessoa que estava de bobinho, não se pagava prêmio ela simplesmente batia para que o jogo continuasse, né, (*observar que o tradutor troca a peteca por bola, talvez força do hábito, mais recente, de jogarem bola*).

M- E jogava de que jeito?

H/D - Ele está dizendo que usava as palma, a palma da mão batia na peteca e as penas eram tipo de ema que ajudavam a ter os movimentos certos na mão de quem sabe praticar. E a parte maior dessa peteca era feita de folhas de milho. Eles está dizendo que no Brasil ele vê que certos esportes praticados pelos homens as meninas estão praticando e esse esporte era praticado apenas pelos homens. Talvez com o tempo algumas meninas acharam que deveriam ter praticado, mas, no tempo passado eram apenas pelos homens.

M - Como eles decidiam os times?

H/D - Ele está dizendo que os times eram escolhidos na hora, não existia times no caso definitivos, como clubes existem no Brasil, isso para não criar uma rivalidade entre os K, já que era um esporte praticado para se divertir então era escolhido na hora os componentes de cada equipe. Ele até alega que existe uma outra atividade nessa “festa da menina moça”, que é a luta. Ele está dizendo que essa prática da festa da menina moça às vezes acontecia o tradicional “baile” que existia. Então, existia essa combinação de certos indivíduos da comunidade de usavam um pano como cobertores para cobri-los e eram independente de quantidade de pessoas, mas eles iam com aquela cobertura e fazendo barulho de touro, né. Entravam ali no baile para acabar com aquele baile, entravam ali fazendo barulho de um touro e aqueles que estavam, por sua vez, no baile dançando ou assistindo aquele baile eles teriam que se reagir, pegando uma varetinha qualquer, usar como cavalo e batia naquela pessoa que estava como touro. Batendo nela ela tira aquele pano que o cobre, né e nessas alturas entram na luta. E é para lutar mesmo é para procurar nocautear o adversário. E quando o dono da festa vê que a coisa está séria mesmo ele entra no meio e aí ele separa os dois lutadores ou, um servo daquele que está lutando entra entre aqueles que estão lutando. É um tipo de esporte, a amizade continua a mesma depois daquela luta, mesmo que o olho esteja inchado, alguém com o nariz sangrando, mas é atividade para brincadeira, não para achar inimidade.

M - Naquele tempo vocês tinham o guerreiro e cadê o guerreiro, hoje em dia, quem é o guerreiro?

H/D - Ele está dizendo que depois que faleceram todos aqueles últimos guerreiros né ele pode dizer que hoje não sabe onde está, acho que desapareceram, conforme o tempo hoje ele não pode dizer que existem, acho que não deve existir mais.

M - Por isso que as brincadeiras não tem mais, porque eram os guerreiros que faziam essa luta, a peteca?

FITA 1, LADO B

H/D - Ele estava dizendo que muitas coisas da nossa cultura estão sumindo. Mesmo vendo as mulheres aqui ao nosso redor (*parece que ele aproveitou para dar um recado para as mulheres*) moças e senhoras está sumindo o cântico da mulher K também. Quando há a ‘festa da menina moça’ é uma coisa de se admirar porque a menina moça passa o dia

todo sem se alimentar, então com isso aquelas senhoras ou mesmo outras moças que sabem cantar, para mostrar um certo carinho com a moça que está tendo sua primeira menstruação, deixando de comer e dando aquela festa para a comunidade, elas cantavam dando carinho, dando suas frases de elogio e são coisas que estão sumindo dentro da cultura K, em nossos dias.

M - O que ele acha que está sumindo?

H/D - Ele está dizendo que talvez faltou interesse, né, porque ter pessoas que eram conhecedores da cultura ou mesmo dos cânticos, das brincadeiras, dos esportes e de lutas. Cada família teve um “ente” que já tinha bastante conhecimento e que como essas pessoas, por serem uma característica delas elas passaram informação. Acho que houve um desinteresse de algum tempo para com os jovens de sentirem envergonhados de praticarem certas atividades da cultura. Hoje, se vem uma comissão pedindo a dança dos K, a prática da cultura, muitos ficam envergonhados ou praticam tentando rebuscar aquilo que onde sai uma coisa que não é bem feita, como seria no passado. Se fosse guardado bem as informações ou teria que ser feita assim. Ele está dizendo que se uma senhora levanta e canta sua música, jovens ficam rindo, zombam, o que no passado não acontecia. Era uma seriedade, sabiam do valor e ele acha que é uma falta de interesse dos jovens de hoje, né.

M - Ele está cansado?

H - Ele não está cansado não.

H/D - Ele está dizendo que ele ensina as crianças mas, algumas vezes, por falta de material, eles até improvisam certo material. Mesmo essa pena de ema, que já não existe mais, né, no caso dele ensinar, os netos sabem fazer petecas, só que já é com material improvisado né quando não tem aquela pena, mas quando tem o material para isso ele ensina as crianças fazer.

M - Que jogo as mulheres jogavam?

H/D - Ele está dizendo que algum outro tipo de esporte praticado pelas mulheres ele não tem conhecimento, desde quando que nem mesmo informações passadas ele não tinha. Mas, nas lutas elas entravam, danças, essa dança que, porque dança é outra coisa, né. O único esporte que elas podiam praticar é essa luta.

M - *(me dirigi ao Hilário para esclarecer os significados)* Ele, quando está falando em K, fala esporte também ou você que traduz esporte para mim? Como que ele se dirige a essas brincadeiras da peteca, da luta e isso que você está chamando de esporte. Pode falar ele e depois você também fala, porque você mexe com esporte também, né?

H/D - A professora introduziu a pergunta para ele falando de esporte, brincadeiras, né e ele introduziu com o bate-pau que para nós é uma “festa”, no caso seria uma festa traduzindo para o português. Ele introduziu o bate-pau porque entre os K o “esporte” é uma “brincadeira”, né, e “festas” é uma “brincadeira”. Então não há diferença no dizer “brincadeira” para “festa” e “brincadeira”/ “esporte”, né? Então, se falando do “esporte” é uma “brincadeira”, eu até perguntei para ele: o que o senhor fala do futebol, é uma “brincadeira” ou o que o senhor pode dizer para mim? Ele disse: é uma “brincadeira”, né. Ele acentuou bem, no caso do esporte hoje ele vê as meninas correndo atrás de uma bola que se fosse para os K antigos era um risada enorme porque uma mulher correndo atrás de uma bola que é uma prática de homens né. Então é vergonhoso para os K ver uma mulher praticando aquilo que é para o homem praticar...*(ao nosso redor, sentadas em bancos e tocos, estava mais ou menos 6 a 7 mulheres jovens e adultas e crianças, pareceu-me que o Sr. Domingos aproveitou a situação e passou um conselho, há risadas na fita.)*

M - Como fica hoje as netas, todas correndo atrás da bola? As meninas gostam de jogar bola?

H - Jogam futebol, tem uma equipe.

M - Tem uma equipe? Quem treina, ou elas jogam à vontade. Misto ou sozinhas?

H - Sozinhas. Mas tem uma diretoria. Assim como é feito em qualquer clube, né. Foi criada uma diretoria do futebol feminino, um treinador, então elas estão bem modernizadas nesse tipo de esporte.

M - Puxa, tem diretoria também para futebol dos homens. É a mesma diretoria?

H - Não, é outra diretoria. E existe um diretor geral que comanda o masculino e o feminino.

M - Para todos os esportes ou só para futebol?

H - Só para futebol.

M - E quem é esse diretor geral?

H - É o Boaventura. Ou, às vezes, então na diretoria foi criado que o Martinho ficasse como diretor geral, foi nomeado a outra vez.

M - E na escola, hoje, o Sr. Domingos é convidado para explicar os jogos para as crianças?

H/D - Ele diz que na escola nunca foi convidado. Ele diz que foi convidado uma vez não pela escola, mas pela liderança para organizar a “festa do navio”, onde necessita de muita organização em termos de locais onde cada pessoa deve ficar ou dependendo do cargo que se pratica dentro da festa tem o seu lugar definido e ele tentou explicar e onde houve muita confusão.

M - Fala para ele contar essa história do navio, de onde surgiu, se ele pode falar.

H/D - Ele está dizendo que várias coisas que introduziu-se dentro da cultura dos K talvez um criador dessa atividade não se soube. Ele mesmo acha que nessas alturas ele falhou, porque ele valorizando o conhecimento dele. Ele falhou muito com muitas informações que passaram para ele, deu pouco caso. Hoje ele vê que há uma necessidade muito grande de se dar importância para certas informações que recebemos. Ele acha que esse navio deve ter surgido de alguma pessoa que talvez tenha visitado ou andado fora da Reserva e que viu isso e que introduziu aqui. A festa do navio era...

M - Era uma “festa” ou uma “brincadeira”?

H/D – Não, era uma “festa” onde nessa festa acontecia várias “brincadeiras”, né. Ele está dizendo que a organização disso, acho que se pensava num navio, porque eles faziam um cerco e esse cerco tinha uma porta única, e era obrigatório passar por essa porta única. Quem passasse por lá, pelo cerco, né.

M – Era um cerco de madeira, como faziam?

H/D - Acho que era uma coisa simples, até para facilitar a passagem de alguém desobediente, que toda pessoa desobediente que passasse debaixo daquilo que era colocado, se era um pau ou talvez alguma corda ali, era quase um simples símbolo daquilo que, do limite do navio. E passando ali ele teria que passar por todos os soldados lutando, né. Se eram oito teria que lutar com todos os oito. Por isso que era evitado a passagem não pela porta, pelo cerco, né. Ele está dizendo que nesse navio existia os cabos, o capitão, os soldados e tinha um que fazia o papel de índio que ficava fora, não dentro do navio. E dentro desse navio acho que durante a festa do navio, os homens todos eram chamados de soldados e todas as mulheres chamadas de paraguaias, não se usava outro dizer, era: “vem cá paraguaia, vem cá soldado, vem cá paraguaia”.

M – Criança entrava nessa festa?

H/D - Era toda idade.

M - Quando acontece essa festa?

H/D - Ficava assim então, a “criação da festa do navio” ficava onde tinha um “filho querido”. Então, aquela família tinha todo direito de praticar ou de oferecer essa festividade dentro da comunidade. Quando se fazia aquela festa eles faziam a festa até...eram vários dias que era praticado isso. E no último dia que se declarava fechado o navio e terminada a festa e se dizia que: “fulano e tal comprou”. Um “outro filho querido” de uma outra família dizia: “fulano de tal comprou, portanto a responsabilidade está com ele”. Mas é só um dizer, não que ele tenha pago um preço, mas é porque a responsabilidade da próxima festa seria daquela família, daquele filho.

M - E quem é o responsável pela próxima festa, já esta marcado?

H/D - Ele acha que não, porque muitos perderam o saber da festa. Porque muitos, se tivesse festa acho que muitos não saberiam qual é seu local, se ele seria capitão, soldado, cabo, muitos se perderem nas posições dentro do navio. O último navio que ele assistiu foi da D. Saturnina. *(Jaime S. Júnior refere-se à realização da festa em 1992/1993 incentivados pela filmagem dele).*

M- Quando foi ?

H /D - Acho que a D. Saturnina era mocinha ainda quando foi feito, foi o último navio que foi feito e dali para cá nunca mais houve esta festa do navio.

M- Ele sabe a posição, o papel de todo mundo, ele lembra?

H/D – *(Rindo)*. Ele está dizendo que lembra pouco, se for para determinar ele lembra da função de cada família dentro de uma festa do navio mas como ele tem dificuldade de andar ele acha que é um pouco difícil para ele, porque ele é deficiente agora. Então, ele não poderia fazer e estar andando, porque exige muita andança de orientar as famílias. *(todas riam, seu Domingos movimentava-se nadando, ria, inclinava para frente).*

H/D - Ele fala toda vez que venho jogar bola, ele fala: “Ah! antigamente era esse tipo de esporte.” É quase semelhante ao futebol, eles faziam um bolo assim de material, o material ele não sabe o que é isso, mas a informação que ele teve, não chegou de praticar também esse esporte, mas teve a informação de que havia isso, havia esse esporte. Era feita uma bola de caraguatá, eles tiravam uns fiapos de caraguatá e faziam aquela bola e eles faziam dois times para disputar nessa disputa desse jogo. Eram esportes muito violento, era “esportes sem respeito”. Nesse esporte era feito um taco e nesse taco era feito um cesto e você batia aquela bola. O alvo daquela bola era simplesmente acertar a bola, não precisava fazer gol, fazer cesta, alguma coisa disso. Não importava aonde a bola fosse, você tinha que ir junto, batesse, se pegasse em vasilhas, mesmo ele está lembrando, que se a bola batesse aqui *(apontou o local onde as mulheres expunham cerâmica para vender)* aqueles praticadores do esporte iam, batiam na cerâmica, derrubavam tudo que estivesse na frente, né, e também não queriam saber se pegou na canela de outro, se pegou no nariz, e quando há uma certa briga, durante esse esporte eles deixavam dos bastões e lutavam. Lutavam com quem viesse na frente, já entrava na diferença *(rindo todos)* e fazia essa luta toda e ninguém... Já era diferente da luta.

M- O senhor lutou isso?

H/D - Ele nunca praticou não. Sempre, quase todas as atividades terminavam no “filho querido”, então tinha o dono daquele jogo, né. As vezes o pessoal combinava: “vamos combinar de ir lá para fazer com que ele nos mande praticar”, mas tinha que ser diante uma decisão de uma família, de um filho de uma família, de um “filho querido” e, no nome dele, o pessoal pratica. Antigamente os K tinha suas casas em ruas, né. Uma casa tinha aquela rua não como hoje distribuída uma distante da outra. Mas, antes a aldeia ficava numa fila, aquelas casa, onde aquele esporte era começado, dali até ao término daquela rua e levando tudo que tivesse na frente, batendo aquela bola né. Mas, ele sempre diz: “sempre é feito mediante uma decisão”. Ou mediante uma palavra de um filho e terminava na responsabilidade de um outro, porque na próxima vez pratique isso.

M - Quer dizer que não tinha campo, não tinha nada, você está falando que esse jogo era assim, onde a bola entrava ia indo?

H/D - *(rindo)* Ele está dizendo que antigamente os K tinham terreiros enormes né, até mesmo preparados para dança e essa coisas, e cada família era obrigado a ter a “casa cachorro”.

M - O que é isso?

H/D - A “casa cachorro” era para, no caso acontecia uma festa e de repente viesse uma chuva essa casa servia para abrigar todos os participantes da festa, eles corriam para aquela “casa cachorro” *(o cachorro é muito considerado entre os K, faz*

parte de mitos). E aquela casa servia simplesmente para acolher essas pessoas durante festas ou qualquer outra atividade. Sem as festas aquela casa ficava sendo zelada e limpa pra espera esse tipo de usos, né.

.M - Essa casa era um galpão grande, ou era uma casa?

H/D - Ele está dizendo que é conforme a família, né. Ele está dizendo que ele não tem mais a “casa cachorro”, mas se ele tivesse talvez seria pequena, porque ele é o único e também se tivesse junto com os netos talvez seria enorme. Perguntei se durante as ausências das festas, ele estivesse usando, ele diz que não tem conhecimento se pode usar, mas que essa casa era feita para abrigar as pessoas durante as festas, no caso de acontecer uma chuva, sol quente, assim, as crianças pequenas.

.M - Tinha um lugar especial para acontecer as lutas?

H/D - Ele está dizendo que não existia um lugar definitivo para praticar as lutas porque era praticadas inesperadas, durante uma festa e as festas, as danças e outras festas eram praticadas naquele terreiro e esse terreiro era enorme mesmo. Ele usa a expressão de “nossa cidade”, quando ele fala das aldeias antigas, porque formavam uma rua enorme e já pensando nessas festas onde poderiam dançar o bate-pau, com aquelas filas enorme de pessoas dançando, caberia todo mundo.

M - Todo mundo poderia dançar o bate-pau, homem, mulher, criança, todo mundo podia dançar o bate-pau? Na dança do bate-pau a mulher não participava é só na dança do milho que a mulher entrava, porque o bate-pau é só para os homens? E a dança do milho, como é?

H/D - A dança do milho era praticada durante a noite e durante o dia também e com a participação das mulheres. Já a dança do bate-pau era praticada só durante o dia, e pelos homens não pelas mulheres. E as músicas, existia uma música típica do bate-pau e também, da dança do milho já eram diferentes daquela que era tocadas para o bate-pau.

M - A dança do milho ainda é dançada hoje?

FITA 2, LADO A

M – Mas eu gostaria de saber do Hilário, ele que mexe com esporte, que diferença você faz entre o esporte hoje, trazido pela cidade, por outra cultura e essas brincadeiras da festa da moça, o jogo do navio, a festa do navio, você vê alguma diferença?

H – Eu acho que há uma diferença a muito grande. No futebol já existe aquele desejo de ser campeão, de ser o melhor, onde acontece a rivalidade. Dentro do ‘esporte’, das ‘brincadeiras’ do Kadiwéu, no passado, não acontecia isso, até mesmo por trás disso existia a luta, porque quando houvesse alguém que estivesse com raiva de alguém, eles entravam nessas lutas e com isso terminavam, né, e também aquela prática de ‘esporte’ era mesmo pra durante as festas serem praticadas. Já o “esporte” poderia ser praticados nos treinos, campeonatos, torneios e outras coisas assim. Já nos K era só quando acontecia as ‘festas’ que poderiam ser praticada, quando não tinha as festas então ficava sem a prática dos “esportes”.

.M - Vocês tem hoje, o Sr. Domingos tem algum brinquedo dessa época? O que ele tem, esse bastão, essa bola, a peteca?

H - Ele não tem não.

M - E um brinquedo que as crianças fazem linha, cruza na mão, faz bichos, que brinquedo é esse?

H - Ele está dizendo que essa brincadeira, essa atividade de uso de linhas para fazer desenhos geométricos até, ele diz que não tem épocas e também qualquer pessoa pode brincar isso, mulheres, homens, pode praticar isso, (todas riram). Ele está dizendo que muitas coisas mudam, né. No tempo passado, até ele lembra que os 85.K eram bem sistemáticos em termos de compromissos matrimoniais também. Um filho era determinado a casar com fulano e era aquela mesma, não tinha separação, se aquele jovem casou com uma mais velha, ainda que ela fique bem velha e ele numa idade ainda... Ele tinha que ficar com ela até o final da vida de um deles, né.

E depois ele lembrou que essa parte da brincadeira com as linhas se tornou “romântica”, numa certa época, porque casais de namorados achavam como oportunidades para se aproximar, já que os K eram sistemáticos de moças não se aproximarem de rapazes. Então, com isso eles faziam vários desenhos, dizendo pra fulana: “fulana você segura um pouquinho aqui pra mim, que eu faço isso, fulana você chega pra mim...” e assim aquela aproximação de mãos, olhares, parece que começou a se romantizar essa prática. Ele disse que formava vários desenhos, formava os desenhos dos “lambaris”, “ninho do tuiuiú” e também eles colocavam como outro desenho, o “ninho do tuiuiú coloca o ninho em cima de uma árvore” e aquele desenho saia, né, geometricamente nas linhas entrecaliadas ali. Eles formavam um outro, o “morro do limoeiro”, eles faziam esse desenho também. Maioria desses desenhos eram feitos pelas mãos, pelos dedos da mão, a linha entre os dedos das mãos, mas existe também um único que é usado o dedão do pé. Eles faziam um tipo de desenho que era uma “pessoa” que quando soltava na mão, a pessoa dava a entender que a “pessoa virava cambalhota”. Era o único desenho que usavam era esse desenho de cambalhotas.

M - Com quem o K aprendeu a fazer isso? Que linha era essa?

H/D - Era desse caraguatá, também. Ele está dizendo que o criador desse foi um pajé. Um pajé que trouxe essas atividades de linhas e entrecalamento nos dedos, que ele viu, cada doença com um tipo de desenho. A disenteria, o conjuntivite ou dor de olho, que ele vendo, entraçalhando as linhas ali, de repente ele via uma criança oibrando, magrinha, com aquele desidrataçã, né. E ele viu: “Ah, isso é disenteria” e ele começou a entraçalhar as linhas e cada tipo de desenho: “Ah, eu estou vendo uma pessoa que não está vendo, está assim, que era a conjuntivite, né. E ele, naquela pajelança dele, ele foi e as pessoas foram vendo como ele fazia os dedos, né e com isso surgiu. E ele viu que tantas pessoas faziam isso e algumas vezes até falhavam, tinha um “escape das linhas” entre os dedos e isso era perigoso, no entender do pajé. Então, toda vez que a pessoa brincava com a linha, tinha outra pessoa que dizia: “fulano de tal, cuidado com isso, você pode ficar enfermo, você pode errar numa linha alguma coisa, se tiver uma falha sua ali, você pode ficar enfermo”. Então o criador

disso aí foi um pajé que nos seus poderes começou a entraçar as linhas entre os dedos e outros foram vendo e começaram a praticar isso.

M - Seu Domingos praticou isso, ele pratica?

H/D- Ele falou que um tempo ele praticava muito, ele sabia muito, e depois que ele parou de praticar bastante tempo, ele alega que não sabe mais de lembrar assim como fazia com as linhas nos dedos. Ele foi uma das pessoas que brincou muito disso, né. Ele até deu risadas, quando lembrou de épocas de romantismo assim, entre as linhas, né. Mas ele foi desse tempo quando praticavam muito essas atividades.

M - Hoje os jovens não fazem isso, assim, namorado, as crianças?

H/G - Ele está dizendo que talvez alguns jovens, que ele tenha algum parente velho que ainda sabe praticar isso mas ele, mas acho que não são todos que sabem e se sabem são as coisas fáceis, mais simples, né, não são aquelas coisas difíceis, que ele até lembra do ‘ninho de tuiuiu’, ou mesmo os que viram cambalhotas que são mais complicadas, né? Então, já não existe mais tanto isso.

M - E o pajé? Tem pajé hoje?

H/D- Ele lembra que o único que praticava isso era esse pajé, né. Que através das linhas ele tinha uma visão das doenças. Uma coisa que ele não teve visão é de uma doença, não sei bem definir se é “lepra” ou se é alguma coisa mais parecida com “catapora”, né. Mas eu sei que esse pajé não teve essa visão dessa doença e matou ele. Essa doença pegou ele. Através das linhas ele não teve essa visão dessa doença, pegou ele e ele morreu com essa doença. *(ambas são doenças da cultura urbana).*

M - E hoje em dia tem algum pajé aqui, alguém que trabalha com ervas, que cura doenças?

H/D - Ele está dizendo que como aqueles pajés no passado não deve haver. Ele até mesmo diz que não tem muito conhecimento de dizer que pode existir isso, né. Ele até acha que não sabe que tipos de ervas que pode usar para curar as pessoas. O irmão dele mexe com essas coisas, ele nem sabe que tipo de coisa pode ser usado por ele. Outro senhor que é o Lourenço que deve trabalhar também, ele nem sabe que tipo de coisas que ele pode usar, mas a pajelança no passado ele viu que realmente era uma pajelança bem diferenciada, até no sistema de trabalhos de hoje.

M - É, muito interessante. Eu preciso ouvir de novo para saber o que é que não entendi e aí eu acho que vou perguntar da outra vez, para ele. Hilário, como fica, assim, se eu for embora, porque hoje teria uma festa não é, de 2 de junho? Mas vocês estão de luto, não é?

H/D - É por causa de luto, acho que depois do velório acho que depois vai ter, lá pela sexta, talvez, né.

M - E essa festa de 2 de junho tem o quê nela, que brincadeira?

D/ H- Tem bate- pau, tem bobo. Ele está dizendo que só há uma parte que faz parte da cultura que é uma coisa importante: “nunca se deve ter uma festa quando pessoas estão de luto”. Então ele foi lá, ele e uma outra senhora foram lá, colocaram pintura nas pessoas, o batom, o símbolo de que a pessoa já está fora do tempo de luto, né. Levaram batom e outras coisas assim para deixar a pessoa em condições de participar, se ela quiser ou, deixar fora de luto para que possa acontecer essa festa *(as festas K tem também um sentido de liberar das fase de luto e a pessoa voltar a participar).*

M - Hilário, e sobre a carreira, a corrida de cavalo? Ele entende, como vocês tem hoje, como é a regra dessas carreras hoje?

H/D - Ele está explicando que há diferenças. No passado e do que é praticado hoje. No passado não existia disputas assim para disputar quem chegue primeiro num certo limite. Mas deveria até haver uma certa disputa entre caçadores, quem fosse pegar primeiro um cervo, ou mesmo um veado branco, quem fosse laçar, né. Eu perguntei para ele que tipo de instrumento que usavam, que laço que eles usavam e no passado tinha um laço que usavam que era encaixado tábua entre cordas que eles jogavam no animal e aquelas tábuas começavam a envolver o animal entre o chifre, os pés, aonde eles conseguiam essa caça. Não é como hoje é praticado o lançamento, o jogar de um laço por um campeiro, né que joga e procura o chifre ou o pescoço de um animal. Esse instrumento usado era jogado e prendia mesmo o animal, quase tipo uma

teia de aranha” envolvendo um inseto, então existia esse tipo de instrumento. Mas, hoje é praticada a carreira que a gente sabe é tantos metros é tanto isso, que ele acha que antigamente não deveria existir, mas que hoje é praticado.

M - Quantos metros tem a carreira?

H/ D- Então fica nesse limite de 100, 150, acho que no mínimo é 150, né que pode ser disputado e até 350 conforme o animal, né, que as pessoas deve treinar seu animal. Isso na prática de hoje, né?

M - Que cavalo?

H/D - Ele diz que hoje nas carreiras ele usam aquele animal que tem uma velocidade maior entre os outros animais, então eles separam aquele pra usar nessa disputas de carreira. Mas, no passado o K não escolhiam animal, era todos que era usado para alcançar a caça, né. Então ele está dizendo que no tempo passado os K era cavaleiro porque eles praticavam mesmo, de várias formas essas corridas de cavalo.

M - É...que bom que é conversar com o senhor. *(rimos)*

D - Cansou, já? Quase 11 hora. *(ele devolveu uma preocupação que eu manifestei por ele. Estava sendo adorável conversarmos. Lembrei-me de Levy-Strauss quando falou da sonoridade da língua K: “como água batendo nos pedregulhos”, que eu nunca tinha notado. O ambiente, as araras azuis que passaram, galinhas e outros pássaros registrados na fita me reportam a esse momentos. Tem muita tristeza também. Continuamos a conversar).*

M - Hilário, você disse que vocês tem uma organização, hoje em dia, tem uma liderança para jogos?

H- Foi criado. Uma iniciativa que até mesmo por causa do desafio do pessoal lá de cima de criarem aquelas Olimpíadas Indígenas, né. E aqui estava havendo muita desorganização. Pessoas iam para lá, pessoas que talvez não estavam

qualificadas para disputar, então... porque exige muito treino, né. Lançamento de lança nós fomos mal várias vezes lá porque não tinha ninguém que tivesse treinado. E deve haver muita disciplina né?

M - Vocês estão treinando lança, hoje em dia?

H - É o pensamento do Martinho que é o diretor geral dos esportes, ele pensa de treinar, se tiver notificação que haverá as olimpíadas, então ele treina durante três meses ou o tempo que tiver para treinar. É mais para uma organização disciplinar, sabe professora, assim, em termos, que ultimamente parece que tá chegando muitos esportes. Então, com isso deve haver uma certa organização: um dia futebol, outro dia se for praticar o vôlei.

M - O Martinho está trazendo, vocês estão trazendo só esses esportes conhecidos? E esportes como o cavalo, não está trazendo?

H - Esse tipo de esporte não. Um dos problemas que acontece aqui hoje em dia que a gente tem visto acompanhando toda essa atividade “é que estamos querendo ser imediatistas”, né professora. Às vezes chega uma notificação, o pessoal deixa de treinar, deixa de praticar, quando falta um dia aí que quer ensaiar, quer fazer na hora, mesmo as coreografias, né, isso é uma coisa que deve treinar muito o animal. Nós fomos em Campo Grande e fomos maus porque os animais era de lá mesmo né. Tivemos pessoas que tinham condições de montar os animais, mas esses animais eram de lá.

M - Não conhecia vocês, né. É importante conhecer o animal?

H - É importante, porque você sabe a rapidez do animal, a lentidão do animal que é importante, né, se ele é manso ou se não. Porque certos animais aceita certos gestos da pessoa que monta e também se ele aceita ficar de pelo, né. E cavalo que esteja em boas condições. Então tudo isso eu acho que nessa nova organização que temos pode visa essas coisas. Agora de rebuscar essas coisas passadas eu não tenho conhecimento ainda.

M - É, porque essa organização de vocês podia pegar esses jogos do passado, porque todo jogo muda, né. O Sr. Domingos tem saudade e quer que às vezes fique igual, mas nada fica muito igual, né. Lembrar como faz a peteca.

H - É essa alegria toda que ele vê. Ele lembra sempre desse, ele chama de “esporte sem respeito”, né. É porque todo mundo dá risada vendo a desgraça daquele que eles fazem, e ele sempre lembra, deve ser engraçado para vocês, porque ele vê a empolgação dos atletas ali no campo, ele sempre lembra. Esse jogo da peteca também, até no tempo, nos anos 70, eu acho que teve essa prática, dali para cá acho que não teve não.

M - As coisas, a cultura ela tem uma dinamicidade, né. Ela dá uma mudadinha, assim, um pouquinho, aí pega o que o Sr. Domingos sabe, né.

H - E essa questão que o seu Domingos colocou professora, é a gente pensa que não. A gente pensa que não muda. Ele até alegou uma coisa que é uma das coisas que é interessante que o K pode se orgulhar: “que todos falam o idioma”. Ele fala que uma da parte da cultura que fica, que ainda marca muito o K é a língua. Que muitas coisa já deixaram, já perderam, mas a língua ainda é domínio de todos.

M - Então, vamos ver se o lazer, as brincadeiras também, se dá uma...

H - É bom a gente aproveitar, se temos. Mesmo esses instrumentos, né professora, e o tempo as vezes não espera. Seu Domingos foi um dos, não sei como a gente usa essa expressão para ele, mas ele é uma das pessoas bem criativas em trabalhar aqueles brincos que tem no livro do Jaime. A senhora tem conhecimento daquilo lá?

M - É brinco de prata? Ainda ele trabalha?

H - Ele não trabalha mais, já cobre ele uma vez, para tentar me mostrar como que faz. Ele precisa de óculos, precisa de material apropriado para isso, serra, lima, martelo. E a prata também muda, me parece que também usa o material né professora. Aquela moedas no passado ainda eram fáceis de se trabalhar e se material que tem hoje já é um material....

M - Já não é mais de prata. Essas que a gente tem no bolso né?

H - Ai se torna mais difícil ele quebra mais, isso dificulta também.

M - Então seu Domingos vê se dá prá lembrar, para as crianças, fazer alguma coisa do brinquedo e aí a gente vai conversando essa coisa, vocês retomarem os jogos porque os jogos também são um traço da cultura, né? Também é um traço, as brincadeiras.

H - Tem até pessoas que hoje eles querem ensaiar. O José Marcelino mesmo tentaram cobrar ele dessas pessoas que viram cambalhota, fazendo o desenho. Mas ele achou talvez não, porque é muito difícil e as pessoas poderiam não acertar.

M - E aí não acertando poderia pegar doença.

H - Mas é, acho que mais é superstição, o K ou quase todas outras tribos é muito supersticiosa, né. Existe muito isso, né, na visão de um pajé eles acreditam que isso pode acontecer. *(o Hilário é evangélico e trabalha com pastores lingüistas alemães, na tradução da bíblia)*

M - Mas está certo, né, cada povo tem seu jeito de ver as coisas. Esse jogo mesmo com o bastão, de repente, fazer um campo aberto ver como seu Domingos fica sentadinho falando para a meninada, como é esse bastão com essa cesta. Tudo isso é importante ir lembrando, né. Bom, então vamos parar, porque já vi que não paro de falar como o senhor seu Domingos. *(rimos)*.

FITA 2, LADO B

H - Os próprios esportes prepara para o dia-dia do indígena K., porque ele (Domingos) fala que essa prática de nadar, ter um fôlego bom para resistir uns bons minutos debaixo da água é um tipo de esporte que depois se torna uma coisa necessária para a vida. Existe uma batata que ela se cria dentro da água, então sobressai um cordão assim, então lá na flor da água tem aquelas folha, você vendo aquelas folhas, você sabe que lá debaixo tem aquela batata que é bom.

M - É de comer?

H – É de comer. Então a pessoa mergulha e ela vai acompanhando aquela linha, ela acompanha aquela linha ela chega ali, ela vai ter que fazer todo processo. Ela não tendo fôlego suficiente ela volta, né. Mas aqueles que são bons, né, que geralmente a questão fica em volta do bom. Você tem que mostrar que você é o bom, vai lá e busca e trás, né. *(rimos)*

M- Traz e cozinha a batata?

H- Ele está dizendo que é isso. Eles treinam, ficam um tempo na água para quando precisar.

M – Aqui vocês treinam, tem lugar de água para vocês fazerem isso?

H - Aqui não, infelizmente não, só temos esses córregos.

D –*(falou em português)* Aqui não, aqui não tem água, só lagoinha, só tem no Pantanal.

H – Hoje acho que tem pessoas que mal sabe entrar na água, né professora? Só tem esses córregos rasos, às vezes chuveiro e outras coisas assim *(o que seria chuveiro? Cachoeira?)*, mas nadar assim...mas o pessoal da Tomázia sim, *(outra aldeia K na região de Bonito)*, eles praticam muito esses nado, lá tem baías, tem rios, eles sempre estão em volta de água.

D- *(Em português)*. Aqui não tem baía.

M- Agora aqui o cavalo, todo mundo anda, criança, adulto, mulher, anda no mato também com o cavalo, nas trilha? E as mulheres ainda fazem aquelas manta para cobrir o cavalo?

H- Tem algumas que fazem. Tá difícil é conseguir lã de carneiro.

M- Vocês não estão criando carneiro?

H- Alguns estão começando a criar, mas não são muitos não. *(riram, lembrando do churrasco do carneiro que teve ai, porque não é sempre que tem isso não)*.

M- É eu estou estudando agora, trabalhei aqui na comunidade por uns três quatro anos com a educação, com as professoras. Agora eu saí da Secretaria e estou estudando na UNICAMP, e resolvi estudar os jogos. *(H- explicou na língua que eu estava em São Paulo/ Campinas)*.

À tarde:

H - E ele está dizendo que ele sabe quem é responsável pela pintura da urucum, aquela tinta branca e quem vai entregar os utensílios daquela moça que esta festando, que tem famílias. E em certas atividades da festa o capitão não faz parte, né. Aquela pessoa que senta no couro, as pessoas sentam para receber a bebida, mas o capitão nunca foi nomeado para isso, porque, porque ele é o capitão. Existe um grupo que foi determinado para substituir o capitão. Tem aquele grupo que substitui, que são os verdadeiros K. e esses verdadeiros Kadiwéu- capitão, que não se misturaram com raça nenhuma, esses são isentos dessa participação de festa, da bebida. Mas aqueles que já são servos, aqueles ficam para substituir aquele que... o seu dono, no caso.

M- E os guerreiros?

H/D – Eles bebiam, mas não junto com aqueles classe-baixa, vamos dizer assim, ele usando essa expressão, mas eles tinha aquela cúpula dos guerreiros, e o grupo na hora da bebida só deles, não se misturavam com aqueles servos, com aqueles que não fazem parte de guerreiros, né. *(falaram em K com as mulheres presentes e voltaram com esse assunto)*: acho que era mais um treino para dar resistência e treino para os cavalos, correrem em grupo assim, né, no caso do animal acostumar com corrida em penca, né. Esse tipo de esporte que eles faziam ao mesmo tempo era para acostumar os animais para esse tipo de caminhada em penca, em tantos animais que vão.

M – Tinha um jogo com uma varinha, assim, com um anel, que o moço tinha que enfiar a lança no anel. O cavaleiro corria...

H/D- Ele sabe sim que existe isso. Ele falou que existe é tipo de treinar para acertar o alvo. É um esporte para acertar o alvo, então não errar, mas, ele está dizendo que tem pessoas que erram na hora de lançar, alguns erram, mas vai passando.

M- Eram os guerreiros que faziam esse jogo?

H-D – É, só os guerreiros. Ele está dizendo que é uma atividade difícil, mas, que deve ser praticada por eles na posição de guerreiro. Eu estou tentando fazer perguntas sempre assim, dizendo para ele, que tipo de movimento, que tipo de exercício que faziam com o cavalo para usar para uma brincadeira, para um esporte. Ele sempre fala que eles treinam isso ai, mas a senhora lembrou disso e ele lembra.

M - Ele viveu isso ou contaram para ele?

H/D- Isso já foi contado apenas para ele.

M - É muito antigo, né? E o pessoal novo, juventude, sabe desse jogo do cavalo, de pegar anel, essas coisas?

H/D – Eles não sabem não. Eles não sabem.

M- É ele então que está sabendo disso. Nós temos que registrar isso, hem?.

H- Seria bom registrar num livro, né professora, e começar a entregar para essa direção dos esportes, né?

M – Pois é, vamos ver se essa coleta ajuda eles, se dá uma organizada. Por exemplo, jogos de bola, é só essa bola, que ele não sabe do que era feita?

H/D – Era da mesma linha de caraguatá. Eles faziam tipo um novelo e eles faziam bem apertado para que aquilo pegasse um peso e era duro, resistente, né.

M - Diz que punha na água antes de jogar.

H-D- Era por isso que pega peso. Eles faziam tipo aqueles taco para tênis, só que um pouco maior, faziam tipo uma concha assim para encaixar.

M - Que madeira que eles usavam?

H/D – Acho que é vinhático, que é mais fácil de descascar.

M - E tem vinhático hoje? Fazia no canivete, no facão?

H/D- Tem. Acho que era algum facão.

Ele acha que fazer uma coisa idêntica, porque ele já teve informações, que era assim, assim, assim, mas ele falou que talvez podemos fazer mais não dizendo que seja como era antes. Mas ele acha que talvez poderia inventar, pelo tipo de ...

M – Quem ensinou a jogar, quem trouxe esse jogo?

H/ D - Ele diz que não sabe quem inventou, mas talvez alguém que quis uma recreação entre assim, ele deve ter inventado isso. Porque é quase igual beisebol, só que é arremessado e esse não para onde vai é ali mesmo, né.

M - Vai buscando, vai buscando... Porque o beisebol já é federado, ele tem regras internacionais, vocês estavam com a coisa pura, né. Os esportes atuais, a raiz deles está nesses jogos. O que vocês podem é criar regras para ele.

H - É mesmo. Porque eu gosto de perguntar tanto para minha vó tanto para ele. Porque é um tipo de 'atletismo' isso que ele está dizendo e tudo isso envolve essa "festa dessa menina moça", então dela surge várias, esse eu caracterizo bem com o atletismo. Ele está dizendo que tem um homem que canta e ele tem um bumbo, um bumbinho assim, que hoje em dia não existe mais, professora. Ele é feito com couro de cutia. E ele diz que tem um barulho super lindo, arritmado com aquela música. Assim ele vai cantando e batendo. O som vai... porque a moça fica presa até que vai lá e faz um tipo de exercício com ela. Nessas altura o pessoal já carpiram, fizeram um limpão assim para que a saída dos atleta, não sei se poderia usar atleta. Ai eles cortam lenha, um montão de lenha assim, né, ai faz aquele fogaréu e fica todo mundo ali, esperando, né, aguardando aquele outro dia. Antes do nascer do sol os guerreiros gritam: "chegou a hora"! Ai os guerreiros na frente e os outros, quem quiser entrar nessa...

M - Mulher, criança, todo mundo?

H/D – Não, mulher não. Só homens, talvez rapazes que acham que vão resistir, porque é uma distância boa. Ai eles vão e saem de manhã cedo, antes do nascer do sol , saem dão uma volta de mais ou menos daqui a uns 20 km e voltam, ai quando vai chegando, porque geralmente tem aquele primeiro, né, ai quando o primeiro chega a mãe ou a irmã encontra ele e diz: "...ó filho", é assim, geralmente. Tem que ter alguém para encontrar com ele, senão tiver ninguém ele vai dando voltas no terreiro até que alguém chegue: "...ó sente aqui fulano". (*seu Domingos ria muito*)

M – Porque está rindo seu Domingos, o senhor lembra disso?

H/D- " Me lembro do jeito que corre".

Por isso que ele fala que o terreiro era grande, né, então o pessoal recebe a mãe, a irmã.

M- Esse terreiro eles não chamavam de "sítio de jogo", "praça do toldo"?

H/D – Não, eles usam "cidade", "nossa cidade", por causa da rua, uma rua enorme, né. Então eles usam como "nossa cidade". E ali é feita todas atividade, é dança, é...

M – Ele lembra Hilário, de quando os guerreiro fazia escoriação de pele depois que corriam, com dente de jaguar, com dente de onça?

H/D- Ainda bem que não existe mais, né professora! (*H- rindo*) Ele está dizendo que era usado, não sabe se é dente de lobo ou outra coisa de um animal feroz, né, mas, o melhor guerreiro que sobressaía entre todos é que ele dava esses furões nos outros.

M- Ah, nos outros, não nele mesmo!

H- Nos outros, não nele, ele dava essas fincadas nos músculos, né, para evitar dores de corpo, cãibra, ou essas coisas assim, né, os males do corpo, né, dos músculos. Ele faz isso para evitar essas coisas né.

M- Ele viveu alguma coisa disso, foi furado?

H/D- Ele está dizendo que a maioria das coisas que ele fala é comentado, ele não viveu mais isso, não experimentou. Essa arco e flecha é um esporte, né.

M- Vocês tem arco e flecha?

H- Ele tinha comentado antes, agora vou cobrar ele.

(*seu Domingos fez um desenho na terra, explicando como treinavam arco e flecha*).

M- Ele está explicando como que fosse...

H/D – É o alvo deles, como eles treinavam acertar o inimigo, né. Ele está explicando que esse desenho ficava com os atletas. É um desenho que ficava com os atletas, agora o alvo que era para acertar lá era uma bananeira. E quem acertava na bananeira, ficava nessa linha reta, marcava linha reta, mas, quem errava ficava nessa linha em tracejado/zig-zag que era a "sucuri". Quem acertava de novo a bananeira ficava na "linha reta" que era uma linha legal, né. E quem errasse de novo ficava na sucuri, onde a sucuri come ele, ele fica fora da competição. Ele falou que a maioria não acertavam essa linha reta, porque o alvo é difícil de acertar, muitos ficam nessa linha que representa a sucuri.

M- Muito interessante. (*filmei o rosto e o desenho, esqueci de colocar a fita*).

H- Ele diz que não tem conhecimento a não ser treinar, carregando coisas na mão, né para atravessar. Ele esta dizendo que eu, por exemplo, se fosse atravessar alguma coisa acho que eu não daria conta de levar alguma coisa., porque às vezes levam coisas pesadas, arreoio.

M- E a correnteza rio é forte, e fundo também.

H - Fundo, então eles levam arreoio, coisas que eles acham que não deve molhar, mesmo armamento, essas coisas assim.

M- Eles tinham algum jogo que usavam o animal, sem ser o cavalo, ou ave, pássaro?

H/D – Acho que era só animal cavalari.

Às vezes eles tinham falta de números, né para contar; por exemplo, para ver, calcular, quantos minutos, eu até já uso minuto, né, eu uso minuto, por exemplo, querendo mergulhar, falo: vamos ver quantos minutos, quem fica mais, né, já pensa no tempo, no relógio. Mas, eles não tinham essa história de número, nem relógio, então com isso uma pessoa ficava assim, repetidamente: "lauidi, lauidi,.." ele ficava assim e o pessoal mergulhando.

M –“Laudi”, o que é essa palavra?

H/D- Não tem nada, não tem sentido nenhum.

M- É como se ficasse “ lá, lá, lá,...”, alguma coisa assim?

H/D – Isso, alguma coisa assim. Aí a pessoa ficava, eles saíam, teriam que pegar uma areia lá debaixo da terra, a brincadeira chamava-se: “indo para a roça”. A pessoa mergulhava, ia lá e quando voltava trazia um pouco de areia e falava: “Ah, nossa lavoura já está assim, olha só como que está”!

Já tinha outra atividade que ele mergulhavam aqui para sair lá, talvez naquela aves (apontou para umas aves pousada numa árvore mais ou menos as unsmetros de onde estávamos) e tinha alguém que chegava, mas tinha outros ia até aqui (apontando bem próximo). É por isso que ele diz que todos os dia treinavam esse tipo de atividade, para quando precisar lutar na água e tiver que se esconder do inimigo e fugir para longe, assim mergulhando, eles tinham resistência suficiente, né.

M- Esse jogo também os guerreiros que faziam para ...

H/D- Acho que era para todas as idades, assim, dos homens porque preparava para o futuro, né.

M- Quer dizer que era uma maneira de esconder do inimigo?

H/D- É para dar resistência sim, o fôlego debaixo da água. Ele está dizendo que o K tinha um tipo de sistema nas refeições, mas ele era bem mais resistente do que hoje temos, né. Ele diz que existia uma certa razão quase para as pessoas, mas que eles tinham resistência.

M - Que comida era?

H/D – O que eles tiverem assim da caça, da pesca e dos frutos silvestres. Eles faziam farinha de coqueiro, um tipo de coqueiro, não é qualquer um.

M- E aí o guerreiro ficava, quer dizer, os homens ficavam sempre bem alimentados?

Na mesma fita continua a conversa com o seu Martinho (liderança responsável pelo esportes) 02/06/98.

M - Vamos conversar com o seu Martinho, liderança responsável pelo esporte interno e externo, fora e dentro da aldeia?

Mt- Sim, tanto faz. Todos os eventos que for envolvente a nossa comunidade aqui são... a gente assumiu uma direção da vontade da maioria, né. Então eu espero, viu Marina, que eu não tenho já bastante como certo, eu esperava que mais tarde eu posso conseguir melhores orientações, né, para o esporte e para mesmo o incentivo de meus jovens K, que eu preciso muito. Não somente, praticamente o esporte, em todas as representações da comunidade eu sou responsável por tudo. Então de mesma forma as organizações de festas, as organizações de apresentações de um outro tipo de esporte o qual envolve nós, danças culturais e manter o incentivo para os jovens, como é as condução do K uns anos atrás, né, para que eu possa buscar alguma coisa para poder não acabar essa cultura do índio K, né?

M- E esporte, no que ajuda nisso?

Mt- O esporte, em primeiro de tudo é o futebol e temos 3 clubes de esportes. Aliás, 3 times que possa assim...representar. O qual eu disse a você, em mim nada eu posso buscar, eu tenho que também respeitar ao meu povo. Saber deles também que eu levo e busco, entanto eu aceito a posição de todos. Eu sozinho também não sou ditador do que deve ser. Eu faço aquelas vontade que o povo, de acordo que eu acho que merece para a comunidade, eu empenho muito em cima disso para incentivar os garoto.

E de mesma forma, viu Marina, eu gostaria que não você, mas que tu levasse a outros órgãos, a outras representações que possa interessa para esse trabalho nosso, sabe. Porque, no momento, não gosto muito de ficar implorando, pedindo, que passa, mas de acordo como interesse meu, acho que vocês visa também, eu desejava conseguir algum material para o esporte, mesmo também que não seja somente material. Também, gostaria de buscar com vocês, é um momento que vocês tiverem, de que venha uma pessoa para conversar conosco durante ou seja a “festa de campo de futebol” ou seja na área de representação típica de cavaleiros. Quero ver se no mês de julho eu vou fazer uma viagem na região onde há rios, aqui na nossa Reserva, temos rios e aqui perto da aldeia nós não temos. Então, eu tenho que buscar esses recursos para que eu possa ensinar os garotos a atravessar, nadar, fazer o esporte natações. E aqui eu não tenho, tenho deficiência em cima disso, eu não tenho. As águas que nós tem aqui não são suficiente, eu tenho que buscar isso, então é um custo que eu não sei como conseguir isso para que eu possa manter alimentações durante 10 dias, sei lá o tempo necessário para fazer isso, mas, eu preciso. Então, esse pares que eu desejava, ter uma pessoa para filmar, ter uma pessoa para trocar idéia com nós, não deveria ser mais assim... Embora que também eu não aceitaria que, assim, quando envolve as minhas alas do meu segredo eu não posso também aceitar opiniões, mas certas coisas tecnicamente eu necessito viu, Marina. Gostaria que você...

M- Eu sei, quer dizer que você quer manter o jeito do K. nadar, você só quer se alguém souber alguma coisinha que pode ajudar, mas não mudar o estilo de vocês.

Mt- Não mudar, não mudar o estilo. Também, divulgar o meu trabalho. Isso é muito importante para mim. Então, eu gostaria que você me ajudasse em cima disso, levasse, tem outras pessoas que possa interessar dessa situação, viu.

M- É, eu estou estudante.

Mt- Eu preciso, eu preciso bastante cartões! Eu não tenho como advertir um jogador meu, né!

M - Ah, cartão de futebol?

Mt- Lógico! Para dar uma advertência no meu camarada qualquer. Então, não temos isso, porque nós não podemos ter? Porque , poxa! Nós temos o mesmo direito que vocês tem, porque que eu não posso ter?

M- Claro!

Mt- Não é mesmo, material de que eu posso um árbitro dentro do campo, posso exigir, não temos, apenas um apitozinho que nos temos e os demais materiais necessários nos não temos.

M- Bom, cafezinho da casa. O senhor já fez contato com Brasília, com o INDESP?

Mt – Ainda não, exatamente, para isso você serviria de uma lanterninha para nós.

M- Às vezes alguém para assinar o projeto do senhor, alguém de Educação Física. O INDESP, se o senhor associar pesquisa com esse trabalho, o senhor tem mais chance, porque o INDESP quer coletar o patrimônio nacional e vocês são cultura nacional.

Mt- Mesmo que você não aparece. (parece ser comum pessoas se envolverem com eles e não querer aparecer, talvez por motivos políticos e das facções internas).

M- Mas tudo isso é conversa, por enquanto seu Martinho. Não vai dizer que sou política, vim aqui, subi no banco, prometi e não cumpri.

Mt- Não, Marina, não.

M- Seu Martinho e o papel do esporte, por exemplo, dessas Olimpíadas, para os jovens mesmo. Tem algum sentido a hora que põe os atletas assim, o capitão fala, tem algum discurso, que é que serve?

Mt- Lógico. Porque cada momento, até o momento tenho ficado meio perdido na área, foi em relação de que não tavamos tendo ainda ... Eu comecei, de repente fui convidado, se eu recusasse o convite dos garotos, ao qual eu disse para eles: “eu não tenho pique mais para isso, mas, se for a vontade de vocês, se vocês querem”. Não há outra pessoa que possa...”- primeiro nós demos o nome do senhor que poderia nos ajudar”, não foi meia dúzia, foi maioria. Aí eu cobrei deles nesse sentido. Você sabe que cada que cada compromisso tem um custo e esse custo sabe, não digo custo financeiro, o custo que eu quero é o respeito que vocês vão ter por mim. Vai ter um momento que eu vou ser ruim para vocês para que eu possa, não só o convite de vocês, que eu deva assim...tive de vocês.

Vocês me convidaram e eu aceito para quando eu precisar de vocês representar um trabalho qualquer que nos fizermos, aí eu quero com bastante respeito de que vai ter pessoas, porque hoje são só nós, mas, eu posso convidar pessoas que possa interessar. Não interessar, mas que possa conhecer nosso trabalho então, eu não posso fazer essa intervenção, de repente entra 10 sendo que era 20 e só fica 10. Não, eu quero grupo maioria! Se vocês encaram dessa forma, fala, também eu gostaria que vocês interessasse um pouco, de que vocês, abri para o desejo de vocês. Para que possa confiar que eu to, que não é porque me convidaram que só eu que posso falar, a voz é de vocês, então vocês tem que dizer aquilo que vocês precisa, não seria dessa forma, seria melhor. Eu faço isso, eu gostaria...eu cobrei deles até em relação de trabalho, viu Marina. Comecei ...(apareceu seu Carmelino dos Santos)o qual ouve a conversa entre você e eu, sobre o esporte. Então, esse esporte eu não gostaria que não seja só esporte a nível Aldeia x Bodoquena, gostaria que expandisse um pouco para fora para que possa conhecer.

Quem sabe eu teria um garoto para a seleção Brasileira? Eu sou diferente de alguma coisa? Eu gostaria, eu quero incentivar meu trabalho. Pode ser um atleta de corrida à distância, corrida Olímpica.

Posso, de repente o K para mim é um ilustre. É um ilustre, ... que eu quero chegar nisso, né. De repente eu posso ter um salto altura, um salto distância, eu devo ter, eu tenho esse direito! Só corri á vontade e sem uma ajuda de uma técnica ou de uma boa orientação, acho que vai acabar meu trabalho morrendo por aqui mesmo.

De acordo que, no caso estou conversando com você, buscando opiniões, de outro lado eu não posso citar que esse garoto só presta para jogar bola, o outro poderia representar um pião. Porque eu vou envolver pião de rodeio.

M – Vai envolver?

MT- Vou.

M- Mas, seu Martinho, eu trouxe umas fotografias, acabei deixando na Cleusa (casa da índia que me hospedava), falei com o senhor hoje na viagem, é um esporte que tem com o cavalo, mais ou menos o que os K faziam com o cavalo, hoje tem um esporte que chama Volteio. Ele tem apresentação até em olimpíada. Na UMICAMP tem uma pessoa que treina Volteio, com crianças. E tem também uma competição com os cavalos que tem o tambor, o senhor já viu?

Mt- Salto em altura com o cavalo?

M- Não, são 3 tambores de óleo e tem que correr entre esses tambores, é uma prova, lá em Campinas tem muito.

Mt- Os Kadiwéu tem, aqui nós conhecemos como “prova de rédea”.

M- Os K tem?

Mt- Temos! Eu não posso entrar com qualquer animal que eu posso trompar nesse toco aí, que possa até dar um piá e derrubar ele. Apesar que eu tenho que governar ele, joga para cá, jogar para lá, vem para cá, fazer aquela coisa, uma emboscada bem rápida. Então quase sumiu, deixou de existir.

M – Mas em Campinas tem muito, tem muito haras. E tem aquele jogo com o cavalo, que bate na bola...

Mt- Polo. Você veja, não agora que eu sou um pouco...porque agora eu tenho que buscar alguns “graveto para acender esse fogo”.

Você me fez uma pergunta dentro do ônibus: “como é, os K ainda joga peteca?” Sim! Tai, essa peteca, com o tempo eu quero colorir, quero fazer uma coisa que eu acho que nunca foi feita essa coisa. Quero fazer uma “peteca a cavalo”, porque os K é muito cavaleiro.

M- Olha aí, o senhor já pensou! Eu estava falando com as mulheres quem faz peteca hoje na aldeia? Trouxe uma gravura que está na Cleusa, não mostrei para o senhor no ônibus? Hoje peteca é um esporte, com rede, com quadra marcada. Então, o que eu estudo são jogos tradicionais, isso eu queria falar para o senhor.

E o que o senhor entende por esporte, seu Martinho, o senhor fala esporte, o que é?

Mt- Marina, o que eu, eu não tou muito inteirado em área de esporte, quando você fala de esporte para mim e para qualquer outro patricio meu aqui ele pode falar em futebol, só isso. De outros lados, Marina, eu acredito que o esporte é tão representativo, acho que no Brasil inteiro. Como também eu acho que deve representações natações, né, natação, corrida olímpica, salto distância, salto altura e mesmo para mim Marina, o meu interesse maior para que eu pudesse fazer uma aplicação para o meu povo, para poder eu ter o domínio e segurança para que eu não possa perder a minha cultura. É que nem se deixar de existir algumas que é necessária para nós, algumas que meus garotinhos, novinho, não conheça mais de mim.

Uma festa tão típica que é “festa de moça”, “festas de criança” que tem uma ala de uma familiagem que, vamos supor, eu tenho uma filha, eu sou grande líder, sou forte, então a minha filha de repente tem um menino, então esse menino de repente ele fez a primeira viagem, então essa primeira viagem (parece que ele confundiu com uma festa da primeira vez que vai para a cidade),o povo tem que descobrir. Ai busca várias tipos de ... que envolve a cultura do índio, chama-se “lava os pé do menino”.

M- É uma festa? O que faz nessa festa? Que idade tem que ter o menino?

Mt_ É uma festa, no mínimo quando ele já tá começando a anda (eles tem uma festa para quando essa criança começa a andar, geralmente filho de cacique). Que seria assim, quando a criança tem o álbum, primeiro soluço, primeiro sorriso, então chega a essas consequência. Alguém, a avó da criança tem que fazer, só que não tem nada por escrito, então essa avó tem que saber: “o ano tal meu netinho começou a engatinhar, ele representa tanto isso. É até uma coisa muito, muito importante para mim e está deixando de existir”, né Marina.

M- Quer dizer que andar é importante para os K? Vai ter uma festa porque o guri começa a andar?

Mt- Opa, porque tá seguindo teus caminhos. Então são essas coisas. Eu te procuro, viu Marina, para que você me ajudasse, que levasse para a UNICAMP que possa, eu não gosto muito de pedir, que fique sabendo que eu estou precisando dessas orientações. Que viesse um professor de ‘físico’ uma pessoa que possa me ajudar, a perder tempo comigo, um dia junto com a garotada, fazemos um horário de “criatividade”.

M – O que é “criatividade”, seu Martinho?

Mt- No caso isso, para que eu possa assim, é uma “aula de conselhos”, de “concentrações”, né que eu possa sentar, ouvir pessoa que estiver falando. Porque todo trabalho que eu faço não existe, todo será como deve ser, eu acredito que eu tenho as fase, por isso meu apelo fica para você: “então aquele dia o senhor falou isso, o negócio funciona mais assim”, então isso que eu precisava, de acordo com isso eu ir buscando mais coisas, não somente para mim, porque isso aqui não quero ficar muito tempo, quero passar para outro.

M - Mas seu Martinho o senhor nem esquentou o banco. (risos).

Mt- Mas se eu ficar só com a intenção de que eu devo fazer isso eu, no final meu trabalho não vai ter...quero que se evolui, hoje estou tentando correr atrás de 4 ou 5 tipo de esporte, mas, o próximo que vier a ocupar esse espaço possa apresentar 10, nem pode apresentar mais porque ele tem mais conhecimento, mais preparo do que eu, porque eu estou buscando na raça, eu não tenho.

M- Seu Martinho e fazer uma festa só para recuperar os jogos tradicionais?

Mt. Sim.

M- Seu Martinho as brincadeiras não são a mesma coisa do esporte que o senhor fala? O que o senhor vê diferente?

Mt.- Sim, é diferente. É porque festa tradicionais são super diferente do esporte, porque são poucos, são pouca, tem algumas que ocupa poucos elementos dentro daquele costume, sabe, que não pode ser no máximo 3, 4 pessoas, já no outro lado pode envolver 20, 30 não tem quantia.

M- Qual que não tem quantia?

Mt- Nós chamamos ela de dança de bate-pau, que isso aí é livremente, o guia são pessoas idosas, são adultas, a retaguarda pode ser pequenininho, todo mundo entra.

M- Isso não é esporte?

Mt- Isso não é esporte. É uma cultura. Mas, eu não deixo de não chamar ele de seja esporte, porque é uma coisa que envolve bastante físico, então...

M- O que o senhor chame de “envolver o físico” ?

Mt- É.....o ... vai ter que.. vamos supor: eu começo da 7 hora e vou parar lá por 11 hora. Dentro desse tempo eu tenho vários tipos de coisa que eu tenho que suar, eu tenho que beber água, é o cansaço né. Então, são esse tipo de coisa. E os demais, Marina, não tem como explicar, é só acompanhando, cada espaço é uma forma de representações. Então eu espero que na próxima oportunidade que você pudesse, se conseguida uma filmadora, para preparar os meus indinhos para a caça.

M- O senhor tem que preparar eles para a caça?

Mt- Também eu tenho que preparar.

M - Como assim? O que precisa para caçar?

Mt- Veja bem, hoje em dia, está sendo popular matar o bicho com arma de fogo, mas, não é isso que me atrai, eu gostaria de ter um pouco de participativa de que o Kadiwéu nunca foi preciso de ele matar o bicho com arma de fogo. Sempre ele matava a pau, a flecha, dá os meio de que ele possa defender. Então essa é uma parte que tenho bastante preparativo em cima disso, por não adianta pegar meia dúzia de garoto sendo que uma onça está subindo por cima desse pau, pode até prejudicar um deles.

M- Tem onça por aqui seu Martinho? Que mata boa a mata de vocês, tem caça ainda?

Mt- Temos bastante, graças a Deus, tanto caça quanto pesca, a nossa fauna ai, é bem... nós conserva, não comercializa não, por enquanto não, nem temo desejo de que possa comercializar, temo para o consumo quando tenha tempo. Isso daqui a 40, 50 anos isso vai ser extinto esse tipo de coisa, se o Brasil não tomar providência em cima e quanto à nossa não estamos preocupado com isso, nós vamos conservar. Vamos passar recado a recado para cada um poder continuar com esse tipo de coisa, a segurança da nossa riqueza, da nossa fauna. (paramos)

M- O que a Educação Física está estudando, porque todos os são jogos tradicionais, porque todos os esportes modernos hoje foram jogo de alguma cultura, que brincou daquilo de um jeito e depois virou esporte e então o meu estudo é nisso daí e, nesse sentido, o que eu posso oferecer para o senhor, se e vier em julho, se o senhor quiser sentar para a gente conversar com os jovens, para a gente conversar sobre o jogo da peteca, eu posso trazer umas peteca da cidade. A dona Pedrosa disse que na época do milho vai fazer umas petecas, e outros jogos, uns outros jogos que falei com seu Dominginhos, ele falou de um monte de jogo para mim, e essa parte mais de futebol eu vou ver na UNICAMP, no INDESP. O senhor sabe como é essa coisa de projeto na nossa cultura, faz hoje para vir o dinheiro no ano que vem, a coisa é complicada, para eu trazer uma pessoa de futebol que possa ajudar vocês no treinamento, eu vi o goleiro ele está com dor, ajudar a fazer um alongamento, um bom aquecimento para não se machucar, fazer umas táticas de jogo. Para isso tem que fazer projeto.

Mt- Sim. Perfeitamente. O que eu falei para você Marina é voltado para isso, para que você, não você, outras pessoas que acampa nessa situação porque nós precisa viu, de conhece um trabalho bem aplicado na área de esporte. Por exemplo, eu preparo meus jogadores na área de esportes, eu não estou tão preenchido em área de Educação Física, já o meu filho Leonardo, que ele é um garoto que conhece muito de academia, esporte, ele foi atleta no quartel, participou dos jogos amadores em Campo Grande e mesmo ele tem bastante conhecimento em cima disso e mesmo ele não terminou Taekendo..

M- Artes Marciais? O pessoal daqui está gostando de artes marciais também?

Mt- É eu não tive poderes de ajudar ele, que ele precisava. Consegui uma bolsa de pancada, luvas, mas os outros necessários não foi possível. Até consegui aquela borracha ralada, que usa não sei para que aquecimento, é um peso bastante pesado. Só que de repente ficou só em mim e eu não pude fazer nada por ele. Ele estava com bons alunos aqui com ele, toda a tarde, aqui mesmo no cantinho. Já tinha bastante.

Tem que buscar o físico do índio, por que não adianta botar.... No caso eu, com essa barrigona eu não vou fazer nada, (rimos), então eu tenho que entrar em forma para poder participar de certas coisas da minha área de esporte. Eu sofre bastante, eu sou orientador e técnico e albitro do pessoal. Eu não sou mais aquele que pode estar correndo junto com os garoto, descobrindo as falhas, então eu tenho essa deficiência em cima disso. Eu não estou preparado. Se eu tivessetambém eu desejava, eu tiver um movimento melhor, não tem perigo eu faço tudo.

M - Na idade de vocês já estão precisando fazer um exame antes, do coração.

Mt- Então você vê todas essas coisas. Então eu preparo meus garotos, antes de jogar futebol, quando eles fazem uma pelada, mas amanhã eles estão querendo fazer um jogo, parece que eles foram convidados para jogar contra um time de Bodoquena, então eu tenho que preparar eles. Tem bem uns 15 dias que não tenho preparado eles, embora que vai ser um pouco apertado para mim, mas, eu confio nele. Amanhã eu começo, aquilo que você falou: aquecimento no goleiro, aquecer bem eles para poder vê quem que está em forma para poder jogar, não é porque o cara é bom que tem que entrar no campo, tem que ver se ele tem condições de jogar, preencher o requisito dentro do campo, se o garoto tá bom mas esta desentrosado com os parceiro então não funciona, tem que fazer uma observação amanhã, amanhã é quarta feira. *(infelizmente, nessa madrugada nós não dormimos, houve um incidente de morte envolvendo o filho do seu Martinho, suposto assassino de um representante, morto durante a última noite do velório do outro, no quintal da casa. Diziam que o rapaz, talvez o atleta, fugira para a mata. Tudo foi cancelado e voltei para Campinas, saindo meio apressada, acompanhei o chefe do posta/FUNAI até a delegacia de Bodoquena, mas não me envolvi. Essa delegacia não quis entrar no caso, por ser área federal e fomos para a delegacia de Miranda, no carro da FUNAI. Fiquei na rodoviária. Esse fato desencadeou umas conversas de que queriam que a polícia viesse desarmar todos da Reserva, eles tem armas desde a guerra do Paraguai, já que mortes por vingança tem sido muito comum. Eles estariam saindo de um velório, ver entrevista do seu Domingos que foi na casa da família do morto anterior passar o batom e os rituais para que participassem da festa de 2 de julho, que havia sido transferida para a próxima sexta-feira).*

M – No passado as mulheres K não jogavam, como vocês estão se entendendo com esse passado do K, que os Kadiwéu não podia jogar e agora, as meninas jogando?

Mt- Isso foi, aconteceu uma coisa praticamente extra para nós porque não tinha, tinha alguns outros tipos de esportes para as meninas, mas, para o futebol nunca tivemos. Mas, como hoje em dia está sendo bem conhecido o esporte futebol, também as meninas deveria participar também, eu faço este apelo para que também dêem espaço para elas também. A mesma obrigação dos jovens também, é o mesmo delas também. O futebol feminino tá sendo, o que não tem dois anos que está sendo divulgado no Brasil, porque não posso também estar preparado em cima, sim ,claro, eu vou buscar isso. Eu recaio muito em cima e repartir com a Margarida e a Sandra do Mário que possa, que representa elas.

M – Elas tem uma representação?

Mt- Tem uma representante, sempre as determinações maiores terminando volta a mim, elas buscam uma opinião comigo. Eu vejo dessa forma. Então, Marina, nesse espaço tudo o que você conseguir para mim, Marina eu te devo bastante obrigação para que possa assim encampar, para que possa levar os nossos companheiro que possa interessar na situação dos K. Material de esporte, não digo de primeira, pode ser aquelas coisa que estão encostado. Tenho certeza que tem

pessoa que tem acesso em cima disso, que pode conseguir para nós umas bola que já para o clube, de algum clubezinho que já não serve mais, aqui para nós tem muita serventia.

M- Mas seu Martinho, me fala uma coisa: as pessoas falam, os jovens não estão querendo mais os costumes, quer dizer, o esporte tá servindo para unir os jovens? Que é que o senhor vê no esporte? Isso é importante? Se eu entender, o que está servindo o esporte hoje para o jovem Kadiwéu?

Mt- Porque em cima disso Marina eu estou obrigando, não obrigando, to pedindo para que meu jovem que na verdade, diz: “Ah, eu não quero, não envolve com isso, isso é coisa que para mim não tem valor nenhum, não tem significativo nenhum porque é do tempo dos anos 70, 60, por lá, então eu quero a coisa daqui pra frente. Mas não é bem isso, eu não posso, nessa área de orientações eu tenho que fazer meu patricio descobrir o valor da sua cultura para que ele possa amanhã ou depois aquilo que ele não queria participar em cima disso é uma identidade maior para ele. Porque são coisa que não quero que seja extinta as cultura, os direito ou os etcéteras que são do nosso costume! Eu acho que não deve ser esquecidos. Tem que ter uma pessoa para aprimorar, para ver se não morre esses costumes. Porque, eu sabendo eu não vou aplicar para meus filhos? Meu filho não vai saber o que é, então, eu tenho que fazer para mostrar para ele. É tão bom para ele, andando por aí, estão fazendo desafio para mim: “puxa, e aí chefe, não vamos dar uma corrida?”

M- Eles estão cobrando?

Mt- Tão cobrando. Hoje não, que eu estou chegando, mas amanhã: “uma hora vocês já vem todo mundo no jeito, que a gente vai ver o que vai fazer amanhã. Ah, mas estamos tanto tempo sem...” Porque às vezes eu acordo com eles no clarear do dia e faço eles andar longe, tal.

M - Quantos jovens tem?

Mt- Eu não tenho totalmente assim, porque falha muitos. Isso que eu cobro deles quando assumi, é o seguinte: “vocês tem que me dar o troco, o valor que eu quero de vocês, o troco do convite de vocês”. Eu conto com 5, 6 jovens. Eu quero a maioria para que eu possa ter interesse mais em cima de ajudar vocês, então, veio uma meia dúzia aqui. Se você tivesse tiver que ir embora, era bom você sentir, ou mesmo fotografar, aqui eu faço de tudo, que é tanta “aplicação” que não dá tempo.

M- Em julho, se o senhor deixar eu trago a máquina, a gente vai filmar.

Mt- Tá bom, o.k.

M- Por exemplo, se eu filmo e mostro para alguém da UNICAMP, eles corrigem se o movimento não está machucando e então corrige, mesmo no vídeo, vocês assistem aqui., vocês tem televisão.

Mt- Marina, seira isso, seria mais ou menos o começo dessa forma.

M- Olha, parece política, mas não estou prometendo, é uma idéia.

Mt- De repente vou pedir para você trazer o Pelé para vim aqui conhecer aqui. *(faz gozação comigo)*.

M - Seu Martinho e os guerreiros, cadê os guerreiros? Quem são os guerreiros hoje? Vocês tinham os nobres, os guerreiros e os cativos? Cadê os guerreiro dos K? Se o senhor não souber me responder, por favor pense nisso.

Mt- Em cima desse trabalho que eu estou fazendo, Marina, envolve essa parte exatamente minha luta é essa. Não é só de que eu venha envolver em área de futebol, essas coisinha, esportezinho, também eu tenho que, eu disse para você, eu quero que meus jovens sabe seu valor, sabe a sua identidade, sabe o limite dos seus direito, então são isso, só ...

M- Porque a guerra acabou, mas que guerra que o K enfrenta hoje? Acabou a guerra do Paraguai, não dá demais prá sair aí andando a cavalo.

Mt- Marina, essa é uma coisa que no momento não posso de dar essa respostas. Na próxima, mas acho que no próxima o significado já tenha em mãos. Eu sou um Kadiwéu muito conservado em cima de seus dado, tipo culturais, tem certas coisas que eu não posso, se eu te passo eu posso ser boicotado pelas maior liderança: “- tá, .porque que você falou aquele dia”? “- Mas foi assim, uma curiosidade”. “- Não, você não está preparado para responder isso”!

M - Não, o senhor não me fala nada que não pode.

Mt- Eu, certas coisas deixa eu falar com minha assembléia isso.

M - Eu tenho lido tudo dos K, inclusive se quiser um dia eu fale do que tinha lido nos livros, contar o que escreveram de vocês, aí vocês batem o assunto, não precisa me falar.

O que estou vendo nas escritas do Jaime, por exemplo, mas o guerreiro sumiu, como estou trabalhando com a Educação Física, tem a índole guerreira, acabou a guerra do Paraguai e onde está o guerreiro?

Mt - Tem a “bandeira”, o símbolo é o mesmo não tem como não dizer que não existe. Existe! Eu vou ter que fazer outras curiosidade senão eu me ferro.

Transcrição das fitas – 2ª coleta na Reserva Kadiewéu

Entrevistada: Dona Durila

Tradução: Martina

Jogo – BALEKAGA

Esporte – Futebol – BOLAGA

Brincadeira – festa – NALOGA

Peteca – NIOKOPENA

Dona Durila contando história do passado:

- Meu nome é Durila Bernardino, sou Kadiwéu, meu pai, minha mãe, minha avó, meu avô também eram Kadiwéu. Brinquei muito quando era criança em Forte Coimbra.

Brincavam, uns dançavam com caixa (a caixa era um ritmo tradicional para dançar a dança do bate-pau).

Brincavam com corrida de cavalo. Quem chegava primeiro ganhava.

Brincávamos de Bobo (só homem brincava).

Existiam também mulheres cantando nesta festa. Só usavam xiripá (espécie de saia tradicional feita de uns 3 metros de tecido que envolve a cintura e faz um encaixe com a ponta final como um amarrão que não desata). Que até hoje eu uso este xiripá vem de família. Porque não conhecíamos vestido (roupas). Lá brincavam mulheres com os homens.

(Ficou de pé, posicionou-se para dançar, mas desistiu de fazer porque eu preparava para filmar e ela disse que eu ia ganhar muito dinheiro com isso, já haviam lhe prometido um cobertor em troca de histórias e não lhe deram).

– Não quero mais fazer senão eu caio.

Dona Durila falando sobre peteca: na língua chamava NIOKOPENA. Fazia-se de palha de milho. Então nesta brincadeira brincava homem, mulheres, jovens, crianças. Eu queria te mostrar mas não tenho como faz uma peteca. Mas pode-se fazer com palha de banana. Sim no final ela mostrou como faz uma peteca (*fui – Marina - ao bananal próximo da casa dela, cortei com meu canivete e trouxe folhas de banana secas*). *Teceu uma trança de palha, mas acho que ela se confundiu e acabou fazendo uma trancinha sem nenhum significado.*

Dona Durila mostrando como fica xiripá. Algumas mulheres usavam até no peito. Mas agora quase ninguém usa, só eu que uso. Porque ainda sou dos índios antigos. Sou do tempo da guerra do Paraguai. Alguns ainda faz festa da moça, nesta festa tem luta. Agora já nem faz mais. Os moços gostam de futebol, pinga no jogo tem festa também na.....jogada os pais fazem festa. Mais agora quase todos são crentes em Cristo Jesus. Até mesmo todos os meus filhos são crentes. Quando morre alguém a família troca o nome.

Voltei para a casa onde me hospedava, no caminho encontrei sua neta a cavalo dando de mamar ao filho, foi uma cena bonita, mas não pude filmar.

2º dia/ 7 de Setembro de 98: *encontrei-a voltando na direção da casa do seu Domingos e do campo de futebol. Apoiava-se num cajado. Logo de manha havia cantado para as crianças na festa de 7 de setembro realizada na escola. Alcancei-a no caminho de sua casa e fomos caminhando juntas. Conversava bastante, falava dos crentes e que ela não se convertera, mostrou seus colares que o Jaime havia dado, a Mônica, uma outra pesquisadora. Disse que conversara com o Domingos e sabia quanto eu havia pago para ele e ele a prevenira para não se deixar enganar por mais um pesquisador. Falou novamente do cobertor que algum pesquisador prometera e do frio que sentia. Então falei que desistia de ir em sua casa para conversarmos pois estava com vergonha. Realmente aquela história tinha me chateado e de repente comecei a me achar também uma possível impostora trocando presentes. Daí me lembrei que tinha a minha manta de viagem e lhe ofereci. Quando falei em voltar ela pegou-me pelo braço e disse: - Vamos minha filha não precisa ter vergonha. Vamos na minha casa eu vou conversar com você.*

Fizemos o caminho atravessando uma mata de cerrado, atravessando cerca de arame, descendo barrancos de córrego. Ela pulava a cerca e quando ia ajudá-la não precisava. Pensei na possibilidade de pesquisas com a atividade física na 3ª idade, pois ela caminhava com um cajado por toda a aldeia cheia de subidas nos barrancos dos córregos, atravessando cercas e molhando os pés nas águas, com a sandália havaiana e subindo de novo no barranco escorregadio. Me indicava onde pisar para não molhar as botas. Tudo isso em baixo de um chuvisqueiro incessante. Em sua casa estava sua única filha, a neta e os netinhos. Sentamos sob um parreira de maracujá e ela cantou para mim.

Canto da Dona Durila em homenagem à Marina.

Estou cantando este canto porque fiquei muito contente de ver a senhora chegando na casa do meu neto. Porque jamais esperei chegar uma pessoa estranha em casa (Ecalaixe, mulher civilizada). Porque a senhora é civilizada então resolvi cantar par você. A senhora é civilizada eu sou índia.

Hoje cantei no jogo das crianças. Vi meus netos correndo atrás de uma bola cantei muito. E hoje vi meus netos brincando. Os homens e mulheres dançavam e eu cantava. Quando cheguei lá vi meus netos brincando aí comecei a cantar já que não existia mais a brincadeira indígena. Só existe agora futebol. Este futebol vem do branco e a nossa está sumindo. Antigamente não existia brincadeira de futebol.

Existia uma brincadeira por nome LUNAGA, que era batida na bola mas nada com o pé. (D. Durila imitava esse jogo fazendo do cajado um taco, ficou sentada no banco mas fazia toda uma mímica muito espontânea e com gestos amplos para sua idade, lembre da chueca).

Pois agora em futebol não gosto. Só gostava das brincadeiras dos antigos porque não existia briga.

Os antigos festejavam outro tipo de brincadeira. Batiam na bola quem perdia jogava soco com seu contrário ou parceiro. Agora está mudando cada vez mais. Agora está sumindo nossas brincadeiras já tem pessoas crentes. (*Sua neta que traduzia corrigiu-a dizendo que os crentes não proibiam não. Mas em conversa com os professores corre a notícia de que a religião que está não outra aldeia S.João e Tomázia faz as meninas usarem uma saia comprida branca e não permitem brincar na escola*).

Mas os crente não proíbe fazer tais festas mas as pessoas idosas estão acabando. Minha filha também canta mais ainda quero ensiná-la ainda mais. Antigamente eu dançava muito na festa da moça, cantava muito. A moça pintava o rosto.

Falando da sangria (WALETEGA).

Era uma corrida de homem. Quando eles ficavam cansados eles tiravam os sangue (sangria). Tirava o sangue cansado. Todos participavam dessa corrida. O sangue era importante. Tirava o sangue para tirar o sangue para que os homens ficasse mais forte para correr.

Agora não existe mais o guerreiro. Porque não existem mais a quem ensinar. Está mudando. Agora as pessoas já freqüenta uma escola, já sabe falar português.

Brincadeira da mandioca (*filmei está brincadeira feita pelos homens durante a festa de 7 de setembro, mas não pude trazer*). Um fica no pau e os outros tentam arrancar a primeira pessoa. Só na festa que faziam essa brincadeira todos participavam dessa brincadeira. Tinham muitas brincadeiras do meu tempo agora estão se acabando.

Existia filho querido (a) do pais. Então desde pequenina os pais ensinavam eles (eu sou uma delas). Não existiam outras tribos no nosso meio, eu andava a cavalo. Sentávamos de perna aberta no cavalo, eu monto no boi. Andava no boi porque ele é mais forte. Carregava panela, pilão. Mulher acompanhava nossos marido a preparar a caça. As mulheres são contentes por ser Kadiwéu. Os homens Kadiwéu são muito bons. Quando os homens chegava da guerra havia festa. As pessoas preparavam os filhos para esse tipo de festa desde pequenos. As mulheres não ficam na liderança. Como eu andei a cavalo até no boi. Existia uma outra brincadeira homens e mulheres andava a ca alo que jogava uma lança a quem alcançava jogava a lança e ganhava. Antigamente existiam casas uma perto da outra na qual fazíamos danças na frente das casas. Agora nos existe mais as casas estão ficando longe dos outros. (*eles se referem na ocupação espacial da aldeia alterada em função das fazendas que distanciou as casas e acabou com as ruas de brincar*).

Bom aqui vou terminar.

FITA 2

Sr. Liberdito Rocha, 75 anos. Fiquei liderança agora, já fiquei quantas vezes, sou da família tradicional dos Kadiwéu. A carne assim quando termina eles sangrava, para não dar cãibra no pé que fica mais forte. Cãibra é Canseira sabe, naquela carne de lagarto (apontou para a panturrilha) agente fica duro a gente não pode nem deitar. Tem que fazer aqui nessa parte, ai tem que sangrar.

A educação das crianças Kadiwéu começa desde as 3 da madrugada ai começa a educa as crianças. Fica na cama, chama os filhos, deita com eles vai contando história, o bem, ai não passa o mal para eles. Tem que ensinar o que é bom para eles.

Falava do guerreiro antigamente falava. Ele ensinava como é que a gente guerreava porque como diz tem o **capanga** dos Kadiwéu. Todos os índios tem seu **capanga**. Diz o velho meu pai diz que não somo dessa parte, negócio de capanga. Servia porque capanga, quando guerreava é ele que vai na frente ele não corre, tem que esperar. Por exemplo se você é minha flecha não me acerta, tem que rebater toda flecha. O capanga tem arco também eu rebato para não me pegar. Não sei como faz mas o conselho era isso.

Quando falei que li sobre o ritual da corrida com sangria e quem era bem corajoso virava guerreiro. Ele disse que não ia dizer nada porque não cheguei ver nem ouvi historia, o que não sei eu não posso dizer.

Sou filho querido do pai e seu Domingos também e hoje em dia ainda tem ainda. Todos os filhos tem que ser querido. O time de futebol que escolhe o time é o Daniel algum outro que e encabeçado do time. Não posso dizer se eles colocam só quem é da linhagem. Cheguei a jogar de peteca de jogo de flecha. A senhora corta a bananeira ai vai treinar tem um risco assim e mais para frente tem uma semente ai vai mudando diz que aquele o mais acertador da flecha o filho dele vai pra frente. Quem não acerta as onças vai alcançando daí ele vai saindo, ai quem não é jogador de flecha não alcança até terminara aquele risco na bananeira. Jogava 6 jogadores e cada um tinha uma ficha na mão com arco, a bananeira ficava como daqui naquela arvore, uns 45/50 metros, era só homem, muié não entra. Hoje ninguém mais faz isso. Tudo nós ninguém mais é envolvido com o sistema antigo. A senhora está chegando com a bola. Interessa somente o jogo, não é para nós mais. É considerado o jogo do branco, por isso que o branco, não é não é isso? Por isso que o branco já acaba com o sistema do índio, a senhora já vai trazendo bola para as crianças, já vai acabando aquilo nem interessa mais aquele que é para ser interesse por ele, né. o branco que acaba com os índio, o sistema dele. Vai trazendo minha bola eu fico contente, alegre, mas aquilo que interessava para minhas crianças já não interessa mais. (*falei para ele que o arco e flecha a comunidade tinha que fazer agente tinha que os mais velhos explicar quando eles vinham aqui*). Eu acho que não interessa mais. É muito, muito interessante que o guerreiro aprende porque não tem arma, a arma deles é isso aí. Isso era uma brincadeira para se preparar para a guerra, pra guerreiro. Brincadeira, jogo, esporte é a mesma coisa porque tudo treina, tudo é treinado. As brincadeira mesmo, tudo é brincadeira, a flecha, o jogo da peteca a corrida, tinha luta. Luta de da soco. Tinha regra, podia dar soco em qualquer lugar, no olho. (*a peteca é um jogo que vocês jogavam a mais de 300 anos atrás*) . muito mais, muito mais. (*então hoje é um esporte que os brancos aprenderam de vocês. vocês estão aprendendo futebol, nos aprendemos peteca, essas coisas com o cavalo porque essas coisas com o cavalo os índios cavaleiros faziam.*) Faziam! Faziam! Porque agora, como eu disse para a senhora, está acabando ninguém mais treina. Essa é algum que podia ensiná ai não esquecia. Porque você ve toda essa rapaziada ele anda a cavalo mas não como era. Alguns que nem sabe andar. Faz também uma corrida de cavalo mas não é mais o sistema do índio é do branco. Dos Kadiwéu, parece que tem uma corrida que leva a bandeira e o primeiro recebe o prêmio. Acho que deve ser essa bandeira esse negócio de guerra também. Acho que deve porque Kadiwéu, você sabe é todos são guerreiro treinam só para a guerra , anda a cavalo já treina para a guerra, não tem nada que não treina prá não guerrear. Hoje em dia já não treina mais nada. (*qual é a guerra do Kadiwéu*). Agora não tem, acabou a guerra. (*e a mocidade dos Kadiwéu, os jovens*). Acho que ninguém não interessa. To esperando guerrear, pode guerrear com a guerra do Brasil também, né. (*gosta que os jovens participam do esporte*) Gosto porque a única nossa brincadeira aqui era isso, é bom para conhecer como que o branco faz

..(os jovens jogam peteca)- Ninguém mais joga. (o estado de minas gerais todo joga peteca, os brancos estão jogando peteca. Trouxe uma peteca da cidade para praticar esse esporte). E outros jogos, brincadeiras que o senhor lembra. Eles tinham que acontecer na festa ou podia brincar sem ser festa, vocês tinham muita festa, né?

Ele começa assim de brincaram peteca ai já começa a festa, daí joga aquela peteca quando termina vai lá ai já faz festa. (como é? O pessoal estava jogando peteca depois termina já vai fazer festa, vai todo mundo, depois vai fazer um jogo de peteca com seu filho, ai recebe ai faz festa e ai pode ficar brincando só naquela casa. Porque já tem para onde parar, todas as brincadeira. Não tem para onde parar, quando a gente consiga parar, por exemplo, eu vou na casa do pai desse ai, aí já me recebe, ai eu faço só aquela, toda brincadeira a gente tem que fazer. Quantidade de pessoas vai vê o jogo, não sei quantas pessoas, porque tem o seu time sabe. *(é como se fosse um torneiro, o torneio Kadiwéu era assim, ia na casa da pessoa e ela convidava. Temos que saber disso senão faz torneio só com chave, agora vocês iam na casa da família).*

Tem alguma parte que eu não entendo mais sabe, mas algum que eu posso indica passa (?) é porque entendo alguma coisa, porque a gente esquece, esquece muitas coisa porque não me interessava mais. Se pede prá ensinar.

As mulheres não jogavam, tem outras brincadeiras prá mulher. As mulher cantava.

Tinha muita corrida, mas também não peguei. *(o que tem hoje de festa Kadiwéu?)* hoje somente quando chega na festa do 19 de abril somente isso, brinca de caixa. A dança do bate pau, todo mundo dança, criança, mulher. Não tem nada com o cavalo. Tenho 4 cavalo, ando nele no campo, de vez em quando. Todo mundo tem um pouco de cavalo. A festa do navio tinha hoje em dia acabou.*(a pessoa que vai organizar a cultura tem que saber essas coisas né, se pelo menos filmar fica para passar para os outros)*. Nós por exemplo, quando o baile só perdendo mesmo para o jogo de futebol, uma vez fiquei tão envergonhado que não quis nem sai na festa ?. *(referiu-se aos jogos indígenas - tenho a filha de Goiânia vou trazer para o senhor)*. A dona Durila não foi a dona Joana da Silva e a Inácia Bernardina que foi comigo. Porque todo nosso patricio fazia festa como era, com corrida, carreira, luta... jogo de flecha deles, eu fico só olhando. Eu faço fecha hoje, na minha casa tem bastante, hoje em dia faço de taquara, taquarinha roxa, tem bastante flecha. A ponta da flecha e madeira, tem muita, tem pequenininha, tem grande. Arco também tem. O jogo de flecha na bananeira é com todo tamanho, se quiser comprida, se quiser ... na brincadeira quando a “onça não pega” é uma marca que fica no chão, quando acerta a bananeira ai muda aquele, ai a onça vem vindo, mas não tem só para dizer que tem. Ai se alcançar, se não acertar daí atira daquela semente ai vai indo, quem mais acerta alcança até chegar lá, no fim da... *(pedi para desenhar)* não eu não posso desenhar *(podia recordar esse jogo é tão interessante, podia recordar com as crianças, tão inventando tanto jogo. Acho que as professoras aceitariam o senhor ensinar, elas não sabem.)*. Eu aceito, é só gente querer. Não prá, quer dizer, que não aceito, porque ninguém pode proibir tudo isso ai. Pode reunir as crianças, quando termina *(parece que a aula de educação física sempre vai estar associada da festa)* pega eles treina, ensina as professora como que faz, né? *(na escola há muitas arcos e flechas trazidos e feitos pelas crianças, sugerindo que fazem em casa)*. Tem lugar aqui?- Tem, a gente faz aqui na frente, no lugar da bananeira.

Quando era criança fazia só brincadeira com a gurizada. *(tudo que era jogo e brincadeira de algum grupo depois vai virando esporte. O voleibol eles usavam bexiga da vaca como bola. Enchiam de vento e brincavam e foi indo, foi indo e virou o voleibol. O futebol também. A peteca os índios jogavam peteca, ai virou um esporte, tem quadra, tem rede no meio, tem juiz, eles apitam. O cavalo também, os índios faziam com o cavalo agora ataram o cavalo numa corda, os índios eram mais corajosos, faziam na guerra correndo no mato. Dizem que os índios abaixavam na barriga do cavalo segurando a rédea só como o dedão. Então o esporte vai sendo o jogo, por isso que é importante a gente recordar porque as crianças as vezes pode brincar disso nas festas, lembrar da cultura)*. – Hoje em dia ninguém mais faz.

Já acabou muito, para ficar na historia. Como esse negócio de guerra do Paraguai, dica na história, se procurar você tem nos livros, ainda mais que as crianças estão estudando, se tem algum que interessa por aquilo, né.

O branco joga...é diferente, mas é do branco. (o branco aprendeu com vocês. Mas o branco o senhor sabe vai pondo juiz, vai pondo um monte de coisa. Quer dizer é para os jovens ver que o passado, a raiz era como que os índios jogava. Às vezes eles vão ver na televisão, fica achando que o branco é que fez tudo. Eu estava falando para o Maximino, Daniel da bola de vôlei que era a bexiga da vaca, que ninguém tinha bola de vôlei).

Olha professora não é, o jogo de bola já começa como a senhora falou, o negócio da bexiga da vaca. Mas não era a bexiga da vaca que era jogado. Diz que faziam uma bolinha parece que era linha de caraguatá. Fazia uma bolinha duro, duro. Não sei como que a gente faz e ai bate com o pau e ai vai levando, bate vai longe ai tem que correr atras todo mundo. Eu nunca joguei isso. Ia batendo na bola, vai levando, carregando. Eu acho que deve ser na aldeia, tinha rua na ladeia, toda minha parentada lá naquelas casa, vai indo naquela rua grande, antigamente tinha bastante Kadiwéu. Tinha uma rua grande só de famílias. Começava o jogo, não sei que dia que eles joga, tinha um dia certo para jogar, não é todo dia. Ai quando chove, junta, ai já vem um para começar daquela festa, e não é qualquer um, por exemplo eu tenho um cunhado ele me pega me joga naquele barro me suja, já entra outro, aquilo é uma brincadeira. Assim dizem, eu não cheguei de alcançar.

Ai já começa aquele jogo que falei pra senhora daquela bola, no mesmo aquela festa. *(todo mundo sujo de barro?)* . Não é mais, ai já começa como falei para senhora, já vai numas criança entrega e já vai começando aquela festa. Fica brincando só naquela casa,quem tem pra doze brinca não é uma coisa como a senhora brasileira tem salão para brincar, sabe aquele salão é para brincadeira, é coisa nossa né. Alguma casa que fizer a festa já sabe só aquele lugar que a gente vai, todas as noitesjoga peteca, aquela bola, dança a noite tem outra brincadeira, até que termina aquela festa quando era antigamente trazia a pinga, carnear também. *(eu li que antigamente, antes da festa a liderança recolhia todas as armas para ter a festa o pessoal poder beber e não dar tiro para cima)*. Eu lembro, vou falar pra senhora sabe, hoje em

dia as gurizada tudo são perigoso, tudo armando. Agora antigamente isso ai... (quem está dando arma para os jovens, eles compram?). Compram. (mas os jovens estão animados, estavam sérios em Campo Grande).

(O senhor vai ficar liderança quanto tempo?). Eu não tenho tempo determinado sabe. (ele esperava para eu entregar o s materiais de esporte na presença de chefe do Posto e do Daniel, responsável pela cultura e esporte. Continuei a puxar conversa: os Kadiwêu tem muita história...) – tem muita história, Kadiwêu eu acho que é o mais historiado do Brasil. Pega muita história porque tem muito Kadiwêu como diz hoje em dia, os K. são guerreiro, tem muita tradição, tem brincadeira. Festa, brincadeira ,esporte é tudo igual, porque esporte é uma só, só uma só. (as festas é igual esporte?). Tem várias festas, tem uma festa só, como a senhora estava lembrando do navio dai e outra brincadeira, daí vem outra dai vai indo. (e os jogos abertos – eles se preparavam para os 3º ou 4º e não vai ter nenhum jogo dos índios?). Como eu falei para a senhora dessa gurizada só se interessa de ir e jogar, não está interessado em mostrar sistema nosso, o índio cavaleiro, negócio de jogo de peteca, alguma outra festa que o índio faz, não, só esse jogo de bola, mostrar a tradição do índio não tem. Isso que eu falei para a senhora, eu fiquei tão envergonhado quando fui em Goiânia (referindo-se aos jogos indígenas) para não mostrar nenhuma festa do índio K. não tem. No Rio de Janeiro quando foi mesma coisa, todos os índio mostraram competição, dança, índio Kadiwêu não, nada, nada. (o que é não estão gostando da tradição seu Liberdito?)

Acho que ninguém mais interessa. Os branco gosta, essa gurizada não interessa. O tal do Daniel não interessa nada, só interessa o jogo, ele vai receber essa bola e joga com a gurizada. Vai jogar em Corumbá só o jogo pra mostrar. O sistema nosso o índio acaba. (o senhor como liderança se pedir para ele fazer alguma coisa ele faz?). Faz, tem que fazer, porque quem manda, não é ele quem manda em todas as coisas. Como a senhora para entrar tem que falar comigo primeiro, tem que falar comigo. Agora se a senhora falar com Daniel ai o Daniel tem que me chamar “o que você acha tem uma dona assim, assim, assim”. É como aqui também tem que me comunica primeiro para começar a fazer o trabalho. O Lísio, (atual chefe da FUNAI/Campo grande, índio Terena que foi chefe do posto dessa aldeia) ele não e que começa primário, o que ele faz tem encabeçante lá em cima, o Lísio Lili, né. O Lísio tem mais quem manda pra cima dele ele não pode passar. Qualquer coisa que cai tem que comunicar a presidência dele, a mesma coisa Bili (atual chefe do posto, branco, o pai dele também foi chefe dessa Reserva por longo período) tem que comunicar Lísio Lili, mesma coisa eu também.

Bili – “Cada um tem seu chefe, (tem seu chefe- confirmava seu Liberdito) hierarquia, né, tem que ter obediência! (obediência, repetia a liderança). Mesma coisa a liderança: o cacique, o cacique repassa as ordens para as outras lideranças, vice-cacique, conselho. Seu Liberdito foi eleito pela comunidade. Depois vem o pessoal que acompanha a liderança – 5, 6, 8, 10, depende do cacique. Esse grupo que acompanha o cacique chama “liderança”. Quando fala “liderança” já subentende que é o cacique e seus assessores, quer dizer o cacique, o vice dele, depois vem aqueles que acompanham o cacique, a liderança, chamam-se conselheiros, líderes conselheiros. Então formam a liderança indígena sob a coordenação e responsabilidade do cacique, do capitão. Seu Liberdito é aposentado pela Secretaria da Agricultura, extinto SPI, era companheiro do pai do Bili.

(Ele tem muito arco e flecha, se um dia ele quisesse e a comunidade se interessar, ele falou de um jogo de arco, de acertar na bananeira, recordar, dar uma aula para as crianças, como eles jogavam peteca e hoje o esporte). a juventude não lembra mais, os mais velhos sim. Eu acho que é bom, se a senhora tiver junto com nós. Da outra vez vamos fazer isso dentro da escola, aproveitando enquanto to ai. A guerra do Paraguai foi todo tempo histórico todo o Brasil já sabe. Outras coisa, o jogo nunca viu lá.

Bili- é verdade viu cacique porque esse trabalho, esporte dentro da cultura de cada comunidade, no caso aqui dos Kadiwêu vai despertar por parte das autoridades interesse em divulgar e como o senhor está dizendo os velhos sabiam de muita coisa os novos de hoje não sabe, já se apagaram. Com isso vai se resgatando devagarinho aquela pratica que existia no passado.

Seu Liberdito – como eu falei prá ela esse negocio de jogo de bola vem com o branco ai já vai acabando aquele sistema dos nossos costume. Não é para acabar, como ela tem interesse tem que demonstrar para o jovem o que é passado do índio também. (a globalização como vocês falaram globaliza o dinheiro, a economia mas cada um é de um jeito. Japonês come com pauzinho, o outro...cada um mantém sua cultura a). Eu acho como o Bili tava falando vai acabando porque eles já tem vergonha de contar para você, que tão velho, tão novo, eles não quer conta a historia tem que passa pra mim , vai lá com eles, vai conversar. É vergonha, ele quer somente falar em português. Por enquanto tem algum que tá falando português mas a maior parte estão no idioma. Mas algum que não fala mais. Lalima acabou. Modificou hoje em dia sabe, por exemplo, a senhora são branco, chega com nos e “Ah, eu sou índia também”... “ai eu chego na cidade eu quero ser branco”. Por exemplo, eu chego na cidade quero ser branco a senhora já quer ser índio, minha avo, bisavó era índia. Bili - Esses são oportunistas principalmente na época política só para ganhar voto do índio.

BOAVENTURA DANTA MEDINA – 8/9/98

É da liderança jovem, comecei a trabalhar na direção, já fui quando tinha 18 anos fui representante, fui cacique , então na época da invasão nos tivemos muita luta (você se destacou bastante porque) não sei. Hoje os jovens dos 18 anos. .. você vê que não é normal, não é normal, hoje eu tinha 36 anos. Depois eu entrei na FUNAI NUNCA DEIXEI DE ajudar o pessoal, a liderança tem um grande apreço com gente, tenho segurado isso tenho demonstrado que agente não está ai para brincar ou fazer alguma coisa, o que é do alcance faz, e a gente está sempre lutando pra ajudar o pessoal. (Mesmo morando na cidade). É a gente tá ai porque é da comunidade então eu não me considero que estou morando na cidade, eu m e sinto obrigado a ficar junto um pouco do meu tempo na cidade por causa dos meus filhos, tenho o de 14 anos, a

menina de 11 e outro....você sabe criança longe dos pais não faz as coisa que agrada a gente, principalmente não vai estudar, mesmo a gente estando junto tem dia que não vai. O que a gente pensa, o desejo da gente é tentar repassar aos filhos o que a gente não teve oportunidade, no caso meu não tive oportunidade, então o que a gente conseguiu foi lutando com ajuda de um, ajuda de outro. (não teve oportunidade de estudo). Eu tive um tempo em Araçatuba, em dourados , campo grande foi o que a gente conseguiu. (você foi jovem pouco tempo atras e hoje está vendo o jovem K participando de esporte, você participou de esporte). Nos participamos mas não, porque a 10, 20, anos atras não é o que e hoje né. Para começar o povo K a 20, 15 anos atras era um grupo bem reduzido em vista de hoje, então os jovens tinha outra convivência com o povo eles era um pouco retraídos, então não tinha as pessoas que se destacavam, no caso eu, que acho que era uma característica própria, vou tentar assim, vou fazer assim e fazia né.

hoje não, hoje o esporte, você vê, aqui na aldeia nós temos a televisão, o povo traz para a juventude e não só isso, isso é coisa mínima, no mais o próprio povo, o povo K tem se integrado muito no meio da sociedade branca, isso eu vejo, constantemente o índio está na cidade e não só o índio vai como o branco vem. Então tem aquela engrenagem, sempre de branco com índio, porque o índio sai lá fora vê aquelas coisa e chega na aldeia, já fica com aquilo, já vem se alimentando com aquilo e já procura praticar, no caso do esporte, né. (quem trouxe para a aldeia, no caso você moço não jogou futebol aqui). Nós não jogamos muito, quando eu ainda era pequeno já existia ,mas era assim, era um pouquinho, não era ... então eu não tenho condições de dizer para você, foi tal ano, foi uma época e tal. Quando eu ainda era pequeno e já existia esse futebol, mas não é muito anos atras, é mais ou menos uns 15 anos atrás. Eu não sei te dizer em que época chegou o esporte. (e o pique, o auge, já com gente gostando você sabe). Isso foi mais ou menos uns 5 anos atrás porque você vê hoje, no caso dos domingos, você quer aglomerar em massa o pessoal e

.Não, é o sangue, acho que é um tipo de uma preparação né de passagem de uma fase para outra pelos antigo, a gente vê os antigo conta, que era um tipo de um teste então não tinha assim sangue significava alguma coisa, tal. O próprio corpo da pessoa que estava tendo uma formação.

Discussão que a sociedade não indígena tem do esporte, em relação a criança, ao poder nele numa sociedade: “agora aqui na aldeia em primeiro lugar aqui nos não tem outra opção, domingo ,sábado não tem onde os índios vai, a não ser partir prá joga bola e tal, faz aqueles negocio, a única coisa que tem e ai se torna , não sei como é que seria os índios se tivesse outra atração, de repente tivesse alguma coisa que poderia “desinfluençar” o índio a participar do futebol. não sei como é isso, você mesmo viu que não tem outra coisa, a não ser aos domingo a pessoa jogar bola e ficar passando o tempo nesse esporte.

Bili: os K não pratica a corrida de cavalo?

“Bom, até um ano ou dois atrás tinha a corrida de cavalo, agora ... até o Jaime (Siqueira Jr.) ficava ai , então, agora não, porque não é qualquer um cavalo que ...tem um cavalo ai que você anda o dia inteiro nele para caçar, fazer uma coisa, amanhã você não vai colocar ele na cancha para correr, vai matar ele, então tem essas competições exigem um animal próprio para isso, então e por isso que não acontece mais.

O esporte está tendo um espaço entre os K?

“ta tendo um espaço que a pouco a pouco ele vem envolvendo mesmo o povo k.”

o Hilário conseguiu umas fotos andando no boi.

Índios Cavaleiros hoje: “bom eu não sei como poderia responder, é uma coisa que pode ser que foi cavaleiro mesmo a uns anos atras, agora hoje a gente...”. Eusébio, “Na mentalidade ainda continua.” Boa ventura: Mas realidade, né. a tendência na mentalidade continua,,, segue o ritmo de hoje. Bili, li um livro no SPI, essa pratica do cavaleiro veio dos Guaicuru que lidava muito par todos os meios, festa, guerra68/ quando papai comprou gado aqui.....subia num cavalo o pé dele ficava arrastando no chão. É o pai do Maximino. A gente via aqueles manuseio com o cavalo era fora de série. Foi se apagando, se distanciando..

Tinha o cavalo pantaneiro, hoje é o cavalo curraleiro, é um cavalo pequeno mais ligeiro e depois começaram a falar cavalo de índio, porque ele tinha muita resistência.

Bo – o homem tinha uma égua, a égua criava depois de 5 dias o cavalinho já estava acompanhando a mãe e ai o filhinho, o garotinho já montava em cima do cavalinho, então aquele bichino já criava com bastante resistência bem resistência mesmo. É como o árabe ele já cria trotiano.

Eusébio ninguém doma mais aqui.

Boa – Acabou, né. você vê de vez em quando tá descendo tropeiro lá de cima da Serra, vendendo cavalo doente pra índio.

Eusébio – aquela tropa que aquele cara trouxe esses tempo, se sobrou algum eu não vi, foi tudo, uns cavalo que já vem com o dia marcado já.

Boa - Os caras vende fiado, se não recebe mais não faz questão. Pôr exemplo, hoje o índio tá mais pra usar o burro, porque o burro ele é bem resistente, você viaja nele ele tem resistência, o cavalo já não tem a resistência do burro.

CRIANÇAS e JOVENS

Clodomiro Rodrigues Horácio Ferraz, 10 anos; Cleiton da Silva Andrade, 10; Tiago Alcantara, 6.

Brincadeiras – Clodo - nos faz time dia de sábado e domingo, nós jogo, tem vez que o Maximino faz time, nos participamos junto, nos chega na casa nos brinca de flecha. Nos faz álcool , aquele negocio de flecha, pra entortar, a gente faz um litro e atira nele . a gente entorta o álcool põe o litro como daqui lá naquele piso lá e atira nele. Se a gente quer mata os outro, a gente atira. (quem fez o arco e flecha para vocês). Ninguém, nós mesmo. (vocês sabem fazer). Nós sabe,

ali na escola tem bastante que nos fizemos. (quem ensinou). Ni...nossos pai. (quantos metros ficam longe do alvo). Quem não é acostumado fica um metro e pouco, agora quem é acostumado fica como daqui naquele pé de manga lá, já atira (8 a 9 metros). Daqui la tem que fazer força para atirar o arco. Dali desse gol até o outro nos atiramos dia 19. Tinha esse que chegava, tinha esse que não chegava a flecha e valia ponto, nos tava participando na escola. Valia 1 ponto, porque a professora fez um time da escola e nos tava participando. (mas a fecha é por time ou cada um). Cada um, uma pessoa faz um. (outra brincadeira que vocês fazem). Pandorga. Nos racha a taquara, nos amarra com linha depois agente faz rabicho dele, com plástico de arroz e ai a gente solta, amarra linha ai ele voa. (é dos índio Kadiwéu fazer pandorga? Onde aprenderam). Nos mesmo nos aprendimo. (brinca de pandorga o dia que quer? Não tem que ter uma festa aqui na comunidade pata brincar). não, não.

(Tiago do que você brinca?) De jogar bola. (e a brincadeira da melancia). Brincar de jogar no outro. (onde tem melancia). Não tem mais. Meu pai tá plantando. A gente brinca de atirar os outros com casca de melancia. (conta ponto, tem alguma regra). Não, não vale ponto nenhum, só para atirar os outros com casca de melancia, é uma brincadeira. (mas vocês falaram que jogam futebol e essa coisa da casca de melancia vocês falaram que e brincadeira, o que é brincadeira e o que é jogo, qual a diferença). (Tiago – o jogo da casca da melancia e igual o jogo de bola?). Não, não. Porque não é igual. T – a gente esconde e depois agente fica atrás de qualquer pau, atras da moita e quando ele que atira a gente, ai nos atira nele, nos mata ele, ai a gente fala já morreu. E joga a casca em cima.

Cleuza – trabalho na escola com a 4ª serie. O jogo da mandioca, vamos supor na escola a gente divide os aluno em dois grupo. aquele que vence, conseguiu arrancar a mandioca, ou aquele que ficar, porque vence. O 1º grupo senta o aluno mais forte, vamos supor nesse pau aqui ai eles foram um atras do outro sentando pra grudar. Ai eles vão tentar arrancar aquele 1º aluno que está lá grudado no pau que eles fala que é a mandioca. Vão puxando, fica enfileirado para fazer força para puxar a mandioca, ai o aluno que não conseguir arrancar eles ganham . depende ficam 5 a 5 crianças de cada vez. Não, fica um atras do outro naquele esteio, ai ele vão puxar mandioca aquele que não sair, que eles não conseguir arrancar daquele esteio, aquele que ficar no esteio vence. É daqui mesmo, deles. Essa brincadeira é dos Kadiwéu mesmo. Eles jogavam na época de brincadeira das crianças. Não era nas festas, é brincadeira familia mesmo. (qual a diferença de brincadeira, jogo). Pra nós a brincadeira acho que eles entende mais como diversão também, uma distração, um meio de distrair, os jogos é mais competição, uma disputa, um jeito de vencer e ganhar. Eu acho que eles entende por jogos. (na brincadeira não tem disputa?). Agora que a gente faz, quando a gente faz gincana, mas brincadeira para eles é assim , qualquer hora eles estão brincando sabe, na hora do recreio, ele ficam a vontade então ai é uma brincadeira para eles. Agora jogos é quando sempre está querendo disputar alguma coisa sabe. E jogos para eles também e relacionado no esporte. tipo futebol, vôlei, que eles já viram. Basquete, disse Clodoaldo, Handebol. Fiz handebol aqui mesmo, só basquete que não. Foi trazido pelo Gelsom aquele que era nosso professor, ele era Terena. Ensinou nos a brincar de “bandeirinha e roubar litro do outro”. A gente fica 12 criança ali, 12 aqui, coloca um litro um outro ali e outro lá naquele gol ai, quem pegar o litro daqui ganhou e quem pegar dali ganhou. Nos jogava na hora do recreio. Cleuza – tira dia que a gente tirava o dia para brincar um pouco com eles, ai fazia. (e os times de futebol?). Cleuza – vocês estão no time de futebol, vocês foram escalados agora mesmo pouco, vocês estão no time de quem? – do Arcindo, que é o técnico deles. Mas nos não somos do time verdadeiro dele não, ele está só emprestando nós ,nos somos do time do “Feijão”. (que idade entra no time). Deste tamanho aqui, só eu de grande e mais um guri. Cleusa – é de uns 8 ano, 9, 10 anos. Clodoldo – acho que tem uns 10 pessoas, 11 na linha 12 com o goleiro. Cleusa – 10 na linha e 11 com o goleiro. (tem todo esse pessoal) . tem. É aquele rapaz altão que tava ali ontem. Cleuza – eles tão muito ligado no futebol por causa da copa que assistiram aqui, pela primeira vez. É pela primeira vez então eles estão muito entusiasmado com o jogo, com o futebol. (chegou tv na aldeia). (o time é separado, quem é mestiço, que é k puro). Não , é entreverado. (e o time de ontem, o vídeo com as crianças do pró-menor, quem anda a cavalo). Clodoaldo – eu, eu,... (todo mundo anda a cavalo, vocês acharam difícil, o que o cavalo precisa para fazer aquilo). Ele disse que foi fazer no cavalo dele e caiu. Cleusa – eu falei que eles iam tentar! . fui fazer aquele que galopeava e esticava a perna para trais, galopeava e esticava. (porque não foi no primeiro de abrir os braços, você anda de aviãozinho?). Cleusa – será que vocês consegue? (você machucou, o cavalo não deu nenhum pinoti). E cava lo manso que eles pegou/Cleusa. Cassio – (qual o nome do seu cavalo). Chimango, meu pai comprou com esse nome. (vi umas meninas andando a cavalo. (A Baby, você viu a fita ontem?). A Baby (Lindinéia)sabe andar a cavalo e aprendeu a andar aos 7 anos. No Socó ela ficou de costas no cavalo, monta sozinha, pisa no estrivo daí eu puxo a crina dele e monto, tem uma corda no pescoço dele, a crina é de puxar mesmo por isso ele tem não dói no cavalo puxar a crina dele. Tem um piticinho piquininho que caiu a minha tia montou nele ela e gorda demais ela é velha já. Não ando todo dia a cavalo, a escola e pertinho, agora quando eu mudar vai ser longe.

Sandinéia Felix de faria, 7 anos, 1ª serie, foi tentar andar no cavalo e tentou fazer o que viu na fita. Cassio na casa sua vô tem cavalo, vaca, você anda? – ando, tem 4 anos e já anda, seu pai ensinou a andar. Ele falou monta. Mostrou como monta no cavalo, pisa no estrivo, monta no touro, segura no cupim. Eu piso na perna do touro, o pai fica segurando. Outros andam mo touro grande. Faz com os lábios mch, mch, surra na bunda dele. Se der muito forte ele galopa.

Outro galopou, levantou e fazer aviãozinho em pé e ai cai. O corpo do cavalo resbala quando a gente tá ficando de pé. Escorrega igual um barro, eu estava descalço. Eu ia ficar em pé e tomei um tombo, não machuquei. (quantas velocidades tinha o cavalo na fita). 1º qual velocidade, andando, depois de trote e depois no galope. Tinha cavalo manso ai eu galopei, né.(era seu cavalo), não era.

Cassio- gato miau,..., cachorro, au, au, meu pai vai comprar um piticinho para mim bem manso eu vou andar nele. Eu vou galopar com ele, com e meu piticinho, com um cuiudo. Cuiudo é um macho, é um cavalo bem bravo. Piticinho é baixo. Eu conheci aqui na aldeia, o cuiudo eu conheci aqui na aldeia é macho. Não existe aqui nesse mundo, bem grosso,

bate lá no céu. ele é cor de rosa. Cuiudo de lá do morro do céu. Vi um cuiudo bem grosso mesmo, eu pisei no pé dele, ele pulou atravessou do céu. O cuiudo é grosso feijão, nome Lindon Jonhoson Ferreira Soares, 28 anos, me chamam de Feijão porque a 1ª vez que cheguei aqui fiz sumi os feijão, ai eles me apelidaram aprendi essa mágica pelo mundo. Faz muito tempo que estou aqui. Acho que faz uns 7 anos, né professora. Mantenho o físico trabalhando na roça, é pau que faz isso aqui. Com as meninas estou com azar, futebol aprendi em Tocantins, aqui jogo no time dos índios, do Mauro. Ele já tinha esse time desde a 1ª vez que eu vim eu morava na Morraria e desde aquele tempo eu fiquei por aqui, e ai eles me pegaram para catar no gol. Aqui tem 4 times, do Mário, Joel, Preguiça e do Ronaldinho. Daniel e no idioma preguiça, o bicho-preguiça em português. Jogam de domingo, sábado, não tem grito do guerreiro antes de jogar. Quero treinar as crianças para no futuro poder jogar em algum time também, prestar para alguma coisa. No momento só ensino jogar bola, toque de bola, fazer gol. Escolheu o time ...treina segunda a sábado.

Júnior Batista da Cruz, 11, estuda na escola. Ana Scheila Batista Pires, 11 anos, estuda na escola, Natinana não pode falar o que significa, 3ª série, prof. Eva. Brincam na escola de jogar bola na hora do recreio, não tem aula de EF. E no hora do recreio as 3 horas, as meninas brincam de jogar bola, correr jogando bola. Os meninos brincam só de jogar bola.

Dona Graciana Batista - 7/7/98, filha de Kadiwéu de pai e mãe, nasci e criei aqui.

Sou crioulo daqui mesmo, 55 anos, 9 filhos, 8 criou e 1 morreu de doença. Tem filho estudando na escola, de 16 anos e de 13, 5ª e 7ª série. Nós brincava assim de mandioca, de peteca, no meu tempo não tinha jogo de bola, de nenhum tipo não fazia bola. Brincava na festa de jogar soco, as mulheres, jogar soco na cara, onde acertava; se pegar bem machuca, aparta quando o outro já tá machucada, nas ferida não põe nada só lava, só lava já tá bom. Depois, é brincadeira né, ninguém fica de mal com alguém resolve. O galope é brincadeira na língua. Jogo de bola é "eebola". Porque tinha que ter algum motivo não saia brincadeira a toa. O motivo pra sair a luta das mulher era a festa da moça. Saia brincadeira, a peteca não brincava a toa, igual esse jogo de bola. A mandioca também na festa de moça.

Os filhos na escola noa brinca como nos brincava, agora já pega brincadeira de civilizado. É porque brincadeira de branco é diferente de brincadeira dos índio, porque de branco já é outra de índio já é diferente. Os filhos sabe um pouco de brincadeira de índio eles estudam para fora. Não sou crente, não entrei na religião, a maioria entrou, quase tudo, porque desde festa de moça, dos antigo tão largando por causa igreja. Esses tempo um homem filho do Liberdito fez festa da filha dele, acho que umas 3 semanas, ai tem o Bobo também o bobo ninguém sabe quem é ele se apronta lá no mato. (Hoje os filhos da senhora jogando futebol estão melhores). Só fica brincando, para divertir mesmo. Hoje cheguei atrasada para a festa de 7 de setembro. Participava de jogo de mulher ou de homem, homem também usa pano, o lençol para torear os homens quem tem coragem enfrenta, é na festa de moça também, as vezes no dia 19 . ando a cavalo também, as mulheres andam igual os homens desde o meu tempo. Um jogo que tinha cavalo é a carrerada, os cavalo corre, tem uns homem que monta neles quem cruza na frente ganha, 200 metros, as vezes 150. Tem aposta, dinheiro, novilha, o motivo as vezes é o dia do índio, eu tenho 5 cavalos, hoje eu vim nesse burro ai. Não andei no boi já peguei o cavalo.

A festa da moça é sistema dos antigo a moca fica trancada e fica o dia inteiro sem comer, se tiver alguma coisinha, uma batata assada, ferventada daí ela come, se quiser depois ela pode casar ou fica ai sorteira. Antigamente tinha os guerreiro hoje não tem mais, tão largando tudo. (sangria). Eu não cheguei de ver.

Dona Graciana – não lembra das brincadeiras com esteira. As pinturas eu pintava o rosto eu não cheguei de usar mais chiripá, nas festa as mulheres usavam chiripa, amarra enfiado no ombro. As mulher não fica com o seio de fora, tampa assim. Por baixo não tem nada, tem calcinha, tem depois aqui em baixo outro chiripa, o saiote, são dois, enrolados também para usar chiripa tem que pintar seu corpo, nas costas, por aqui para poder aparecer as pintura do corpo, eu sei pintar, agora não querem mais arranca os pelos do corpo, a velha Durila arranca tudo, não tem cílios, sobrancelhas. Faz pinça de alguma coisa que agente vê que é bom pra fazer a gente faz, para arrancar, ninguém faz mais.

O sangue tinha importância para os Kadiwéu para não cansar né, tira aquele sangue. Hoje em dia ninguém tira mais, por que senão cansava, aguava o sangue, tem que tira que fica sadio de novo. No nosso costume esse campeão que vocês fala deve ser esse tal de capanga que ele ia na frente, ele ia matando. Uma mulher não era capanga, tem aquele próprio mesmo para capanga, tem coragem, tem coragem pra qualquer coisa, ele briga até dentro d'água e não morre. Treinava....., tinha alguém que treinava ele. Eles treinavam sim porque os índio K pegava outro índio, o índio Chamacoco pra irmãozinho dele, prá treinar com ele de dar soco, brigava e pulava e tudo né. Então quando eles iam brigar por ai com outros índio eles levava ele na frente, ele que ia na frente armado com flecha. Porque ele que chegou primeiro ai que o povo dele, ali ele está com a vida arriscada porque ele vai na frente, né. Era corajoso e não mata um, escapava de tudo. (Que ele fazia para ser forte). Nascia forte, a mãe já ele cuidava desde pequeno, não comia essas coisa que não presta para comer. Essas coisa de muita gordura não. Não bebia muita água senão cansava, tudo era na medida, no alimento, na água, tudo. (quem ensinava a ser corajoso). Já vinha ensinado é o costume do pessoal tinha que ser corajoso. Tudo era fortão, não são gordo muito.

Eu não lembro quem trouxe o esporte essas coisas. (Os jogos tradicionais a mulher podia fazer essas brincadeiras de lutar) – pode. Meus filhos joga futebol eu não sei como eles fazem a seleção esse negócio de jogo de futebol eu quase não entendo.

Daniel , liderança responsável pela cultura.

Porque é importante pra vocês trazer uma pessoa de futebol? Os K tão se interessando por futebol?

tão, cê tá vendo né Marina, tá mudando as coisas hoje já temo convite para Corumbá (jogos abertos/fundesporte) nos temos sem com vontade de ir e ao mesmo tempo com vontade de ir porque a gente não tem experiência no campo de futebol, então nos precisava que você desse uma foça para nos, com essas pessoa da UNICAMP pra vim manda um técnico para nos de futebol e essa Miriam que ela viesse aqui , a i nos ajudava ela com esse negocio de durmi e alguma pessoa para cozinhar para ela e pro técnico a gente pode dar uma ajuda para ele, comida a gente da um jeito. Agente espera isso Marina a gente espera que você da uma força você tá vendo qual que é a necessidade nossa aqui dentro da aldeia então eu espero que você venha com esse pessoal em Dezembro.

vamos ver se ate dezembro a gente consegue recurso se eles estão disponíveis. O futebol está com bastante espaço aqui dentro , o pessoal está gostando.

Daniel e se quem vai custear esse projeto falar que quer alguma coisa, uma fotografia, que eu negocio. Se a Bosch falar que da todo material de esporte e quiser uma foto com vocês vestindo o jogo de camisa.

A gente faz , e só você chegar com seu pessoal eu sou como chefe da fundesporte e cultura eu libero para você.

Não é melhor pensar num contrato, se der uma fotografia para ele não pode usar como propaganda, se usarem daí processam. Teve gente que já abusou,.

O Marcos Soares enganou muito nosso pessoal, chegou aqui e falou que era k e que era meu parente e no fim não era parente meu. Mesma coisa ontem, com você, o que veio essa dona , ela veio aqui para visitar nós e levar alguma coisa daqui lá pra fora e ver se ela ajuda nós alguma coisa aqui dentro da aldeia principalmente para a juventude.

Daniel vocês tem que gostar um pouco de pesquisador, o pesquisador ajuda a guardar a história de vocês.

Guarda, como aconteceu com aquilo do Boggiani, ate hoje tem essa historia. Darci Ribeiro.

O próprio Jaime também. Eu não sabia essa coisa só azulejo.

Domingos Soares 17-12-98

(Como é o corpo do Kadiwéu, como é feito) – na hora falou para o Caracará, corpo não é de barro, é de gente, de carne, quando puxou ele falou, Jesus que falou, eram dois rapazes e duas mulheres, ele falou: ainda não tem serviço para dar para os K que vai dar o serviço dele, mas já tem ferro, tudo para Paraguai trabalhar, brasileiro, Terena tem ferramenta, mas o índio Kadiwéu quando Jesus viu mas K já foi. O Caracará, Jesus conhece aquele tal de Caracará, não tem ferramenta, todo dia quer comer no campo, comer no caminho, carne de bicho, farinha, brasileiro planta, casa boa, tem mandioca, tem banana, mas K não tem. K desejou ferramenta, quando saiu do buraco, todo dia bastante compor isso que o K fica bastante no campo, foi Jesus que falou para ele, tudo bem você vai no campo, quando comer qualquer coisinha só bicho, farinha, tarumã, mas, não planta nada. Agora tem manga mas já parou, acabou já faz tempo que parou. Agora quando tem coisa come bicho, mandioca, banana, rapadura, arroz, feijão.

Jesus tirou 2 homens e 2 mulheres, que tem nome, aquela mulher, aquele homem chama niktauiki, e a outra mulher, agotanaiuki; o homem otaniwq, o rapaz chama mitchrhaiusa..... já falava o idioma do K, Paraguai já falava o idioma dele, brasileiro falava português, Terena falava o idioma do Terena, K falava também.

Jesus é crente, aquele de barro Jesus que vai fazer, barro é o crente que falou, Jesus falou. É corpo quando puxou no buraco para Jesus, os crente falou mais uma mulher, aquele tal do Adão, aquela tal da Eva que o crente falou, mas, aquela mulher é barro, seu corpo de barro, mas Jesus é crente. Jesus falou o idioma do K, mas, quando Jesus puxou a gente do buraco, a gente mesmo já falou já. Mas é outro né, crente já é outro.

(2 mulheres e 2 homens saíram do buraco e começaram formar o povo K, quando junta um homem e uma mulher para casar) – pois é, acho que tem casal daquele outro, depois já tem filho, já tem bastante criança.

(Como faz para nascer um filho do K?) – casa quando tem mulher, mas já tem criança (mas o marido e a mulher tem que namorar para ter filho, como faz) -tem roupa antigamente, chama aqui no corpo dela chamaAntes de nascer ela (criança) fica na casa do pai dela, da mãe dela, a criança, mas, quando nasceu ela tem que mamar no peito da mãe. (O marido e mulher tem que fazer sexo para nascer o neném K, mas como o neném vira gente na barriga da mulher) - pois é, quando nasce já é gente já, não é bicho nem é de barro. Nasceu é gente mesmo! (quando a mulher espera nenê o marido faz o que) - fica fazendo caça, qualquer coisa, não sabe de nada, nem sapato não tem, roupa não tem, põe o chiripá, homem tem chiripá, mulher tem chiripá, aquele cabelo não tem comoto velho com o cabelo aqui (porque corta o cabelo assim) – precisa tesoura para cortar o cabelo assim.

(como faz para o nenê virar homem, criança) - quando homem já tá começando a fazer assim, como nasceu, depois já tá homem, depois já tem bastante gente. Quando começou não mata gente, mas K bem manso, mas é bravo! Mas K é manso! (quando que ele é manso) – não sei como dizer aquele índio....., quandoé para matar né, mas K quando chega é manso! Mas só com o português não sabe, falar português ele fala sóMas quando, comotem remédio para matar gente, depois já tem outro, depois já tem bastante. (quando o K pode começar a matar gente) – quando mata gente quando todo dia que antigamente a gentenão fala português. Quando a gente.....daqui a pouco que quer matar, mas K quando chega é manso, mas só com o português, só. Todo dia que a gente, todo dia que geralmente a gente tem jogo, tem bastante, ...

(Quando o K pode começar a matar gente?) – quando mata gente tudo, tudo dia que a gentequando saiu do buraco, depois vai grande, depois já está ...

(Quando tinha festa quando a cça acabava de mamar na mãe?) – tem festa depois já tá brincando, brincando peteca, correndo, tudo no cavalo, pegando bicho, tem cavalo, quando tem muita gente ele vai pegar aquele tal do veado-branco. Tudo onde o índio K vai ele é cavaleiro, ele é guerreiro, tudo guerreiro, ...agora acabou, tem brasileiro, quando a gente vai matar tá preso. Antigamente você podia. (Brasileiro quando mata prende, como o senhor vê isso) – Ah, é assim

mesmo, é assim mesmo, o brasileiro sabe falar português, nós não sabemos nada, nós sabemos só o Kadiwéu. Agora nós

(E o futebol ?) – não tenho, agora por causa do brasileiro, tudo.

(Teve alguma festa, o senhor lembrou de alguma brincadeira?) – quando (esporte sem respeito, único jogo com bola dos K), não tem um campo desse aqui (futebol) só a rua da aldeia mas é bola mesmo, de caraguatá, na hora de brincar ...só o pau, não dá respeito de qualquer coisa.

(O futebol tem respeito?) – Ah, tem respeito,quando a gente acha ruim ficava batendo o tal do soco assim. Soco não tem respeito, vai batendo forte mesmo. Tá brincando, mas tá perigoso, machucando e é brincadeira. Quando dois índios, mata de soco assim. Bate, mata mesmo, mas de brincadeira, o pessoal é assim mesmo. O tal do soco parece briga, mas não é briga, é brincadeira. Até eu... tudo alegre, tá rindo, tudo alegre ninguém sabe para ensinar.

(E no futebol o que eles usam para parar quando alguém vai dar soco em alguém, vai chutar?) – o jogo de bola tem gente que não brinca. Tem apito, na hora do jogo tem apito. Apita quando pular no outro, apita ai tem que respeitar, faz assim. Agora que tá bom, agora que tá bom! Quando toma uma pinguinha ai tá querendo brigar, ai tá bêbado. Ai fala pra ele: vai embora, vai embora, ai ele vai embora, tá querendo brigar. Quando o jogo não tem nada de pinga, vai brincar... quando tem pinga fica bravo. (Quando toma pinga fica bravo, como era antigamente?) – antigamente ...quase tomava pinga.

(Como que um menino vira homem?) – pinta tudo o corpo dele. Aqui homem tem que pintar assim (subindo no braço), aqui também, quando menina pinta todo o corpo dela (até na cintura), peito, todo o peito , agora que já tem sutiã para a mulher, quase que todas as mulheres tem sutiã, mas, antigamente não tinha, usava era tudo pintado, no papo também não. (Depois que o homem pinta ele pode casar?) – no casamento vai casa com a mulher dele ele leva qualquer coisa, vaca leva, não é como casal português, é outro, casai do brasileiro é outro, casamento do K é outro, tem que falar com a mãe dela, com o pai dela. Eu não fui casado, agora estou velho.

(Do futebol todo mundo gosta?) – todo mundo, quando a gente, os K gosta muito, briga mas ele brinca, não é todo dia que ele brinca, na festa da menina.

(Tem algum brinquedo nos K que faz no banco (jogo de mesa)?) – tem,o tal do onça, brinca só duas pessoas, levantou essas duas pessoas, já vai outro. Qualquer feijão, tem dois onça. Tem o tal do jacaré também, só uma pessoa. Fica deitada do chão como o jacaré, tem um couro em cima do corpo dele, pega e fica fingindo de morto, mas é brincadeira. Um rapaz forte pega ele e põe no lombo depois leva lá (apontou certa distância) depois volta, brinca, depois já levantou e já vai outro. Tem a brincadeira da mandioca, do cágado: o cágado, só uma pessoa, ele fica como o cágado de 4, a outra pessoa passa uma corda na barriga, um pano ou um couro com um laço para puxarem tem que ser forte. ...brincadeira é bom!

(Futebol é uma brincadeira?) – futebol é assim mesmo. É um jogo bonito, o jogador é gordo,dia de sábado enche de gente, mulherada, homem, tudo. (Quando brinca de cágado?) – na festa da menina, cágado tudo que é brincadeira. O pessoal daqui não sabe, brincadeira não sabe mais.....

(Tinha brincadeira com animal, com ave?) – tinha brincadeira com o cavalo de pegar bicho, o veado-branco. Tinha laço. Corre no veado-branco, quando correu pega no laço. Agora acho que não tem mais veado-branco. É do Pantanal, aqui no campo tem, agora não tem nada, acabou, aquele tal do cervo também não tem nada, acabou. Todo esse veado-branco, veado-mateiro acabou. A carne é boa, é igual de cabrito, é bom. Farinha dessa (apontou o pé de bocaiúva) é bom, eu fazia agora não tenho nada.

(Essas crianças que estão brincando, estão brincando dessas brincadeiras antigas?) -ninguém ensina .futebol aquele que bate-no-pau, eles só sabe aquela brincadeira do pau. O cavalo eles sabe aquele da argola, punha argola enfia um pau na argola., tá brincando, ganhou aquele que põe na argola. tem a brincadeira de pegar na boca. Põe um colar no chão, bem no meio, ninguém acerta, tem outro acerta, tem outros não acerta, vai até, até pegar na boca, depois põe no chão de novo (pernas afastadas com inclinação do tronco, a mão não pode tocar o chão), depois já vem o outro. Essa brincadeira era para brincar qualquer hora, na festa,

(O K bebia muita água ?) - toma um pouquinho, por causa daquelepegar filho mais pequeno, filho do Paraguai, do Terena, por causa da guerra, agora que já tem gente brasileiro, mas, é de lá. Pois é, pois é, bebe água só um pouquinho por causa disso, ele não come quando ele vai lá, ele não toma, ele não come. Daí a pouco acaba ele não tem água, daí a pouco frio, a gente Kadiwéu quando tem frio tem que tomar banho no corpo, quando chega a noite esquento no fogo.

(Quando eles jogam futebol não bebem água?) – Ah, não bebe! Não bebe, quando vai parar a brincadeira ai que vai tomar água, quando ele tá parado, não está brincando. Se beber água vai ter dor, vai dar dor-de-barriga, quando vai correr, quando vai correr bastante, bastante (apontava para o lado direito da barriga). Não pode mais correr porque a barriga tá cheia. Quando a barriga tá vazia corre.

(Desde cedo a mãe ensinava a não beber muita água?) – K come poquinho, tudo forte. (o que fazia para ficar forte)cobra d' água, o couro da cobra sucuri, amarra aqui (pulso), amarra quando é criança, quando é homem já tá(isso é uma coisa que dá força). É remédio, qualquer um, homem e mulher pode amarrar, índio Kadiwéu é mais forte.(Come comida boa, amarra o couro da sucuri, luta, corre de madrugada), longe, não cansa nada, não cansa, todo dia K para correr pegando cavalo,todo dia Kadiwéu. Agora não tem nada, não brinca nada. K tudo ficava brincando. Tudo dia que não tem sol, tudo dia que não tem briga tudo dia era assim, brincando.agora não tem nada, sábado tem jogo, futebol. K todo dia tem aquele tal da peteca, brincar um pouco, correr, fazendo, tudo dia tá brincando.

(Mas tinha os cativo fazendo comida?) – antigamente ninguém sabia varrer, ninguém sabia podar alguma fruta, agora quequando nasceu a flor, caiu, faz sabão (há uma árvore que todos indicam como o sabão dos K) como sabão em pó, lavava a camisa, sabão não tem, esse é sabão de índio, é coisa boa!

(E no corpo passava esse sabão?) – acho que barro, no corpo acho que não, na cabeça passava barro, antigamente, o corpo ficava limpo. Antigamente era abem forte, comia carne de bicho, jacaré, capivara, todo dia peixe (para ficar forte era comida, correr, ...) aquele tal de jatobá, mel,comia banha de jacaré, que deixa forte, agora não tem nada. (Os homens tão forte, hoje em dia?) -brasileiro tá forte,

(E para virar homem mesmo, o que os homens faziam quando dava 15 anos?) – quando o raspazes para virar homem com 15 anos, aprende tudo já, aprende, (namorar, sexo) na hora de moço, mulher já casava, guri pequeno já casava, na hora de 20 anos ai sabe de tudo já, ai da para casar.

(Mulheres me ofereceram faixa masculina) – mulher não usa isso, só homem, por causa que a gente vai trabalhar, é perigosa a dor aqui (apontou a virilha, hérnia, põe a faixa porque o homem carrega peso), quando põe faixa não dói nada aqui. Quando não tem faixa a barriga e perigoso cair.

MAXIMINO DE FARIAS

31 anos, sou professor e ajudado na parte de Esporte, negócio de fazer corrida de atletismo, vôlei e também as crianças da escola para o ano que vem, as crianças de 9 até 13 anos de idade nós vamos treinar eles para no futuro ser atletas, porque agora, atualmente já tem bastante pessoas de idade que joga futebol, do atletismo eles não tem muito conhecimento, mas, agora eles estão tendo conhecimento porque eu estou ensinando, porque tive um pouco de orientação quando estudei em Campo Grande, fui atleta e participei dos jogos de lá. Nesses jogos abertos de Corumbá eu treinei os atletas de atletismo, teve 100, 400, 1500 metros e o pessoal foi bem colocado, teve medalha de 2º lugar nos 100 metros e 1500 ficaram em 3º lugar. (Os K eram de correr de madrugada, qual esporte é mais próximo da cultura de vocês) – bom desde que o esporte é o futebol é o mais conhecido.

(Como eram as brincadeiras dos K no passado?) – no passado eu lembro quando era criança a nossa brincadeira era brincar no mato, aqui era mato fechado, nós brincava de caititu e caçador, então nossas bolas era de mamona, a gente pegava e jogava, acertava e o caititu tem que morrer. Então nós se ajuntava e brincava bastante. Era uma brincadeira que corria e matava, corria no mato. Depois disso o esporte que nos brincava era jogar futebol, mas, só que nossa bola era aquela laranja grande de casca grossa. Nós amontoava uns 20 e corriamos, aqui era gramadinho, agora já está sujo, tinha uma porteira ali e então ali era um gol e nós fazíamos um outro gol bem aqui, enchia de gurizada, conforme a laranja ia partindo nós pegávamos outra laranja. Isso deve ter, tenho 31 hoje, mais ou menos 6, 7.

(Quem trouxe o futebol para a aldeia?) – no momento não sei.

(E dos antepassados as brincadeiras das festas você participou?) – eu participei de uma brincadeira ainda, quando a moça festa, então à noite dança bastante o joga-bunda, é uma dança, o nome da dança que tem vários ritmos. Então, depois, o músico toca uma música para touro, então, a gurizada saia reбуçado, colocava um pano na cabeça e saia que nem touro, abaixado, e quem queria jogar soco, brincar disso, batia nas costas e levantava e ia jogar, lutava. O soco podia pegar em qualquer parte mas eles miravam mais no rosto da pessoa, derrubava no queixo, alguém apartava quando via que ninguém vencia, quando um acertava bem na testa do outro, às vezes caía, às vezes não. Isso não dava briga depois porque era uma brincadeira, tudo isso daí era esporte no passado, nunca foi sério.

(E hoje em dia, você que coordena o esporte e a cultura, o que vocês estão praticando do passado ainda?) – olha, tem a coisa do cavalo que eles praticavam. (como é feita, é a dinheiro), tem aposta no dinheiro, e de ano como no Natal agora, essa corrida é na pista de avião e ainda na festa-da-moça alguns ainda brincam de touro, de dar soco. Carreiras é só para homens. (E no futebol tem mulher?) – no futebol já tem mulher, começou nesses tempinho agora, antigamente as mulheres não jogavam, só os homens.

(Como vocês estão pensando em organizar o esporte aqui dentro?) – hoje o esporte está bem concorrido porque já está aumentando os times, antigamente tinha dois times aqui na aldeia. Hoje, tem 5 times de futebol, porque é o que mais pratica. Desses 5 todos são bons, são ótimos, tem bons jogadores e sempre eles estão fazendo torneio entre eles. Tem alguns índios que entendem um pouco de arbitragem. (Os jogadores entendem as regras ou cumprem o que o juiz apita?) - eles cumprem o que o juiz determina porque eles não estão por dentro, não entendem muito bem a regra do futebol mas tem pessoas que entendem.

(Como vocês se organizaram, você é o que?) – eu sou um tipo de preparador, preparador físico não digo, físico só em certas partes. Eu treino eles, só atletismo e o vôlei que vou treinar para o ano que vem para os jogos abertos do ano que vem. Eu tenho um timinho de futebol, mas só que acabou a nossa bola e eu tenho três timinhos de crianças de 9 até 12 anos de idade, mas, nossa bola acabou e nós paramos de treinar. O ano que vem nós vamos começar a erguer de novo nosso time de gurizada, da escola. (Vocês incluem os velhos, os novos, como é?) – nesse time só gurizada.

(Porque os K estão gostando de esporte?) – porque acho que aqui na aldeia é o único divertimento para eles, de fim de semana, é o esporte, porque de 2ª a 6ª eles não saem, ficam em casa mesmo trabalhando, então, chegou fim de semana, de manhã, no sábado alguns vão para a igreja, à tarde não tem nada para fazer, eles vão jogar futebol e as pessoas vão lá e assistem. No domingo também de manhã as pessoas vão para a igreja e à tarde é sempre livre, eles vão todos assistir o pessoal jogar futebol.

(E outras atividades da cultura vocês não misturam?) – não, não mistura, só em época de alguma festa. (como chamava o que é o torneio na cultura?) - eu não conheci, meu pai, eu não descobri como era. (você só está trabalhando com a cultura da cidade) – não, estamos trabalhando com isso (na organização de vocês não entra a cultura tradicional),

não entra não, não sei daqui para frente, pode tentar. (vocês pensaram das mulheres ceramistas inventar um troféu Kadiwéu de peteca e vocês fazerem um torneio, as regras estão com o Daniel, tem rede, é parecido com o vôlei) - seria um bom jogo esse daí para o recreio da gurizada, por uma corda, eu não sei a altura da corda mais ou menos (tem a regra com o Daniel). Eu cheguei a jogar peteca entre nós.

(Desses jogos abertos vocês participaram quantos?) - de 4, só em Dourados que nós não fomos. Eles (fundeaporte) leva o que vem determinado para ir, acho que 20 pessoas ou 30. Nós a 1ª vez não fomos preparados para atletismo, fomos preparados só para o futebol, atletismo, corrida, não fomos preparados, eles não ganharam nada, correram na hora sem preparo. (fazem chave, como você sabe com quem vai jogar) - é feito lá mesmo na hora, é um torneio, é rápido.

(O que significou perder para os K?) - olha, eles mesmos sentiram meio humilhado, porque em Miranda, Campo Grande, Goiânia, não ganharam nenhuma medalha, em São Paulo ganharam a medalha de participação, então, eles sabiam que não estavam preparados para o atletismo, para o jogo de vôlei, levaram só um time de futebol os jogadores saíram da competição. Nesses jogos de Miranda também não foram preparados para corrida, só futebol, agora em Corumbá já foram mais preparados no atletismo e no futebol e trouxeram uma medalha de natação, de 1500. (quem treinou natação) - ele não foi treinado, porque ele vive, esse rapaz que nadou, ele veio da aldeia Tomázia, lá existe córrego, açúde, ele é ótimo nadador, ele já é preparado e sabe nadar muito bem e ele conseguiu chegar em 2º lugar, a região é de água, tem muito lago enorme para tomar banho, nadar. (e a cachoeira que vocês trancaram aqui na aldeia) - é muito raso e pequeno, só se fizer um represa.

(O que as lideranças falam quando vocês perdem, os Guaicuru?) - as lideranças quase que não intrometem no futebol, mas eles gostariam que sempre ganhassem, mas, o que podem fazer, perderam, pode ficar só lamentando, o que pode fazer, tem que melhorar mais, mais preparado para os próximos jogos.

(E o cartão vermelho, vocês recebem muito?) - ate que eles não receberam nenhum cartão vermelho por enquanto. Que eu saiba não receberam não, mas, amarelo receberam bastante. (fazem que tipo de coisa) - eles são muito violento, tem jogo de corpo mais pesado e (o cartão amarelo é pelo jogo de corpo mais duro) - é mais duro, eles são mais forte fisicamente do que os outros índios, digo os índios do Mato Grosso do Sul né. (a hora que pegam o embate com os guarani, com Terena) - é, nós temos mais fisico do que esses outros, mas só que não sei que problemas que nós temos que não conseguimos ganhar ainda. Eu acho que é falta de orientação como falam, prática tem, mas, não tem a teórica. (Falta o que da teoria) - é falar para eles as regras, tipo desse jogo que vão fazer, esse tipo de coisa que está precisando, agora jogar futebol eles sabem, então falta seguir alguma coisa. (conhecidos como bons estrategistas, será que não falta tempo para vocês conversarem) - acho que falta sim, falta conversar, eles conversam bem pouco, mas, jogam muito futebol. (vocês seguraram por 300 anos a invasão, eles tinham até arma-de-fogo, vocês passavam até o dia inteiro combinando, conversando e hoje em dia vocês...) - acho que hoje em dia não estamos tendo tempo de sentar e conversar, nós tivemos umas 2 reuniões aqui na sala-de-aula para conversar com os atletas, acho que 2 dias levou mais ou menos uma hora de conversa, ai acho que não tem quase dado. (a conversa foi dos jogos) - foi mais do futebol mesmo, como que eles iriam entrar em campo, quais os atletas que iriam fazer isso e aquilo, as combinações, só que foi dois dias, uma ou duas horas só cada reunião.

(Você sente diferença no comportamento do jogador antes de ter time e agora com o time?) - em relação aos jogadores daqui, agora já não tão mais, já jogam bem, já não são brutos um com o outro, antigamente eram bem violento um com o outro. Eu lembro disso daí, inclusive teve um que quequebrado, quebrou a perna, mas, agora de tanto assistir futebol pela televisão. O pessoal assistiu a copa do mundo pela televisão, eles achavam ótimo, muito bom, eles aprenderam alguma coisa, acho, todos os jogos do Brasil eles estavam em massa, inclusive a rapaziada, as crianças queriam todos os dias, todos os jogos, mas, tinha aula de manhã e à tarde e ai não dá. (a fita dos jogos de Goiânia, o que acharam) - eles acharam ótima, inclusive eles querem assistir mais vezes, eles não assistiram toda fita, acharam super-legal, ajuda as tribo, acharam muito importante esse tipo de brincadeira, de esporte como aquela corrida da madeira, o huka-huka.

(E dentro da cultura K como vêem o beber água, não beber?) - como assim? Olha isso daí quem educa seus filhos são o pai e a mãe desde criança, eles não comem determinada carne porque faz mal quando crescer, ficar rapazinho, por exemplo, se eles beber pouca água para ficarem rapaz... para a criança não sentir sede quando ficar adulto tem que comer coração de jabuti e eu acho que é valido, porque quando eu era criança eu comi e quando eu estou jogando futebol não sinto mais sede e quando também estou andando a cavalo não sinto mais sede. Sinto sede depois de certas horas. Hoje em dia você vê pessoas que jogou um pouco já tá com uma sede, vai logo....quer dizer não foi preparada pelos pais quando era pequeno. (você fala isso para a equipe que você treina) - a gente sempre fala, uns conselhos, agora não sei se os pais levam a sério, mas eu sempre falo para eles. (tem um jeito especial de pegar o jabuti) - não, eles tem dois tipos de matar o jabuti, assado ou cortar ele vivo, tirar aquela casca debaixo dele, sai, tira o coração dele, parte quando ainda está batendo, se tiver coragem de comer ele interirinho, crú, é melhor ainda, pode cortar no meio e comer as duas partes, eu comi. É só os meninos porque os meninos andam muito, caçam.

(Você usou a sangria para a cãibra?) - Não, até agora não usei. (expliquei) - acho que a gente não vai usar mais. (o que faz quando os atletas estão com cãibra) - é difícil os atletas pegarem cãibra, é bem difícil, só pega cãibras nas pessoas que tem mais ou menos uma idade já. Ai começa pegar, agora esses rapazes de 20 anos não estão pegando cãibra.(para dor no corpo, o que fazem na cultura) - dor no corpo? Eu não sei o que eles fazem porque a gente faz um tipo de exercício ou então cada um vai embora, não sei se eles fazem no outro dia. (do que é feito o treinamento) - a gente não entrou no ritmo, a gente começou mais ou menos depois dos jogos abertos de Corumbá, a partir do ano que vem que a gente vai treinar

com 6 meses de antecedência para os próximos jogos. Agora nesses jogos que passou não treinaram, por pouco tempo foi treinado só os atletas.

(Antigamente eram as festas, como vocês chamam hoje quando vão fazer o futebol?) – olha a gente chama como o pessoal chama, vamos fazer um torneio de futebol. (não usa mais festa) - não, usa torneio. (o que mais estão pensando) - estamos pensando em construir uma quadra aqui para o pessoal jogar futebol-de-salão porque eles não praticam. Nesses jogos que passou tinha, em Corumbá não teve mais, nó pretende fazer uma quadra, mas, não sei que tipo de ajuda. A gente vai caçar algum patrocinador para fazer uma quadrinha para o pessoal treinar, para o pessoal conhecer aqui dentro da aldeia e jogar aqui dentro, porque em algumas aldeias já tem quadra já, de futebol-de-salão juntamente com o vôlei, é um esporte muito bom, de velocidade, rapidez.

(Você acha que isso está ajudando os jovens?) – tá tendo mais sossegado, antigamente tinha maishoje em dia já está acabandotem pouco, 5 por ai, só, na faixa de 20 jovens na faixa etária de 15 até 18 anos, solteiro, 5 no meio deles que estão rebelde, não totalmente, mais ou menos. Antigamente existia mais, tá acabando. (você sente que está acabando e esses meninos foram embora) - é que alguns já casaram e vão criando mais juízo e esses poucos que estão restando tão vendo que as pessoas não estão mais fazendo esse tipo de luta né, então, eles vão indo do lado dos outros, ao invés de bagunçar e os outros falam que não quero não, eles querem levar alguém, mas, saem fora deles, então não tem como.

(Você participa da ACIRK, com o esporte?) – não, eu represento a parte da educação e ajudo Daniel na parte do esporte, do preparo dos atletas, a parte de educação é minha área, quando tem alguém que quer saber de educação e quando tem reunião para fora eu sempre estou indo.

(Quando você vai em jogos o que o povo fala ao ver os Guaicuru?) – eu fui só uma vez, nos 1º jogos abertos, nos outros eu treinei, mas, não acompanhei. Agorar para o ano que vem pretendo ir. (se deixar de fazer coisas da cultura vocês deixam de ser índios) - Não, não deixa de ser índio. (as festas de antigamente) - ainda tem família que segue aquelas regras ...(passa para os filhos o conhecimento da cultura) - passo, não falo a língua apenas entendendo.

(Mostre os jogos posicionados geograficamente) – o jogo de peteca eu vou colocar na escola. Eu sabia fazer peteca, meu pai me ensinou, não sei se ainda sei. (sugeri o torneio com troféus internos). - queria agradecer pela vinda aqui para pesquisar essas coisas do passado e ver como está atualmente, às vezes a gente tenta resgatar esse jogo da peteca que vai ser muito importante, que você sempre venha e traga alguma coisa e a gente tá ai para responder alguma coisa.

ALBERTO LESCANO, 27, Kadiwéu, família Matchua, goleiro.

(Participou das festas?) – Peguei, dia dos índios e tinha outra, dia 2 de junho. Vi a festa do Navio, a última foi em 90, mas não me lembro mais. Só assisti, era de menor, os velhos que acompanhava. (Jogou peteca também?) – joguei, quando era pequeno o brinquedo era só isso. Jogando bola de meia, embrulhava um pano redondinho para a gente jogar. Com 9, 10 anos até 12anos brincava de peteca, bola e outras que inventava.

(Quando começou a querer virar goleiro?) – com 16 anos, era pequeno e ficava no golzinho que a gente fazia e fui gostando. Não fui frangeiro. (Quem treinava?) – na época estudava no colégio aqui mesmo, nesse colégio e o prof. dava uma dica para nós. (Ilca e João Baroni) e depois fui para a cidade estudar. (comentou que desmaiaram o Feijão – não índio – naquela semana). (O pessoal chuta forte no gol para você também?) - chutam, eles não alisam o goleiro não, se não chutar forte o goleiro pega e é mais fácil.

(Sua vontade de jogar futebol, você andava a cavalo e jogava futebol também?) – é, os dois que mais faço, que gosto. (O que sente quando está no gol e todo mundo gritando?) – sei lá, fico um pouquinho emocionado, às vezes escapa um gol daí, daí a torcida grita goleiro frangeiro, goleiro não presta, ai fico meio chateado.

(Os K falam conselhos?) – falam porque você não pegou, não deu. (É importante ganhar quando você entra, entra para ganhar quando joga?) – entro para ganhar, se não entrar para ganhar fica bem rebaixado o time. (quem rebaixa o time) – a torcida, o técnico fica nervoso fala que não esforçou para ganhar o jogo, mas tem que ficar forte, senão você sabe.

(O que você treina para ser goleiro?) – de vez em quando a gente vai no campo dar uma treinada, os caras vão lá treinar o goleiro. (como eles treinam) – chutando bola e fazendo a física. (o que é a física) – física já vem desses, já vem de fora, desses jogadores que a gente assiste dos times para fora, na cidade. (não é do K essa física) – não, para chutar a bola já pega do outro, pegar a bola, fazer a física. Alguns pega daqui mesmo para treinar. (fazem exercícios antes?) – faz corridinha, se aquece, para aquecer o corpo. (sai quebrado do jogo, cansado?) – sai sim, cansado, perna doida, braço. Sai cansado quando termina o jogo. (vocês bebem água durante o jogo) – não bebe. (como é essa coisa da água para o K)- o negócio da água é que minha mãe falou que quando acaba de comer, os K não, o pai não deixa tomar água na hora, porque daí fica cansado. Correu um pouquinho já quer tomar água. (quer dizer que corre, mas não tomar água) – não pode, daí enfraquece, enfraquece o corpo. (você usa esse costume).- eu uso porque minha mãe fala e dá certo, porque senão muita gente sai aqui para baixo, na época de seca não tem água, corrida a mesma coisa, se dá vontade de água e não tem não toma não.

(como vocês correm, de madrugada) – de madrugada, no campo, na estrada mesmo, onde achar que é bom para fazer força, não bebe água que prejudica mais um pouco. (é da cultura isso) – é, vem da cultura (você se sente guerreiro) – sinto, me sinto guerreiro. (como você se sente) – a gente quando os antigos, os mais velhos conta para nós do guerreiro, vão ensinando como que vai ser, aprender. (você vê o jogador de futebol é um guerreiro) - isso ai é bom porque quando a gente vai correr no mato, qualquer coisa ai, já é o físico não fica parado, agüenta ir longe de a pé correndo, o guerreiro é forte resiste a longa distancia, qualquer coisa agüenta, não fica para trás.

(corrida de longa distancia para vocês é de quantos Km). – nós não mede, não tem jeito, a gente vai longe, muito longe, a gente não sabe quantos Km. (come o que para ser forte). – muita caça, carne. (hoje em dia você consegue comer caça) - consegue, tranquilo, come o que a gente consegue matar, eu caço, alguém da família, pai, irmão, veado, caititu, anta, jacaré, quando na beira do mato, jabuti mata no mato e come lá mesmo e continua. (você tem vontade de ser profissional) - tenho sim, mas com 27 anos é difícil achar, se fosse com 12 assim.

(Quantos times foram para Corumbá) - daqui foi só um time, lá acho que tinha uns 10 times, tudo índio, time de mulher e dos homens, (vocês jogaram quantas vezes) – jogamos só uma vez, porque fomos sorteado, não entendo essa coisa de chave, de regra entendo um pouco, jogamos 1º era tabelado, jogamos com a aldeia Buriti (Terena), perdemos, no pênalti no tempo normal empatou zero a zero. O jogo foi de 15min. Descansava 3 minutos. (vocês que decidiram o tempo do jogo). – não, lá mesmo, a fundesporte que definiu. Dava de 1º a 3º lugar. (nesses jogos vocês não decidem nada) – como assim? (tinha outros esportes) – tinha cabo-de-guerra, flecha, lança, fomos com atleta para correr 100 metros, 1500, tinha pulo-a-distância. Nós participamos de cabo-de-guerra, futebol, 100, 1500, flecha, lança. Flecha foi o Bento e o outro que só sei o apelido, ele não foi o 1º nem o 2º, eles saíram fora também. No cabo-de-guerra ficamos em 2º, são 5 pessoas no-cabo-de guerra. Natação ficamos em 2º, foi o Ailtom, ele não mora aqui, ele nadou por segundo parece. Agora não sei se é 1000 metros ou 400, era naquele rio de Corumbá.(não tinha piranha) - Acho que não, ele tirou em 2º, futebol foi no estádio de Corumbá, corridas foi no quartel, flecha foi dentro do estádio. (organização) - não estava bem organizado, dentro do estádio não tinha água, todo mundo estava reclamando, nossos cabeçante se reuniu para conversar com os dirigentes do estádio, da prefeitura para conversar com os organizadores que estava mal organizado. (porque fizeram esses jogos) - o ano passado saiu em Miranda, foi mais bom, esse é o 4º jogo a 1ª vez foi em Campo Grande. (qual era o que vocês queriam ganhar mais) - era todos (riu) mas nós conseguimos o 2º lugar, 3º, nós queria ganhar todos (porque os K querem ganhar todos) - para chegar mais alegre aqui, para chegar se o pessoal perguntar se ganharam ou não, porque quando chega fica todo mundo para saber como foi a festa. (o pessoal vem tudo aqui para saber). – não, quando chega no outro dia vão na casa. Quem foi vai lá perguntar, ai fala conseguimos só 2º lugar e ai pergunta do futebol, ai falamos que perdemos, perdemos no pênalti, no campo normal batemos 0 a 0, foi de Buriti, eles acertaram 2.

(tem feito treino para pegar bola no canto, de pênalti) - eu não estava bem treinado porque não era eu para ser o goleiro, era o Isaias, quando chegou bem na hora ele falou que não dava para ir, como eu ia indo para jogar no campo eles pediram para eu ficar no gol para eles porque não tem outro. Falei, não tem problema, mas não estava treinado. (você passou por algum ritual para virar homem) – como assim, (como a festa da moça) - não, homem não tem festa não, não sei se tem, vou lembrar, não tem não, na minha época não tem. (não falam para você ser guerreiro) – falam para ser guerreiro, se souber que a gente já aguenta, alguma coisa, para fazer força, os mais velhos já leva para ensinar como são as coisas. Antigamente ensinava, os mais velhos que ensina, porque a gente não sabe nada. (você está pronto para ensinar seu filho) – Ah, já. Minha mãe sempre, até agora quando esquecemos, mãe vai explicando para os filhos como é os K. (e a mãe ou o pai que explica) - é porque eu não tenho pai, é falecido só tenho mãe e padrasto, ela é K puro, ela explica direto como era o sistema do K, vão contando. A gente fica escutando, ouvindo quando chega a hora.

(para casar o que seus pais te passaram para um filho ficar, como faz um corpo no K) – como assim? (vocês tem o mito de terem saído do buraco, de carne já, não de barro como os evangélicos, quando casa o nenem fica com a coluna firme) - não sei essas coisas por que casei pela 1ª vez.. (quando está com dor no corpo) - cata remédio do mato ou passa graxa de algum bicho, para melhorar, a cãibra, dá minha mãe diz quando a gente come qualquer coisa, a carne de vaca quando é pequeno não deve comer, mais a carne da perna da vaca, quando a gente era pequeno não podia comer que aquilo que dava cãibra. Os antigo conta que furava o pênis com osso de bicho Já não alcancei mais os furos só tem historia. (você nunca quis experimentar esse processo) – nunca quis (riu) acho que deve doer porque fura, não pode chorar, já nasce para ser homem tem que ser homem, (se não for homem é o que) – ai é mulher! Que não agüenta dor. (o homem tem que mostrar que ele é corajoso) – é tem que mostrar que é corajoso, tem que agüentar tudo, hoje não é mais assim.

(todos entendem a regra do jogo de futebol) – tudinho, eles entendem a regra do futebol, tem o juiz que é quem mais manda no campo, ele apitou tem que parar. Para ser juiz tem que entender, se não entender cada um chuta não vai mais na bola vai na perna, vai no adversário, o juiz tem que entender um pouco também para apitar certo. (todo mundo respeita) – todos respeitam quando entra no campo fala quem manda é o juiz, não tem nada que reclamar, senão manda sair para fora. (vocês brigam muito durante o jogo) – não, não tem briga não, é muito difícil, não existe. (o pessoal toma alguma coisa) – não.

(tem alguma concentração antes do dia do jogo) - para jogar, no campo mesmo? Só se junta fala para jogar direito, não tem nada para discutir nada, se alguém estiver bravo não liga nãorespeitar o juiz, só isso. (você pretende continuar goleiro) – pretendo. Agorinha eu estava conversando com o primo, acho que vai ter um torneio e vamos treinar para o Natal. Acho que não vai ser time de fora, a estrada está muito ruim, tem o pessoal da Sumatra (assentamento), o pessoal da cidade de Bodoquena, da Morraria. Vem só num dia, joga e vai embora. (eles são como vocês não bebem água ou esses costumes são só dos K) – são só dos K, agora esses são diferentes o purunga de água deles estão na beira do campo (rimos), acho que é garrafa térmica que falam. (vocês não bebem) – não, mantém firme. Os caras falam você não vai agüentar. (ninguém ficou doente por não beber água) – não,

(os K estão gostando de futebol) – estão gostando porque é uma diversão para o jovem, encontra no sábado, domingo todo mundo se encontra para brincar, jogar futebol então a gente gosta, quem mora longe vem. (porque não fazem torneio de peteca) – quando eu era mais criança nós fazíamos, ainda faz ainda. (sabe que peteca é um esporte) – não sei. É um esporte, porque nós brinca mais na casa da gente. (quando você fala brincava de peteca, e joga futebol são a

mesma coisa, é diferente) – acho que mesma coisa, peteca brincando a gente fala a mesma coisa da bola só que é diferente, já é no pé, o outro é na mão. (futebol também é uma festa) – é uma brincadeira, nós fala brincando jogar bola, não fala festa, fala brincadeira, brincar com o outro time, jogar. Marca o dia e encontra para jogar.

- Aqui tem outro esporte, a Maia também (onde aprenderam) - minha mãe falou que esse vem de natureza já, desde quando conhecia o mundo a malha já existia. Quando não tem futebol, nós tinha Maia mas ficamos sem maia, perdemos, lá no futebol tem campo de maia e futebol, quem não jogava, joga maia, brinca lá. A Maia é mais no braço, dá uma esticada na costela, tem que fazer força para jogar. (os K sempre tiveram muita brincadeira, qual mais, além da peteca, maia, mandioca,) – brinquei na frente da escola, na festa do índio, era um campo de futebol, ia ajeitando a gurizada por tamanho e brincava de mandioca, brincava de ema, uma fila comprida e um de lá vem falando: lá eles tem que falar tudinho, se falar errado eles vai surrar quem está o mais último lá detrás, os da frente tem que acudir, fica só segurando, ainda tem essa brincadeira. Com o cavalo é jogar carreira, fazer, ir por ai galopando para ir treinando para não cair dele, tem que treinar muito para montar rápido e dirigir, conduzir ele.

(os K sempre foram de ter brincadeira) – você assistiu a festa do navio, meu irmão tem fita gravada, o Osmar tem 3 ou 4 fitas da festa do começo ao fim. Quem filmou foi o Marcos Soares. De São Paulo.

MARTIMIANO DE ALMEIDA, 33 anos, fui convidado e faz parte da liderança.

(fez campinho de vôlei na sua casa) – eu fiz para melhorar a apresentação do índio Kadiwéu no próximo convite dos jogos indígenas assim nós vamos aprendendo mais o vôlei. (nos jogos indígenas vocês jogam o que) – incluído jogo de flecha, natação, jogo de vôlei, jogo de campo, é que a gente nunca fez uma representação bonita agora nós vamos tentar melhorar para mostrar que o K na verdade existe. (lá fora não falam do K) – falam só que o K nunca fez uma representação bonita, que eles pensam que a gente vai fazer uma representação bonita, na hora não existe o que eles pensam .

(porque você acha que vocês não atendem o pensamento da sociedade lá fora) – porque sempre eles avisa sempre em cima da hora, ai não tem aquela organização que deveríamos fazer, nunca ganhamos num jogo indígena como os outros ganham o 1º lugar. (os outros treinam) – treinam melhor. (você não) - não, porque não tem um treinador físico por exemplo (mas os outros índios também não tem) – tem, porque eles tem mais entendimento de futebol, entende melhor. (você joga futebol, entende as regras)- não, não entendo. Eu joga porque eu gosto de jogar mas eu gostaria de entender as regras para jogar. Vôlei até arrei uma rede e pedi para você ensinar a regra. (lá fora vocês jogam vôlei) – nunca jogamos, ninguém entende! (só joga futebol)- é mal e mal a gente joga futebol.

(e a organização esportiva, porque o K está tão interessados em jogo) – porque que nós estamos gostando, porque jogo de futebol é esporte agora e todos os índios tem que ter aquela representação. (quem pede essa representação) – os que mandam o convite são os organizadores de fora (a comunidade gosta de assistir) – gosta, muito, mulher, homem, criança. (e os jogos da tradição) – qual? (as festas da tradição) – da festa do dia do índio é só em abril, a gente brinca aquelas dança de índio, você já viu né Marina. (mas não pude ficar lembra) -

(agora para essas çças novas o que você está passando para eles) – passando que tem que não pode deixar de ser índio, vão aprendendo o que a gente aprendeu. To passando para eles falando para eles estudar porque mais tarde vai precisar esse estudo. Estudar e não deixar de ser índio, esse é meu pensamento. (você se considera índio) – considero, sou porque sou da Reserva, falo a língua, sei tudo as coisas aqui, nunca deixamos de ser índio, você vê que aqui nunca deixa de ser índio nunca entrou um branco aqui. (e todo mundo gostar demais de futebol não deixa de ser índio) – não, não deixa não, não tem nada de deixar de ser índio. (você gostam muito de brincar) – é, foi, nós temos sempre. (o pessoal da sua idade joga peteca) – joga pouco. (você sabia que peteca virou um esporte)- virou. (tem o modo do índio e tem do outro modo) – porque o Marcelino jogou ontem né? – é na sua casa como você fez o campinho? – pedi opinião do Hilário (ele é conhecedor de esporte) – ele conhece. Roçamos, marcamos e ontem jogamos. (Maximino entende) – tenho 3 filhos (porque você quis fazer o campo na sua casa) - .depois você vai na minha casa. (está entrevista foi em troca de uma bola de vôlei).

JOSIEL MORAES BARROS, 9 anos, filho da dona Pedrosa, joga futebol, considerado um dos melhores jogadores.

(quando começou a jogar futebol) – agora. (onde aprendeu) – aqui mesmo, lá no campinho.(como sabe que joga bem) – o professor. (quem joga bem faz o que) -(não respondia o que interrompemos a conversa).

ROSINEI MORAIS DE BARROS

Irmão dele, 12 anos, joga futebol com ele – (como é jogar bem) – quer dizer que a gente toca muito e a gente dá uma librada, énos outros vai indo até que marca o gol. (quem é o artilheiro) – eu nunca fiz gol. O Rosinei é tramado para fazer gol, diz dona Pedrosa (como faz para fazer gol) – a gente toca primeiro, eu libro daí eu toco no gol. (o goleiro não segura suas bolas) – é muito difícil. (quem é goleiro aqui) – é o filho do Mauro e o filho do Hilário. (você librou faz gol)- é porque ele é canhoto, diz Pedrosa. (o que mais você fazem campo) – toque de bola.

(qual a brincadeira que mais gosta – descontração com as çças) – dançar; - bate-pau; - boneca; - subir no pé da árvore; - tourada; - jogar bola. (e qual brincadeira que não é dos K) - jogar vôlei; jogar bola; - jogar malha.

(Pedrosa falando sobre a malha) – antigamente a brincadeira era essa, o pai gostava, a menina gosta, todo jogo que ela faz cai a lata, então eu mando ela aprender, porque não é só guri que tem que aprender.

(quem treina vocês) – O Maximino. (como é o treinamento de guri com 9 anos) – de manhã, 8 horas, vamos no campo de jogar bola, nos fazíamos física quando jogava com o Feijão. Física é treino, todo dia eles iam de sábado em

sábado. Pedrosa explicou: fazia física de jogar mesmo. (é importante um menino saber jogar bola)- a prender a jogar bola e pode contratar as pessoas para jogar no time. Compra no time do técnico. Por isso que nós joga.

Pedrosa: e se tem um índio para jogar aqui, vai longe! As meninas não jogam, é muito difícil não aprende. (o menino que joga é guerreiro) – quantas horas de treino. Das 8 às 11h. Física é ginástica com o braço, com a perna esses índios que sabe, que é professor, esses ensinam, fica de bruço, faz tudo, eles ensinam, espicha o braço, jeito de correr, decerto para amolecer os nervos da gente. (o corpo dói) – não (quem apita) – tem vez que é o Martinho (você sabem as regras) – não sei não! (Pedrosa: eu acho que esse aí quando eles jogam e cai, apita. Parou ele apita de novo. O Martinho, pessoas eu assisti uma vez a brincadeira, não se foi, foi bonito). (e as regras, porque apita, não entende?) – não. (o professor ensina para vocês) – de vez em quando ensina. (como vocês sabem o que ele apita) – porque quando sai fora eles apitam, quando vai gol eles apitam. (você segue pelo apito) – é ! isso mesmo. (Pedrosa) – é isso mesmo! Quando ele chegou se ganhou pára. Se ele não apita continua jogando. Tem tudo tipo de jogo aqui.

(futebol é brincadeira) – é uma brincadeira. (brincadeira tinha apito antigamente) – Pedrosa: - não ! esse negócio de bola antigamente não existia. Nunca da minha vida! Sempre eu lembro meu esposo que nós nunca brincamos esse negócio de bola, agora que nós estamos vendo. Eu mesmo sou velha D. Marina, eu não entendo jogo de bola! Não entendo! Eu vou, fico olhando, fico olhado, já vou indo, não me influi! Eu faço que nem ver televisão: eu chego lá, dá uma soneira, já vou saindo, não me interessa, não sei. Porque antigamente nosso brinquedo era cera, osso de cavalo, fazia boneca, osso de jabuti. O tanto que nós achava de osso nós pegava. Fazia nosso avião! Nosso avião era aquele espinhaço de cavalo, mas fazia nosso avião. Agora não brinca mais, conto para meus filhos, finada minha bisavó era aquelas antiga, velha, de couro de veado, agora não, agora já vê boneca é todo tipo.

(gostou de jogar esse jogo) – eu gosto! (o que sentem) – eu não sinto nada. (Pedrosa: sente uma alegria, do corpo. Parece eu antigamente, quando eu estou na brincadeira eu tenho uma alegria como as meninas, eu acho que faço assim esse negócio de jogo por eles. Quando eles estão no jogo eles não querem mais nem almoçar. Passa a hora do almoço, vem as vezes de noitinha com fome. Eu acho que é assim porque é esse negocio de bola). (eles bebem muita água)- eles bebem (Pedrosa: antigamente os K engolia figado de jabuti para não ter sede agora a criançada já não tem mais) – (você comeram figado de jabuti) – (param no meio do jogo para beber água) – para, pelo menos um minuto, desanda tudo. (treina o goleiro) – treina, chuta no gol. (o que vocês olham para chutar no gol) – depende do goleiro, se não for bom ele mais olha na bola do que na pessoa. (e quando está passando o toque e sai para gol) – eu toco para o outro e aí ele marca gol.